CARTAS DE UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM EM CONSTRUÇÃO

história, experiência formativa e afeto na Assessoria Pedagógica Universitária

Amanda Rezende Costa Xavier
Adriane Franco Duarte
Flavia Wagner
Michelha Vaz Pedrosa
Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz
Walêska Dayse Dias de Sousa



Pedro & João editores

Cartas de uma comunidade de aprendizagem em construção:

história, experiência formativa e afeto na Assessoria Pedagógica Universitária

Coleção Memórias GEAPU
Volume 2

Pedro & João
editores

Amanda Rezende Costa Xavier
Adriane Franco Duarte
Flávia Wagner
Michelha Vaz Pedrosa
Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz
Walêska Dayse Dias de Sousa
(Organizadoras)

Cartas de uma comunidade de aprendizagem em construção:

história, experiência formativa e afeto na Assessoria Pedagógica Universitária

Coleção Memórias GEAPU
Volume 2

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Amanda Rezende Costa Xavier; Adriane Franco Duarte; Flávia Wagner; Michelha Vaz Pedrosa; Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz; Walêska Dayse Dias de Sousa [Orgs.]

Cartas de uma comunidade de aprendizagem em construção: história, experiência formativa e afeto na Assessoria Pedagógica Universitária. Coleção Memórias GEAPU. Volume 2. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 205p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-3277-5 [Digital]
978-65-265-3278-2 [Impresso]

DOI: 10.51795/9786526532775

1. Pedagogia Universitária. 2. Assessoria Pedagógica Universitária. 3. Assessor Pedagógico da Educação Superior. 4. GEAPU. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Nicole Cavalcante Duque Gredilha Coelho
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

APRESENTAÇÃO

A Assessoria Pedagógica Universitária[1] tem sido, ao longo do tempo, construída com comprometimento e persistência, mesmo à margem da valorização institucional que caberia lhe ser devida. Ao longo do tempo, os assessores pedagógicos da educação superior trabalharam em relativo isolamento institucional, habitando espaços distintos, ocupando funções diversas e respondendo a demandas frequentemente invisíveis e afastadas da natureza de seu autêntico trabalho, a dimensão pedagógica. Mas, em face de inquietações comuns que buscavam modos de fortalecer pedagogias comprometidas com a aprendizagem, com a inclusão e com a transformação da educação superior, os assessores buscaram o encontro. E, para promover esse encontro, nasce o GEAPU[2].

Mais do que um grupo de estudos, o GEAPU constituiu-se, ao longo dos anos, como uma comunidade de aprendizagem. Aprender, nesse contexto, deixa de ser apenas acumular conhecimentos sobre a Assessoria Pedagógica Universitária para se tornar um exercício coletivo de *aprender a ser* assessor pedagógico da educação

[1] Nesta obra utilizamos como sinônimos os termos Assessoria Pedagógica Universitária e Assessoria Pedagógica da Educação Superior.

[2] Quer participar do GEAPU? Acesse o grupo:

superior. E as páginas deste livro emergem exatamente desse movimento de permanente aprendizagem.

No primeiro volume da Coleção Memórias GEAPU[3], contamos a história de nascimento do Grupo. Nesta obra, continuamos a registrar sua existência formativa por meio de cartas, promovendo evidências de que o GEAPU construiu um território de autoformação de assessores pedagógicos. As cartas reunidas nesta obra, e apresentadas no capítulo 5 sob autoria de Adriane Franco Duarte, narram a trajetória de encontros entre 2025 e 2026.

Mas, antes de alcançarmos as cartas, encontramos no primeiro capítulo exatamente esse percurso de 6 anos em que se desenvolveram trilhas de aprendizagem, que, ao buscar a ampliação do horizonte profissional dos assessores, promoveram a construção deste território de autoformação. Da sustentação teórico-metodológica às práticas do exercício profissional, das questões tecnológicas às questões relacionais, da institucionalização à humanização das relações, muito se pôde aprender no GEAPU. O capítulo se inicia com o exercício de teorização da função, buscando evidenciar essa complexidade que exige um processo de permanente aprendizagem por parte dos assessores pedagógicos.

Nesse processo de constituição de território, movimentos de autoria e de posicionamento político-pedagógico são revelados no segundo capítulo, assinado por Walêska Dayse Dias de Sousa. O Manifesto dos

[3] Obra disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/cartas-de-uma-comunidade-de-aprendizagem-em-construcao-contando-uma-historia/

Assessores Pedagógicos do Ensino Superior[4] trouxe uma perspectiva de validação e legitimação da função, que confere voz e visibilidade aos assessores pedagógicos, face ao desenvolvimento de uma atividade institucional estratégica como o assessoramento pedagógico.

Também o Projeto GEAPULab, apresentado no capítulo 3 por Maria Angelica do Carmo Zanotto e Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz, ofereceu um percurso formativo de expansão de horizontes, abordando o autocuidado e o reconhecimento do eu pessoal aliado ao eu profissional, num exercício de busca de equilíbrio. Inovação e criatividade compuseram este espaço, permitindo aos assessores identificar possibilidades de atuação producentes de diferenças relacionais profundas em suas instituições.

Todo o trajeto evidencia que muitos foram os momentos de troca de experiência ao longo da vida do GEAPU. Momentos produtores de conhecimento e de reconhecimento. Momentos de aprender com a prática, de ressignificar concepções. O capítulo 4, de autoria de Michelha Vaz Pedrosa, apresenta como a experiência de estar e vivenciar o GEAPU transformou perspectivas, horizontes e atuação de uma assessora pedagógica universitária.

Temos insistentemente reforçado que o trabalho dos assessores pedagógicos, ou seja, o serviço de assessoramento pedagógico na educação superior, se alicerça no campo da Pedagogia Universitária. E 2026

[4] Leia o Manifesto dos Assessores Pedagógicos em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81062024000100317

marcou o ano em que nossa grande referência deste campo nos deixou, a querida Professora Maria Isabel da Cunha. Não há como falar em Pedagogia Universitária de modo desvinculado da produção ímpar dessa referência. Não há como pensar Assessoria Pedagógica sem referenciar Mabel. Da contribuição teórica às relações humanas-humanizadoras-humanizadas (permitam-me uma releitura bourdieusiana), Mabel nos ensinou o exercício da transposição, que toma consciência das adversidades do campo e da função, mas que se qualifica para a elas oferecer respostas justificadas e sustentadas teoricamente.

É por tudo isso que o capítulo 6 deste livro, assinado por Amanda Rezende Costa Xavier e Flávia Wagner, e seus subcapítulos com assinaturas próprias, representa um tributo à nossa referência, Professora Maria Isabel da Cunha. Cartas elaboradas por pessoas que com Mabel conviveram, na orientação ou na vida, dão-nos o sentido da produção de conhecimento que se assenta nas relações humanas. Se somos, devemos também a ela.

Encerramos esta obra com o capítulo 7, num vislumbre de futuro para o GEAPU. Talvez seja esse o verdadeiro significado de uma comunidade de aprendizagem em construção: não um grupo que caminha em direção a um ponto de chegada previamente conhecido, mas uma coletividade que aprende enquanto escreve seus próprios caminhos.

Este livro é, portanto, um registro de percursos, mas também de vozes. Um movimento de continuidade. A produção que apresentamos aqui conta sobre o que fazemos, mas também sobre o que estamos nos tornando e, sobretudo, sobre aquilo que ainda desejamos construir.

Porque comunidades podem produzir conhecimento. Comunidades podem produzir pertencimento. Mas outras comunidades, as mais valiosas, conseguem produzir ambos. E confiamos que GEAPU seja uma dessas preciosidades.

Amanda Rezende Costa Xavier
Inverno de 2026

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 **15**
TERRITÓRIO DE AUTOFORMAÇÃO: O GEAPU E SUA ATUAÇÃO NA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS ASSESSORES PEDAGÓGICOS
Amanda Rezende Costa Xavier

CAPÍTULO 2 **49**
HISTÓRIA DO MANIFESTO DOS ASSESSORES PEDAGÓGICOS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS: CONSTRUÇÃO E POSSIBILIDADE
Walêska Dayse Dias de Sousa

81
CAPÍTULO 3
PROJETO GEAPULAB: ESCUTA EMPÁTICA, INOVAÇÃO E CUIDADO NA ASSESSORIA PEDAGÓGICA UNIVERSITÁRIA
Maria Angelica do Carmo Zanotto
Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz

CAPÍTULO 4 **103**
EXPERIÊNCIA DE VIVER A COMUNIDADE GEAPU
Michelha Vaz Pedrosa

CAPÍTULO 5 **109**
CARTAS GEAPU: ENCONTROS DE 2025 E 2026
Adriane Franco Duarte

CAPÍTULO 6 **149**
TRIBUTO A MABEL: SUA HERANÇA PERMANECE
Amanda Rezende Costa Xavier
Flávia Wagner

Carta 1 – Carta para minha orientadora, Maria Isabel da Cunha **153**
Flávia Wagner

Carta 2 – Uma prosa com Mabel **162**
Walêska Dayse Dias de Sousa

Carta 3 – Carta escrita para a minha querida Mabel! Um local, muitos dias, num determinado ano... **172**
Maria Antonia Ramos de Azevedo

Carta 4 – Carta para Mabel **176**
Elisa Lucarelli

CAPÍTULO 7 **183**
PRESENTE E FUTURO DO GEAPU: ALGUMAS REFLEXÕES
Walêska Dayse Dias de Sousa
Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz
Amanda Rezende Costa Xavier

SOBRE AS AUTORAS **195**

Capítulo 1

Território de autoformação: o GEAPU e sua atuação na qualificação profissional dos assessores pedagógicos

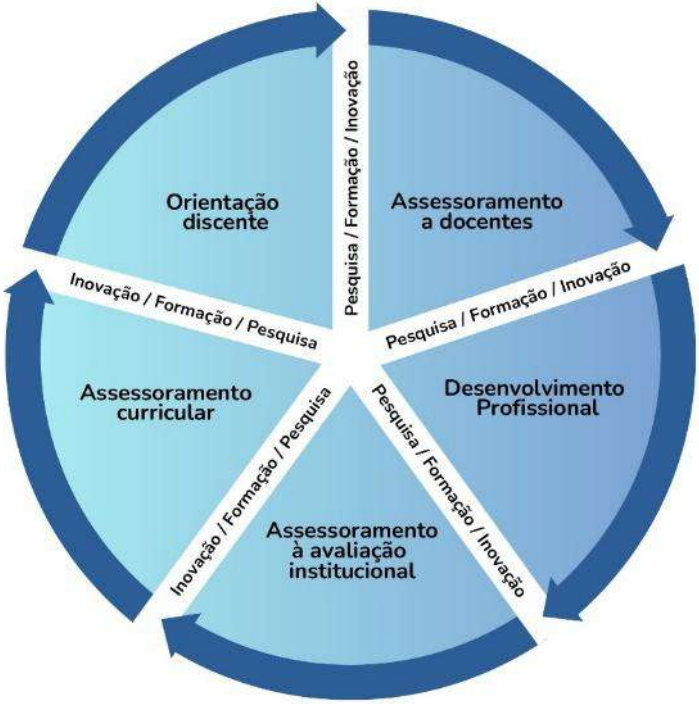
Amanda Rezende Costa Xavier

O serviço de assessoramento pedagógico na educação superior caracteriza-se por sua transversalidade em relação aos diferentes campos de conhecimento, ocupando, nesse nível de ensino, o lugar da Pedagogia Universitária. A dimensão pedagógica transpassa todas as áreas de conhecimento quando nos referimos à prática educativa, validando um serviço que deve ultrapassar as fronteiras de áreas, reconhecendo a existência de didáticas especiais, "as didáticas das disciplinas" (Bedoya, 2005, p. 181), as "dimensões plurais do ensino" (Behares, 2011, p. 348) e a pluralidade das "pedagogias múltiplas" (Cunha, 2006, p. 351) que habitam os campos de conhecimento.

Porque dialoga com a dimensão pedagógica, o assessoramento pedagógico é um serviço que se ocupa da qualidade dos processos de ensinar, de aprender e de avaliar na educação superior. Ao se ocupar da excelência formativa, esse serviço articula diferentes frentes de atuação relacionadas à dimensão pedagógica, que exigem planejamento e fundamentação teórico-metodológica para serem bem desenvolvidas, fazendo dialogar diferentes atores do processo pedagógico. Nesse sentido,

temos defendido que a Assessoria Pedagógica, para assim se caracterizar, necessita de ter um rol de atribuições característico do serviço de assessoramento pedagógico, como a seguir está apresentado.

Figura 1 – Rol de responsabilidades da Assessoria Pedagógica Universitária



Fonte: Xavier, 2019, p. 299.

Reconhecemos, contudo, que esse modelo articulado de organização institucional da Assessoria Pedagógica que temos defendido ainda não é plenamente identificado nas instituições. A análise das experiências institucionais tem evidenciado uma tendência à organização das diferentes frentes de assessoramento pedagógico em

estruturas e serviços institucionais distintos. O próprio termo Assessoria Pedagógica[1], legitimado pela literatura do campo da Pedagogia Universitária, poucas vezes é adotado nas instituições de educação superior (Xavier, 2019; Xavier; Azevedo, 2020; Xavier et al., 2021), o que, aliado à ausência institucional de definição da função e de reconhecimento de um lugar da dimensão pedagógica, colabora para uma fragilidade normativa, de legitimidade e de reconhecimento institucional deste setor (Xavier; Cunha, 2024; Xavier; Cunha, 2025).

Não obstante, ainda que essa realidade seja o que tradicionalmente tem se observado nas instituições de ensino superior, continuamos a defender que a Assessoria Pedagógica é o lugar da Pedagogia Universitária, e por assim ser é preciso que suas frentes de trabalho, que transpassam a dimensão pedagógica na educação superior, sejam articuladas e façam dialogar diferentes atores. Essa articulação e diálogo criam possibilidades e caminhos que reverberam na melhoria dos processos de ensinar, de aprender, de avaliar e avaliar-se, colaborando para a excelência formativa almejada na instituição. É nesse sentido, portanto, que assumimos cada uma das frentes de trabalho que compõem o rol de responsabilidades da Assessoria Pedagógica, como antes apresentado.

Ainda como temos defendido (Xavier, 2019), esse rol de responsabilidades deve ter como eixo estruturante a

[1] Temos utilizado o termo Assessoria Pedagógica da Educação Superior como equivalente ao termo Assessoria Pedagógica Universitária, de modo a também englobar outras organizações administrativas que ofertam o ensino superior, a exemplo dos Institutos Federais.

formação, em sentido amplo. Toda frente de atuação da Assessoria Pedagógica necessita ser compreendida como uma ação formativa, que cria espaços

> *para entrar a debatir a fondo la adecuación universitaria a la sociedad, sobre la función cultural que se ejerce, sobre el compromiso social necesario y sobre la difusión del conocimiento académico. Y cómo la formación puede favorecer ese debate. Ello implica realizar un análisis crítico de lo que se está realizando en las aulas universitarias y asumir la capacidad de generar nuevas alternativas* (Imbernón, 2011, p. 390).

Compreendemos, deste modo, que a formação é um eixo transversal de toda atuação e responsabilidade das Assessorias Pedagógicas, porque todas as ações e frentes de trabalho sob sua responsabilidade "devem se orientar à construção, manutenção e efetivação de espaços formativos [...] e sua inserção em determinada cultura institucional e epistemológica" (Xavier, 2019, p. 299). Trata-se, assim, de uma formação fundamentada na prática de pesquisa, amparada científica e metodologicamente em processos de produção de conhecimento no campo das Ciências Humanas, que permita a inovação pedagógica e curricular, em que "*los actores transitan procesos de cambio que los implican como sujetos*" (Lucarelli et al., 2000, p. 12). Compreende categorias analíticas que expressam condições e caraterísticas da prática, em que se concebe inovação pedagógica como: ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender; gestão participativa; reconfiguração dos saberes; reorganização da relação teoria/prática; perspectiva orgânica no processo de concepção, desenvolvimento e avaliação da experiência

desenvolvida; mediação e protagonismo (Cunha, 2008, p. 24-27).

É nesse sentido, portanto, que o serviço de assessoramento pedagógico toma como objeto de trabalho – compreendido esse trabalho no âmbito da sistematização e desenvolvimento, pesquisa e intervenção – a construção de espaços formativos que supram a carência "de uma reflexão teórica capaz de tornar consequente a tomada de decisões" (Cunha, 2010, p. 151) pedagógicas realizadas cotidianamente, no exercício de um ensino que deva produzir não somente formação técnica-profissional, mas, principalmente, aprendizagens significativas (Chamlian, 2003). Um trabalho que apoia decisões e escolhas cotidianas,

> desde escolher o que ensinar em virtude dos conteúdos clássicos e das pautas urgentes da sociedade até práticas pedagógicas que se distanciam ou aproximam dos problemas reais da sociedade. Desde o inovar e se surpreender com novas possibilidades pedagógicas e curriculares com matrizes interdisciplinares até a busca de espaços de discussão da docência. Desde o auxílio ao estudante em aulas com aprofundamentos teóricos até aulas com uma formulação técnica que possa ter uma disrupção com técnicas de bancada ou de campo usuais distantes de compromissos socioambientais. Vão da proposição de planejamentos que inserem temáticas atuais até a possibilidade de ouvir e acolher, tanto em aula como em práticas profissionais futuras, transcendendo o circunscrito ao aqui e agora, e habituando os alunos a ouvirem os grupos com os quais venham a atuar profissionalmente, alinhando às demandas deste projeto de universidade (Massabni, 2026, p. 1).

Por esta lógica, reconhece-se, então, que a construção de espaços institucionais de formação didático-pedagógica é a frente de trabalho mais característica do

serviço de assessoramento pedagógico na educação superior. Essa frente tem o processo de desenvolvimento profissional docente como objetivo, e decorre de tal processo a qualidade do ensino ofertado e a excelência formativa institucional. Corresponde essa frente de trabalho, no serviço, "a contextos históricos e institucionais *que* [...] espelham as compreensões teórico-metodológicas relacionadas ao desenvolvimento profissional docente e ao melhoramento das práticas de ensinar e aprender (Cunha, 2015, p. 2983, *grifo meu*). Deste modo, perpassa um entrelaçamento com os processos de planejamento e desenvolvimento didático do ensino presente na atuação docente, exigindo a construção de espaços de formação didático-pedagógica que tem a aprendizagem permanente da docência como finalidade.

Há que se reconhecer que, em uma sociedade cuja transformação é acelerada, principalmente em decorrência das profundas evoluções tecnológicas, das mudanças de perspectiva e tempo, do perfil do alunado, das exigências profissionais dos professores e da universidade (Imbernón, 2011), "*la formación como un importante factor de entender la incertidumbre y el cambio*" (Imbernón, 2011, p. 391).

Assumimos como necessária, assim, a compreensão de que não basta "ter" formação inicial, ou "ter" alguma formação para a docência, sob uma ótica quantitativa e de certificação; é premente a ideia de "estar em formação", termo que cunha o sentido de formação em serviço que acontece entre pares, de aprendizagem permanente da docência, de busca por suporte teórico-conceitual que orienta e permite justificar as decisões pedagógicas. "Estar em formação" permite criar condições para lidar

com as alterações geracionais, socioeconômico-culturais e de expectativas laboro-profissionais que habitam a aula e representam uma realidade contextual absolutamente heterogênea.

Outra frente de atuação constante do rol de responsabilidades da Assessoria Pedagógica (Xavier, 2019) está na promoção de ações de orientação discente, também sob a perspectiva formativa. Nesta frente de atuação, o serviço de assessoramento pedagógico deve planejar e desenvolver propostas de formação pedagógica que constituam espaços de aprendizagem de competências requisitadas ao ofício de estudante da educação superior. A partir dessa frente, o serviço de assessoramento faz dialogar necessidades formativas demandadas por ambos os atores do processo de ensino e aprendizagem, professores e estudantes, criando entrelaçamentos que potencializam tanto o ensinar quanto o aprender. Deste modo, essa

> responsabilidade (...) aciona o outro ator do processo de ensino e aprendizagem, sem o qual não se podem determinar soluções e intervenções coerentes para as questões áulicas. Ao se apoiar os estudantes, por um lado se ouve, sob outro enfoque, as demandas pedagógicas que afetarão o processo de ensino e de aprendizagem, e, por outro, assessora-se as definições institucionais relativas às questões da permanência e do sucesso acadêmico (Xavier, 2019, p. 298).

E é a partir dessa concepção que o conceito de serviço de assessoramento pedagógico universitário se diferencia[2] do serviço denominado apoio pedagógico

[2] Para a construção dessa diferenciação conceitual agradeço, imensamente, a validação concedida através da leitura amorosa e

discente, que tem ocupado espaços em pró-reitorias de assuntos estudantis de muitas instituições de ensino superior brasileiras.

Na compreensão de assessoramento pedagógico universitário aqui desenvolvida, a frente de atuação na orientação discente compõe o rol de responsabilidades da Assessoria Pedagógica e implica em um trabalho articulado entre múltiplas facetas da dimensão transdisciplinar do pedagógico na educação superior. As frentes de trabalho deste rol não se configuram como atividades isoladas, destinadas a um único público; configuram-se como distintas frentes que se entrelaçam, na medida em que são percebidas como complementares para a excelência formativa institucional. É um movimento que, tomando a formação como eixo transversal da prática de assessoramento, faz dialogar estudantes e professores, como antes dito, atendendo à qualificação do processo de ensino e aprendizagem como elementos indissociáveis.

Neste sentido, ao passo que a promoção de espaços de formação pedagógica docente tem o desenvolvimento profissional como objeto de trabalho, a formação pedagógica discente objetiva promover a qualificação dos processos de aprendizagem dos estudantes, direcionando à excelência formativa que resulta em sucesso acadêmico. Ambos objetivos são mantidos sob a perspectiva do

---

avaliação criteriosa das amigas de caminhada e profissionais do campo, Dra. Waleska Dayse Dias de Sousa, assessora pedagógica da UFTM, e Dra. Michelle Cristine da Silva Puentedura (que em sua produção científica também responde por Michelle Cristine da Silva Toti), pedagoga da UNIFAL-MG e responsável pelo serviço de apoio pedagógico discente da PRACE.

serviço de assessoramento pedagógico universitário, cada um deles atendidos por uma frente de trabalho constante das responsabilidades da Assessoria Pedagógica.

Experiências de serviço de apoio pedagógico discente (Toti; Dias, 2020), por sua vez, têm-se vinculado essencialmente ao desenvolvimento acadêmico discente, tendo as políticas de permanência estudantil como fundamento de seu trabalho, visando à redução do insucesso acadêmico e da evasão (Fonaprace, 2012). Esse serviço compreende ações institucionais voltadas ao acompanhamento dos processos de aprendizagem dos estudantes, à sua integração acadêmica, ao desenvolvimento de autonomia, à promoção da permanência e do sucesso acadêmico estudantil (Toti; Dias, 2020). Incluem ainda "aspectos cognitivos e emocionais, e que se associam a melhorias no processo de aprendizado e, consequentemente, impactam a decisão de permanecer no ensino superior [...]", podendo "contemplar um grande leque de ações e devem possuir uma atuação multidisciplinar, composta por conhecimentos da educação, psicologia, serviço social, educação física, sociologia e saúde" (Dias; Toti, 2023, p. 209). "Os serviços de apoio ao estudante no ensino superior são entendidos, atualmente, como parte indispensável da estrutura do sistema educacional", em que "pensar serviços a partir da interdisciplinaridade contribui no atendimento aos estudantes de forma integral" (Dias; Toti, 2023, p. 232). Há, inclusive, estudos que já se debruçam sobre o perfil dos profissionais dos serviços de assuntos estudantis (Toti et al., 2025).

Assim, percebemos pela atual produção deste campo e pelas experiências institucionais, que, de modo diverso

do que temos denominado por assessoramento pedagógico, o serviço de apoio pedagógico discente tem uma finalidade e um público específico para atendimento; ainda que esse serviço trabalhe com a formação pedagógica que pode alcançar também os professores, ele não se ocupa com a responsabilidade de promoção de desenvolvimento profissional docente, se ocupa com a finalidade de promover permanência estudantil. Portanto, o atendimento, o acompanhamento e a permanência dos estudantes determinam seu objetivo de trabalho.

Neste sentido reside a diferenciação a que nos propusemos: enquanto o assessoramento pedagógico universitário é uma função que necessariamente perpassa por múltiplas frentes de atuação pertencentes ao campo pedagógico[3], estabelecendo diálogo incontornável entre múltiplos atores e objetos de trabalho, o serviço de apoio pedagógico discente se ocupa do atendimento ao estudante de forma integral. Constitui-se, portanto, em atividade que tem como específica a atuação com os estudantes, tendo seu sucesso e permanência como mote do trabalho.

Ainda por referenciarmos o rol de atribuições da Assessoria Pedagógica (Xavier, 2019), reconhecemos também seu envolvimento com a construção curricular, porque não há como se pensar em um processo educativo

[3] Perpassar por múltiplas frentes do campo pedagógico significa que, mesmo que não consiga integrar todas as frentes de atuação propostas no rol de responsabilidades definidos por Xavier (2019), ainda assim articula frentes daquele rol, ocupando-se de diferentes objetos de trabalho e estabelecendo diálogo formativo com múltiplos atores do processo pedagógico.

sem considerar o planejamento curricular direcionado a uma missão institucional formativa, intencionalmente humana, e socialmente referenciada. Que profissionais queremos formar? Que profissionais queremos entregar à sociedade? São essas questões que devem estar ligadas ao serviço de assessoramento pedagógico quando em sua frente de atuação curricular, em orientação aos grupos docentes responsáveis pela construção de projetos pedagógicos de curso (PPC), documentos estes que são a expressão do currículo, ou em atividades de gestão, cujas decisões curriculares influenciam toda a instituição e direcionam ao atendimento da missão estabelecida no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Na responsabilidade de assessoramento curricular, questões de planejamento e desenvolvimento de projetos pedagógicos, quer de cursos (PPC), quer institucionais (PPI), assim como de planos ou programas de ensino, contemplam saberes normativo-legais, teórico-metodológicos, didático-pedagógicos, que alicerçam a formação acadêmica ao mesmo passo em que dialogam com saberes epistemológicos das áreas de conhecimento. Refere-se a uma

> ação que apoia as decisões pedagógicas dos professores, em grupos colegiados, protagonizando discussões e transformações nos projetos e, por consequência, nas concepções e práticas sobre ensino, pesquisa e extensão, inovação [...] (Xavier, 2019, p. 298).

Nesse exercício de mediação da construção curricular, o serviço de assessoramento pedagógico na educação superior se entrelaça às práticas pedagógicas (Lucarelli, 2004), permitindo-lhes um caráter dialógico, essencial à ação formativa intencionalmente

transformadora, a práxis pedagógica, que busca valorizar modos diversos de ensinar e de aprender (Shor; Freire, 1986). Nesta lógica, o serviço de assessoramento configura-se em exercício de intervenção da prática pedagógica, a partir de ações de conscientização sobre a prática, conferindo sentido ao processo educativo, e qualificando a tomada de decisões pedagógicas (Sacristán, 1995; 2000).

Importa destacar, contudo, tal como apontamos no serviço de apoio pedagógico discente, que é recorrente identificar setores responsáveis por análise de PPC nas instituições, mas que não se responsabilizam por outras frentes da dimensão pedagógica. Tais experiências setoriais, tradicionalmente, exercem funções de ordem técnica, tendo, portanto, a análise técnico-normativa como seu objeto de trabalho. Trata-se de um trabalho imprescindível, porque traz garantias de atendimento normativo na proposição dos cursos da instituição, consolidando o atendimento a dispositivos de legalidade. Entretanto, a natureza formativa que transpassa o serviço de assessoramento, que envolve o diálogo entre atores do processo pedagógico, como antes referido, não representa uma necessidade intrínseca desses setores. Nestes casos em que a análise curricular ocorre de maneira isolada de outras frentes de atuação pedagógica, visualiza-se uma outra organização institucional, a qual não comporta a denominação de Assessoria Pedagógica, pois todas aquelas características de articulação e formação não estarão presentes.

Finalmente, referenciado na dimensão pedagógica que, dentre outros fatores institucionais, sustenta a qualidade e excelência da educação superior, o serviço de

assessoramento pedagógico alça papel estratégico junto à gestão. Nesta frente, busca dar suporte à análise e à intervenção em situações identificadas por meio da avaliação institucional. Seja do ponto de vista das políticas de ensino, como do ponto de vista das práticas pedagógicas que concretizam o processo educativo, o serviço de assessoramento deve reconhecer especificidades que caracterizam a cultura institucional, propondo redimensionamentos que podem contribuir com respostas interventivas e eficazes em relação ao aprimoramento da dimensão pedagógica.

A partir desse constructo, que determina responsabilidades profissionais intrinsecamente articuladas à dimensão pedagógica, torna-se possível a percepção de que não é qualquer setor que, por si só, caracteriza-se como Assessoria Pedagógica. Se o campo pedagógico não for a missão primordial de um determinado setor, a ele não se deve denominar Assessoria Pedagógica. Essa determinação deve estar diretamente ligada à natureza do trabalho diário, expressamente vinculada com frentes que articulam a dimensão pedagógica e seus múltiplos atores. Deve desenvolver funções que exigem um exercício de intervenção e mediação, de proposição que interfere no ato educativo, de formação pedagógica em diferentes cenários e contextos, sob caráter de transversalidade como ora referido.

Tendo por referência a natureza de seu trabalho, e como concebido que a formação é um eixo transversal da Assessoria Pedagógica, reconhecemos que o assessor pedagógico na educação superior pode ser compreendido como um formador de formadores. Suas práticas podem

ser desenvolvidas a partir de diferentes configurações, dentre as quais

> a configuração de organizador da formação *[que]* se dá no planejamento, sistematização e estabelecimento de uma rede de parceiros que realizam as formações junto aos professores, cujas expertises atendem aos objetivos formativos. A configuração de articulador *[que]* acontece quando a formação, além de ser planejada e sistematizada, conta com a mediação e articulação do assessor, atuando na formação junto ao pesquisador que tem a expertise no trabalho com os docentes. Nesta configuração, compete ao assessor a condição de fundamentar o espaço de reflexão na cultura institucional e nas demandas internas dos docentes, em relação aos diferentes momentos de assessoramento que permeiam o tema de discussão e teorização. A configuração de formador *[que]* é aquela em que o próprio assessor é quem desenvolve a formação, sendo dele requisitada a expertise no tema de formação para que seja possível a construção de um espaço que resulte em novos saberes junto aos docentes envolvidos (Xavier; Cunha, 2025, p. 4, *grifos meus*).

Mas, ainda é recorrente a dúvida sobre quem tem a legitimidade para exercer a função de assessor pedagógico. Temos defendido a ideia de que não há um cargo específico que define a atuação na função, isto é, não basta ser professor do magistério superior ou pedagogo, ou, ainda, técnico em assuntos educacionais, para exercer a função. É preciso que esta função seja ocupada por profissionais que detenham formação e concepções que orientam um serviço de assessoramento pautado no domínio dos saberes do campo pedagógico, transpondo fronteiras, respeitando culturas e epistemologias dos diferentes campos de conhecimento (Xavier, 2019).

Um estudo sobre o perfil profissional dos assessores pedagógicos (Xavier; Cunha, 2024) apresentou-o como

diversificado, não se constituindo necessariamente a partir de um determinado cargo em específico. Embora a maioria dos participantes da pesquisa realizada por Xavier e Cunha (2024) ocupasse cargos de pedagogo ou técnico em assuntos educacionais, as autoras evidenciaram a existência de uma multiplicidade de áreas correspondentes às formações iniciais dos assessores, bem como de cargos ocupados pelos profissionais responsáveis por esse serviço. Os resultados da pesquisa indicam, portanto, que a ocupação da função se configura para além de um vínculo com determinada categoria profissional ou cargo específico.

Assim, buscamos defender, em toda nossa linha de argumentação, por meio das concepções que expusemos, que a função de assessoramento

> deve ser ocupada por quem tem condições de desenvolvê-la, e não por detenção de determinado cargo dentro da universidade; esta função deve ser desenvolvida em decorrência da concepção do trabalho formativo a ser executado pela Assessoria Pedagógica, porque, independente de cargos, há muitos modos de operacionalizar o assessoramento, e, então, o que fará diferença, provocando ou não sucesso e legitimidade da atuação, são as concepções adotadas e a formação para a função, não o cargo de origem do assessor pedagógico universitário (Xavier, 2019, p. 316).

Reconhecemos, portanto, que, por um lado, a legitimidade para a ocupação da função deve ser conferida àqueles que demonstram cuidado interventivo e cientificidade do campo pedagógico, referenciando sua singularidade (Fernández, 2004) e respeitando a coexistência de diferentes pedagogias, próprias da epistemologia de cada campo de conhecimento (Cunha,

2019). Essa condição deve ser conferida àqueles que revelam investimento em um trabalho valorativo do processo e não do produto, cuja busca pela promoção de convivência do coletivo conduz à apreensão da cultura e de valores pedagógicos. A legitimidade para a ocupação da função não se reduz, portanto, a práticas que revelam implementação de rotinas burocráticas, receituários tecnicistas ou prescrições teóricas, mas diz respeito ao reconhecimento de uma condição coletiva própria dos processos educativos (Chartier, 2007).

Por outro lado, a legitimidade somente será concedida ao assessor pedagógico que se reconhece como um ser aprendente, na mesma medida em que espera essa condição de aprendente dos demais atores do processo pedagógico. Se "quem forma se forma e re-forma ao formar" (Freire, 1996, p. 25), os assessores pedagógicos, enquanto formadores de formadores, "são chamados a formar-se para bem desempenharem sua missão de educadores inovadores" (Alarcão, 1993, p. 19). E é nesse sentido de qualificação permanente em serviço, objetivando a autoformação do assessor pedagógico, e cujo alicerce se encontra no campo da Pedagogia Universitária, que nasce o GEAPU, Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária.

A história do nascimento do GEAPU foi contada em obra anterior (Xavier; Antonello; Azevedo, 2025). A trajetória do Grupo "concretizou oportunidades de profissionalização do assessor pedagógico, fomentando a interação e o diálogo entre diferentes profissionais, a partir de suas distintas experiências institucionais de assessoramento pedagógico" (Xavier; Cunha, 2025, p. 5).

Assim, reconhecendo a vasta amplitude do serviço de assessoramento sob a perspectiva da dimensão pedagógica que aqui mencionamos, e motivado pela compreensão de que os assessores pedagógicos necessitam se reconhecer como profissionais em permanente aprendizagem, o GEAPU, ao longo de seus seis anos de vida, ofereceu uma gama de atividades formativas aos assessores membros do Grupo, sustentado pela compreensão de que é necessário

> encontrar processos que valorizem a sistematização dos saberes próprios, a capacidade de transformar a experiência em conhecimento e a formalização de um saber profissional de referência (Nóvoa, 1999, p. 18).

Trilhas formativas do GEAPU: uma linha temporal

Em um contexto em que o assessoramento pedagógico universitário se consolida como campo estratégico para a qualificação da educação superior, torna-se fundamental cultivar espaços que favoreçam o encontro, a reflexão e a construção compartilhada de saberes dessa função. Um espaço referenciado de autoformação para a função de assessor pedagógico; um território (Cunha, 2010; 2014) no qual cada assessor é convidado a revisitar sua trajetória, ampliar seus referenciais, e reconhecer ou fortalecer sua identidade profissional.

As atividades formativas do GEAPU fortalecem o encontro entre experiências, saberes e trajetórias profissionais. Esse encontro produz novos conhecimentos, apoiando e consolidando os processos de autoformação dos assessores pedagógicos universitários,

em um espaço contínuo de estudos, reflexão e desenvolvimento profissional. Ao fomentar a interação e o diálogo entre diferentes experiências, as atividades formativas favorecem a circulação de práticas, ampliando horizontes e perspectivas, dando voz e visibilidade a uma rede de assessores pedagógicos comprometida com a valorização e o reconhecimento institucional dessa função. Assim, ao reunir diferentes experiências institucionais, práticas e perspectivas, abre-se a possibilidade de tecer uma rede viva de interlocução, capaz de valorizar e dar visibilidade a essa função muitas vezes silenciosa, mas profundamente transformadora da vida universitária.

Nesse sentido, as atividades de formação desenvolvidas pelo GEAPU constituem possibilidades de trilhas formativas, ou seja, percursos formativos estruturados mas flexíveis, compostos por diferentes experiências e recursos articulados, que permitem alcançar objetivos de aprendizagem e promover o desenvolvimento de competências profissionais específicas (Freitas; Brandão, 2006). Trilhas formativas são aqui entendidas como caminhos de aprendizagem (UFBA, 2021).

As atividades elencadas a seguir objetivam demonstrar essas trilhas e expor a intencionalidade formativa do GEAPU ao longo dos anos.

Quadro 1 – Trilha de aprendizagem de 2020

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
1	Conferência	Assessoria Pedagógica Universitária: buscando a profissionalização da função	Profa. Dra. Maria Isabel da Cunha (Universidade Federal de Pelotas)
2	Troca de Experiência	Compartilhando experiências sobre o assessoramento pedagógico universitário	Profa. Dra. Sayonara Ribeiro (Universidade Federal de Lavras)
3	Seminário	As frentes de atuação do Assessor Pedagógico (tese de doutorado)	Profa. Dra. Lígia Carrasco (Centro Universitário Claretiano)
4	Troca de Experiência	Compartilhando experiências sobre o assessoramento pedagógico universitário	Pedagoga Ms. Vera Lucia Carneiro de Almeida (Universidade Federal de Sergipe)
5	Conferência	A formação pedagógica do docente universitário	Profa. Dra. Maria Antonia Ramos de Azevedo (Universidade Estadual Paulista)
6	Avaliação e Projeção	Avaliação das atividades e planejamento da agenda de 2021	Pedagoga Dra. Amanda Xavier (Unifal-MG) e membros GEAPU

Fonte: Registros Sistema CAEx/UNIFAL-MG GEAPU 2020

A trilha revela a possibilidade de aprendizagem em relação a conceitos e práticas, percorrendo: identidade e profissionalização do assessor pedagógico universitário → conhecimento e compartilhamento de experiências institucionais → compreensão das múltiplas frentes de atuação do assessor pedagógico → aprofundamento da relação entre assessoramento pedagógico e formação docente universitária → reflexão sobre a prática e planejamento de novos percursos formativos.

Quadro 2 – Trilha de aprendizagem de 2021

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
1	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor Pedagógico Universitário – A Pedagogia da Experiência na formação docente	Profa. Dra. Flávia Vieira (Universidade do Minho, Portugal)
2	Troca de Experiências	A atuação de Assessores Pedagógicos que trabalham em equipe x a atuação de Assessores Pedagógicos que trabalham individualmente	Profa. Dra. Maria José Flores (Universidade Federal de Minas Gerais) e Pedagoga Dra. Edna de Oliveira (Unifal-MG)
3	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor Pedagógico Universitário – Grupos Operativos no contexto do desenvolvimento profissional docente	Profa. Dra. Sandra Soares (Universidade do Estado da Bahia)
4	Troca de Experiências	A atuação de Assessores Pedagógicos que trabalham em uma área de conhecimento x a atuação de Assessores Pedagógicos que trabalham com múltiplas áreas de conhecimento	Pedagoga Luciana Oliveira (Unifal-MG) e Pedagoga Ms. Sarah Oliveira (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri)
5	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor Pedagógico Universitário – A teoria de Bourdieu e o *habitus* professoral	Profa. Dra. Marilda da Silva (Universidade Estadual Paulista)
6	Reunião de Estudo	Diálogo sobre as leituras com autoras das teses selecionadas	Pedagoga Dra. Juliana Santos (Universidade Federal de Ouro Preto)

Fonte: Registros Sistema CAEx/UNIFAL-MG GEAPU 2021

Importa destacar que a agenda formativa de 2021 apresenta uma trilha de aprendizagem distinta daquela desenvolvida em 2020. Enquanto a trilha inaugural focaliza a identidade e a profissionalização da função, a trilha de 2021 aprofunda fundamentos teóricos possíveis de apoiar e alicerçar o serviço de assessoramento pedagógico universitário, promovendo diálogos entre diferentes modos de organização do trabalho do assessor pedagógico. Há um movimento bastante claro de alternância entre fundamentação teórica e troca de experiências.

Quadro 3 – Trilha de aprendizagem de 2022

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
1	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor Pedagógico Universitário – Perspectiva da Didática Desenvolvimental na formação de professores universitários	Pedagoga Dra. Walêska Sousa (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)
2	Troca de Experiências	A atuação de Assessores Pedagógicos – a experiência da Unioeste	Profa. Dra. Sueli Comar e Profa. Dra. Elenita Manchope (Universidade Estadual do Oeste do Paraná)
3	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor Pedagógico Universitário – Comunidades de Aprendizagem como estratégia de desenvolvimento profissional docente	Profa. Dra. Diana Mesquita (Universidade Católica Portuguesa, Portugal)
4	Seminário	A atuação de Assessores Pedagógicos – a experiência da UNIOESTE (dissertação de mestrado)	Profa. Dra. Jaqueline Antonello (Universidade Estadual Paulista)
5	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor	Pedagoga Dra. Maria Angélica Zanotto

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
		Pedagógico Universitário – Planejamento para Compreensão, de Wiggins e McTighe	(Universidade Federal de São Carlos)
6	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor Pedagógico Universitário – Teoria Fundamentada em Dados	Profa. Dra. Sayonara Ribeiro (Universidade Federal de Lavras)
7	Avaliação e Projeção	Encontro de Avaliação e Planejamento	Pedagoga Dra. Amanda Xavier (Unifal-MG)

Fonte: Registros Sistema CAEx/UNIFAL-MG GEAPU 2022

A agenda formativa de 2022 revela uma nova inflexão na trilha de aprendizagem do GEAPU. Se em 2021 o foco esteve na construção de fundamentos teóricos para a atuação do assessor pedagógico universitário, em 2022 a trilha avança para a apropriação de referenciais teórico-metodológicos aplicáveis ao serviço de assessoramento, articulando-os às experiências institucionais percebidas nas práticas dos assessores. É uma trilha marcada pelo fortalecimento de bases teóricas e metodológicas possíveis ao trabalho e atuação do assessor pedagógico.

Quadro 4 – Trilha de aprendizagem de 2023

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
1	Grupo de Trabalho	Manifesto dos Assessores Pedagógicos das IES brasileiras	Pedagoga Dra. Walêska Sousa (Universidade Federal do Triângulo Mineiro) e Profa. Dra. Flávia Wagner (Universidade do Sul de Santa Catarina)
2	Laboratório	GEAPU-Lab: Laboratório de Inovação do GEAPU	Pedagoga Dra. Maria Angélica Zanotto (Universidade Federal de São Carlos) e Profa. Dra. Sayonara Ribeiro

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
			(Universidade Federal de Lavras)
3	Roda de Conversa	Criative-se!	Vinícius Aranha (convidado GEAPU-Lab
4	Roda de Conversa	Teoria U e SelfInnovation	André Cardoso (convidado GEAPU-Lab
5	Avaliação e Projeção	Avaliação GEAPU 2023	Pedagoga Dra. Amanda Xavier (Unifal-MG)

Fonte: Registros Sistema CAEx/UNIFAL-MG GEAPU 2023

Esta agenda marca uma mudança significativa na trajetória do GEAPU, evidenciando um certo nível de maturidade (e coragem) do coletivo. Enquanto os anos anteriores estiveram fortemente centrados na produção de alicerces para o serviço, pautados na fundamentação teórica, na profissionalização da função e no compartilhamento de experiências institucionais, em 2023 a proposta é assumir uma postura autoral, criativa e prospectiva, deslocando as ações para a compreensão da necessidade de posicionamento político-pedagógico dos assessores, de produção coletiva no campo, de adoção de processos de inovação e de criatividade. Essa trilha marca, simbolicamente, a passagem de um assessor pedagógico como profissional que apoia processos institucionais para um assessor pedagógico que é sujeito produtor de sentidos e partícipe da transformação com qualidade da universidade. Marca, ainda, o reconhecimento do sujeito integral, visto que é impossível dissociar o profissional do indivíduo e, desta forma, inicia processos formativos de autocuidado e respeito relacionados à própria pessoa do assessor.

Quadro 5 – Trilha de aprendizagem de 2024

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
1	Grupo de Trabalho	Frente Manifesto dos Assessores Pedagógicos	Pedagoga Dra. Walêska Sousa (Universidade Federal do Triângulo Mineiro) e Profa. Dra. Flávia Wagner (Universidade do Sul de Santa Catarina)
2	Laboratório	GEAPU-Lab: Agenda de Clínicas de Caso	Pedagoga Dra. Maria Angélica Zanotto (Universidade Federal de São Carlos) e Profa. Dra. Sayonara Ribeiro (Universidade Federal de Lavras)
3	Curso	Fundamentando a atuação do assessor pedagógico: identidade e saberes profissionais	Profa. Dra. Jaqueline Antonello (Universidade Estadual Paulista) e Profa. Dra. Lígia Carrasco (Centro Universitário Claretiano)
4	Curso	Comunicação Não Violenta no trabalho de assessoramento pedagógico	Profa. Dra. Flávia Wagner (Universidade do Sul de Santa Catarina)
5	Troca de Experiências	A Assessoria Pedagógica na Unipampa	Pedagoga Dra. Aline Luz e Pedagoga Dra. Caren Rossi (Universidade Federal do Pampa)
6	Workshop	ChatGPT no trabalho da Assessoria Pedagógica Universitária	Glauber Santiago (convidado GEAPU-Lab)
7	Curso	Fundamentando a atuação do Assessor Pedagógico Universitário: o papel dos assessores no encorajamento ao ensino e aprendizagem ativos no ensino superior	Profa. Dra. Sylvia Batista (Universidade Federal de São Paulo)
8	Avaliação e Projeção	Avaliação GEAPU 2024	Pedagoga Dra. Amanda Xavier (Unifal-MG)

Fonte: Registros Sistema CAEx/UNIFAL-MG GEAPU 2024

Em 2024, a proposta formativa do GEAPU revela um novo estágio de maturidade do coletivo. Se em 2023 o grupo avançou em direção à inovação, à autoria e à construção política do campo, em 2024 observa-se um movimento de consolidação desta identidade, associado à incorporação de competências relacionais e metodológicas cada vez mais complexas. A trilha articula dimensões políticas e clínicas, formativas e tecnológicas, identificáveis no serviço de assessoramento pedagógico como promotor de inovação pedagógica. Entre o ser e o fazer, o horizonte vai se expandindo nesta trilha de aprendizagem.

Quadro 6 – Trilha de aprendizagem de 2025

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
1	Grupo de Trabalho	Manifesto dos Assessores Pedagógicos do Ensino Superior	Pedagoga Dra. Walêska Sousa (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)
2	Curso	Neurodiversidade: o papel dos assessores pedagógicos no processo de plena inclusão no ensino superior	Profa. Dra. Maria Elena Malachias (Universidade de São Paulo)
3	Curso	A Ciência da Felicidade: como assessores pedagógicos podem promover espaços de trabalho mais humanos	Prof. Dr. Wander Pereira (Universidade de Brasília)
4	Curso	Letramento Emocional	Rodrigo Ruschel (GAIA+) convidado do GEAPU-Lab
5	Curso	O trabalho na perspectiva da intersetorialidade: o assessoramento pedagógico "fora da caixa"	Prof. Dr. Marco Akerman (Universidade de São Paulo)
6	Curso	Ainda sobre a Ciência da Felicidade: transformando o serviço de assessoramento pedagógico em um	Profa. Dra. Flávia Wagner (Universidade do Sul de Santa Catarina)

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
		instrumento de humanização	
7	Grupo de Trabalho	A produção do GEAPU para o dossiê Ensino Superior da Revista Poiéses	Profa. Dra. Flávia Wagner (Universidade do Sul de Santa Catarina)
8	Avaliação e Projeção	Avaliação GEAPU 2025	Pedagoga Dra. Amanda Xavier (Unifal-MG)

Fonte: Registros Sistema CAEx/UNIFAL-MG GEAPU 2025

A agenda de 2025 evidencia mais uma transformação no percurso do GEAPU, produzindo uma trilha que valoriza competências relacionadas à dimensão da humanização na universidade, das relações e do exercício pedagógico dos assessores. Os temas compõem uma trilha que reposiciona o assessor pedagógico como um articulador de ecossistemas institucionais mais inclusivos, saudáveis e humanizados.

Mas, reforçando a compreensão de que os assessores devem produzir conhecimentos referenciados a partir da pesquisa de sua própria prática, esta trilha não desconsidera movimentos de produção coletiva, situados nos saberes e nas práticas da Assessoria Pedagógica.

Quadro 7 – Trilha de aprendizagem de 2026

Etapa	Atividade	Formação	Convidados Ministrantes
1	Seminário	Feedback da avaliação e apresentação das frentes de atuação do GEAPU	Pedagoga Dra. Amanda Xavier (Unifal-MG)
2	Curso	Educação para as relações étnico-raciais e o papel do assessor pedagógico	Pedagoga Dra. Juliana Marcondes (Universidade Federal de São Paulo)
3	Troca de Experiências	Experiência de propor e coordenar projetos de ensino, pesquisa e extensão	Pedagoga Dra. Walêska Sousa (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

4	Curso	A atuação do assessor pedagógico na promoção da acessibilidade no ensino superior	Pedagoga Ms. Priscila Vasconcelos (Universidade Federal de Minas Gerais)
5	Troca de Experiências	Experiência de Orientação Pedagógica com o grupo Diálogos Neurodiversos	Dra. Janaína Macedo e Psicóloga Ms. Marilucia Ramos (Universidade Federal de Santa Catarina)
6	Curso	Políticas de bem-estar emocional nas IES	Profa. Dra. Flávia Wagner (Universidade do Sul de Santa Catarina)
7	Troca de Experiências	Experiência do Grupo de Estudos sobre Docência no Ensino Superior da UFES – *campus* de Alegre	Pedagoga Ms. Michelha Pedrosa (Universidade Federal do Espírito Santo)
8	Curso	Metodologia da Problematização: fundamentos e dinâmicas possíveis ao serviço de assessoramento pedagógico na educação superior	Profa. Dra. Juliana Laranjeira (Universidade Estadual de Feira de Santana)
9	Grupo de Trabalho	Encontro dos GTs GEAPU: Produção coletiva de conhecimento e fortalecimento do campo	Profa. Dra. Sayonara Ribeiro (Universidade Federal de Lavras)
10	Grupo de Trabalho	Socialização de Experiências do GT Painéis Endipe	Profa. Dra. Flávia Wagner (Universidade do Sul de Santa Catarina)

Fonte: Registros Sistema CAEx/UNIFAL-MG GEAPU 2026

Em 2026, a trilha valoriza um olhar sobre temas que revelam o serviço de assessoramento em sua dimensão relacional, institucional e metodológica, confirmando o caráter transversal de atuação do serviço de assessoramento pedagógico. Horizontes continuam em ampliação, e a validação de agente produtor de conhecimento continua ativa, buscando caminhos de visibilidade e de legitimidade para a função.

Confirmando um território de formação...

O exercício de teorizar a função de assessoramento pedagógico tem-nos evidenciado que a consolidação da Assessoria Pedagógica Universitária demanda a continuidade de estudos que confiram ampliação e aprofundamento dos constructos teóricos desse campo. É preciso expandir os investimentos neste movimento de teorização própria do serviço, capaz de reconhecer, nomear e compreender os saberes, as práticas e os sentidos que constituem essa função e esse campo profissional.

Diante da amplitude e da complexidade das demandas que recaem sobre a Assessoria Pedagógica, teorizar a função torna-se condição para que os assessores se reconheçam como profissionais em permanente aprendizagem e para que suas experiências possam ser sistematizadas com rigor científico-metodológico, compartilhadas e transformadas em conhecimento profissional. Nessa perspectiva, os processos formativos destinados nomeadamente aos assessores pedagógicos da educação superior assumem papel fundante, ao criar espaços coletivos de reflexão sobre a experiência e favorecer a construção de conhecimentos próprios para a atuação, contribuindo para a formalização de um saber profissional de referência.

Ao observar a trajetória formativa desenvolvida pelo GEAPU, desde sua criação em agosto de 2020 até a agenda em curso, em 2026, percebemos um percurso consistente, que situa possibilidades de aprendizagens em diferentes eixos e caminhos. Essa consolidação de trilhas de aprendizagem evidencia um processo de

autoformação que acolhe a função de assessor pedagógico, oferecendo oportunidades de aprofundamentos teórico-metodológicos, relacionais e institucionais. Podemos especificar essas trilhas em função do foco principal da agenda, revelando caminhos que tangenciam: a construção da identidade e profissionalização da função; os fundamentos teóricos da atuação; os referenciais metodológicos e investigativos para atuação; a inovação, a autoria e a construção política do campo; as competências metodológicas e relacionais; a humanização e exercício relacional; o caráter transversal da dimensão pedagógica na produção de conhecimentos.

Nesse processo, reconhecemos que, mais do que agendas anuais, essas trilhas narram uma história. Contam como assessores pedagógicos na educação superior, responsáveis pelas Assessorias Pedagógicas, ocupantes desta função muitas vezes invisível e deslegitimada, passaram a ocupar um lugar que se transforma em território. Um território dominado pelo exercício de "estar em formação", em que se caminha em busca de desenvolvimento profissional e pela própria evolução do campo da Assessoria Pedagógica e da Pedagogia Universitária.

Referências

ALARCÃO, Isabel. Formar-se para formar. **Aprender**, Portalegre, Escola Superior de Educação, n. 15, 1993, p. 19-25.

BEDOYA, José Iván. **Epistemología y Pedagogía**: Ensayo histórico crítico sobre objeto y método pedagógicos. 6. ed. Bogotá: Eco Ediciones, 2005.

BEHARES, Luis Ernesto. Consideraciones sobre el sentido de las "pedagogías" y las "didácticas" universitarias, con especial referencia a la experiencia uruguaya. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 3, set./dez. 2011 p. 337-350. DOI: 10.5902/198464442971.

CHAMLIAN, Helena Coharik. Docência na universidade: professores inovadores na USP. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 118, 2003, p. 41-64.

CHARTIER, Anne-Marie. A ação docente: entre saberes práticos e saberes teóricos. In: CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita**: história e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 185-207.

CUNHA, Maria Isabel da. Pedagogia universitária. In: MOROSINI, Marília Costa (ed.). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**: glossário. v. 2. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2006, p. 351.

CUNHA, Maria Isabel da. **Inovações Pedagógicas**: O desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária. São Paulo: USP, 2008. Coleção Cadernos Pedagogia Universitária.

CUNHA, Maria Isabel da. **Trajetórias e Lugares de Formação da Docência Universitária:** da perspectiva individual ao espaço institucional. Araraquara: Junqueira & Marin; Brasília: Capes, CNPq, 2010.

CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Estratégias institucionais para o desenvolvimento profissional**

docente e as assessorias pedagógicas universitárias: memórias, experiências, desafios e possibilidades. Araraquara: Junqueira & Marin, 2014.

CUNHA, Maria Isabel da (Org.). Estratégias de assessoramento pedagógico em questão: potencialidades na didática da educação superior. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de et al.. **Didática e Prática de Ensino na relação com a formação de professores.** Fortaleza: EdUECE, 2015, p. 2981-2994.

CUNHA, Maria Isabel. A formação docente na universidade e a ressignificação do senso comum. **Educar em Revista**, *[S. l.]*, v. 35, n. 75, 2019, p. 121–133. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/67029.

DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos; TOTI, Michelle Cristine da Silva. Serviços de assuntos estudantis no Brasil: fundamentos e profissionalização. In: OSTI, Andréia; FIOR, Camila; CANAL, Cláudia Patrocinio Pedroza; ALMEIDA, Leandro S. [Orgs.]. **Ensino Superior**: mudanças e desafios na perspectiva dos estudantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 209-238.

FERNÁNDEZ, Lídia. Prólogo. In: LUCARELLI, Elisa. **El asesor pedagógico en la universidad:** de la teoría pedagógica a la práctica en la formación. Buenos Aires: UBA, 2004, p. 11-20.

FONAPRACE. Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Org.). **Revista Comemorativa aos 25 anos**: histórias, memórias e múltiplos olhares. Uberlândia: Andifes – UFU, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Isa Aparecida de; BRANDÃO, Hugo Pena. **Trilhas de aprendizagem como estratégia para desenvolvimento de competências.** In: Encontro da ANPAD, 30, 2006, Salvador. Anais [...]. Salvador: ANPAD, 2006.

IMBERNÓN, Francisco. La formación pedagógica del docente universitario. **Educação,** Santa Maria, v.36, n.3, set./dez., 2011, p. 387-396.

LUCARELLI, Elisa; NEPOMNESCHI, Martha; HEVIA, Isabel Abal de; DONATO, Maria E.; FINKELSTEIN, Claudia; FERANDA, Claudia. **El Asesor Pedagógico en la Universidad**: de la teoría pedagógica a la práctica en la formación. Buenos Aires: Paidós, 2000.

LUCARELLI, Elisa. **El asesor pedagógico en la universidad:** de la teoría pedagógica a la práctica em la formación. Buenos Aires: UBA, 2004.

MASSABNI, Vânia Galindo. Editorial – Passado, presente e futuro e a docência universitária. **Revista de Graduação USP,** v. 9, n. 1, p. I-IV, 2025/2026. DOI: 10.11606/issn.2525-376X.v9i1pI-IV.

NÓVOA, Antônio. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, jan./jun. 1999, p. 11-20.

SACRISTÁN, José Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (coord.) **Profissão Professor**. Porto: Ed. Porto, 1995, p. 63-92.

SACRISTÁN, José Gimeno**. O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Tradução de Ernani F. da F. Rosa. 3. cd. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia:** O Cotidiano do Professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

TOTI, Michelle Cristine da Silva; DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos. Conquistas, possibilidades e desafios para os serviços e seus profissionais. In: TOTI, Michelle Cristine da Silva; DIAS, Carlos Eduardo Sampaio Burgos; SAMPAIO, Helena; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge (org.). **Os serviços de apoio pedagógico aos discentes no ensino superior brasileiro**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, p. 473-497.

TOTI, Michelle Cristine da Silva; DIAS; Carlos Eduardo Sampaio Burgos; HERINGER, Rosana Rodrigues; PRADO, Ruth Maria Moraes Oliveira; SILVA, Ana Paula dos Santos da. Apoio aos estudantes nas universidades federais brasileiras: perfil dos profissionais dos serviços de Assuntos Estudantis. **Revista de Educação,** PUC-Campinas, v. 30, e14859, 2025. DOI: https://doi.org/10.24220/2318-0870v30a2025e14859

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Superintendência de Educação a Distância. Trilhas formativas para a educação on-line. **UFBA em Movimento**, Salvador, 2020/2021. Recurso online. Disponível em: https://ufbaemmovimento.ufba.br/trilhas-formativas?

XAVIER, Amanda Rezende Costa. **Contextos Curriculares da Universidade Nova e do Processo de Bolonha:** a

Assessoria Pedagógica Universitária em questão. Rio Claro: UNESP, 2019. Tese de Doutorado em Educação.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de. Assessoria Pedagógica Universitária no contexto da Universidade Nova: mapeamento e reflexões. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e232232, 2020, p. 1-23.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; HELMER, Ester Almeida; MALDONADO, Elaine Cristina; CARRASCO, Lígia Bueno Zangali; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de. Assessoria pedagógica universitária e o Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária: uma experiência de construção de espaço de formação. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, 2021, p. 1–16.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; CUNHA, Maria Isabel da. Assessores pedagógicos do Ensino Superior: uma análise do perfil profissional de membros de uma comunidade de aprendizagem. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 68, e024036, 2024, p. 1–25.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; CUNHA, Maria Isabel da. Ciclo de vida profissional de Assessores Pedagógicos do ensino superior: uma análise a partir da configuração de um grupo de autoformação para a função. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 43, n. 2, p. 1–16, 2025. DOI: 10.5007/2175-795X.2025.e100364.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; ANTONELLO, Jaqueline; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de. **Cartas de uma comunidade de aprendizagem em construção:** contando uma história. Coleção Memórias GEAPU. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

Capítulo 2

História do Manifesto dos Assessores Pedagógicos das Instituições de Ensino Superior brasileiras: construção e possibilidade

Walêska Dayse Dias de Sousa

Notas de introdução

Este texto tem o objetivo de analisar o processo de construção coletiva do Manifesto dos Assessores Pedagógicos das Instituições de Ensino Superior brasileiras, bem como suas possibilidades no âmbito do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU). O Manifesto foi construído ao longo de 2023 e publicado em 2024 (Xavier; Azevedo; Sousa; Wagner, 2023) na Revista Educação: teoria e prática, periódico ligado ao Departamento de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) no *campus* de Rio Claro.

Desde a criação do GEAPU em 2020, pela pedagoga da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Dra. Amanda Rezende Costa Xavier, os assessores pedagógicos mencionavam de forma recorrente, durante os encontros síncronos mensais de autoformação, a necessidade de o Grupo elaborar um documento nacional que expressasse, pelo menos: a) as dificuldades dos

profissionais, entre elas, a indefinição da função de Assessoria Pedagógica; b) as potencialidades da atuação dos profissionais e c) a definição política das instituições em torno de um projeto de atuação para os assessores pedagógicos. Anteriormente, uma tentativa neste sentido foi iniciada, mas não foi concluída em função de demandar trabalho coletivo mais direcionado a este objetivo, o que não foi possível ser desenvolvido naquele momento.

A partir de 2023, a coordenação geral do GEAPU convidou assessores pedagógicos de diversas instituições brasileiras para integrar uma comissão organizadora, com o objetivo de integrar-se à coordenação geral e participar do processo de planejamento anual das atividades do Grupo. A iniciativa possibilitou planejamento compartilhado e corresponsável no Grupo denominado: "GEAPU organização", permitindo que frentes de trabalho ainda não desenvolvidas pudessem avançar. Essa ampliação de pessoas na organização do Grupo possibilitou resgatar a iniciativa de elaboração do Manifesto. Ela foi prevista no planejamento anual do Grupo para 2023, tendo à frente do trabalho a Dra. Walêska Dayse Dias de Sousa, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), e Dra. Flávia Wagner, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Este texto descreve e analisa os momentos vividos para que o Manifesto pudesse ganhar forma e ser publicado: o planejamento para pensar coletivamente a construção do documento, as contribuições dos assessores nos encontros síncronos de autoformação, as primeiras sínteses do Manifesto até a elaboração de sua versão final. Também foram descritas e analisadas as

ações que oportunizaram a socialização, publicação e compartilhamento do documento, por diferentes vias e estratégias. Enfim, no texto são analisadas possibilidades do Manifesto para consolidação da atividade profissional de Assessoria Pedagógica nas instituições de educação superior brasileiras.

Alguns percursos metodológicos que orientaram esta construção

Tomamos como referência teórico-metodológica a pesquisa narrativa, que de acordo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015) organiza e narra uma experiência educativa significativa, em que é possível chegar a conclusões, mesmo tendo como objeto investigativo uma situação singular.

A pesquisa narrativa contrapõe e questiona paradigmas científicos forjados na neutralidade da ciência, em que o pesquisador busca manter-se distante do objeto investigado. De acordo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015) é preciso contestar um tipo de pesquisa no campo da educação que tem contribuído para gerar pesquisas *sobre* seus objetos ao invés de gerar processos *com* e *a partir* dos mesmos objetos.

> [...] "cuidado" teórico-metodológico de o pesquisador manter distância, objetividade e neutralidade que tem produzido pesquisas nas quais os sujeitos cada vez menos se reconhecem uma vez que suas práticas, seus saberes e fazeres se aproximam de uma caricatura. Além disso, as conclusões produzidas por essas pesquisas, consideradas consistentes pelo rigor teórico-metodológico, acabam autorizadas a expor, julgar, criticar, formatar e prescrever práticas (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015, p. 19).

A pesquisa narrativa no campo da educação reconhece as ciências humanas como campo investigativo do singular, em que a experiência assume relevância, tomando sujeito e saber em unidade, além de valorização do local, do imprevisível e do implicado, assim como significou a construção do Manifesto. Esse tipo de pesquisa dá centralidade à uma investigação da experiência e da prática educativa, o que fortalece o entendimento de que pesquisa e formação neste campo são unidades indissociáveis: desenvolvem-se os sujeitos envolvidos enquanto se concretiza e se questiona, permanentemente, o fazer pedagógico.

> Entre os modos de enfrentar o desafio das pesquisas com envolvimento do pesquisador está a investigação narrativa. As narrativas das histórias do vivido constituem material importante na investigação das práticas docentes. De certo modo, resguardam sujeitos e práticas de terem seus sentidos corrompidos por pesquisas formatadas que enquadram a experiência ao olhar ou ao objeto do investigador (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015, p. 20).

A experiência investigativa relativa ao processo de construção do Manifesto pode ser classificada, de acordo com Lima, Geraldi e Geraldi (2015), como uma narrativa de experiência do vivido. Os autores classificam deste modo a pesquisa em que uma experiência educativa é narrada por um dos sujeitos que a viveu, dela extraindo lições que valem como conhecimentos produzidos.

> No caso da investigação narrativa da própria experiência, o trabalho do pesquisador consiste em estudar situações do vivido para formular hipóteses explicativas. O objetivo é a compreensão dos fenômenos e dos modos de atuar sobre eles (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015, p. 35).

A pesquisa narrativa, embora traga para si uma versão bastante singular do vivido, não prescinde da responsabilidade ética que deve orientar o trabalho de todo investigador, bem como do seu rigor metodológico, considerando que ele deverá estar aberto, permanentemente, ao confronto com o contraditório. Mesmo assim, trata-se de um tipo de pesquisa situada e autoral, síntese entre a sensibilidade e a razão (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015).

Os autores identificam dois momentos importantes na organização dos dados da pesquisa narrativa: a arqueologia e o inventário. Na arqueologia da construção do Manifesto buscou-se recuperar o que estava perdido na memória e nos registros da experiência, bem como selecionar fragmentos que poderiam contar uma história. No inventário, buscou-se a organização destes dados de modo que possibilitassem indicar categorias, temas ou conceitos dos quais pudessem ser extraídos algumas conclusões. Tais categorias, temas ou conceitos sinalizaram os diálogos teóricos com os quais as análises puderam ser aprofundadas.

Assim, para realizar a pesquisa foram selecionados os seguintes dados, produzidos ao longo da construção do Manifesto e da sua socialização: fragmentos das cartas de 2023 do GEAPU, organizadas a partir de cada encontro síncrono de autoformação, documentos de planejamento dos encontros, as sínteses desses encontros, além das várias versões que possibilitaram a construção final do Manifesto. Além disso, as experiências vividas foram retomadas e utilizadas como elementos importantes e centrais das análises.

Marcos teórico-práticos que sustentam o percurso e a produção coletiva

A vivência de construção do Manifesto dos assessores pedagógicos está inserida no contexto da cultura acadêmica que é desenvolvida pelas instituições de ensino superior brasileiras. Esta cultura, hegemonicamente, tem destinado espaço nem sempre prestigiado para discutir questões pedagógicas ou quando o espaço é assegurado, o engajamento e participação da comunidade acadêmica são pequenos (Cunha, 2015).

Muitas vezes, as escolhas pedagógicas no campo do ensino, pesquisa, extensão e também gestão deste nível de ensino, são tomadas com fundamento na tradição e/ou na repetição de modelos prévios (Sousa, 2016), sem reconhecimento da necessidade de formação profissional específica voltada para a dimensão pedagógica. Neste sentido, o campo do pedagógico na educação superior pode ser considerado frágil do ponto de vista teórico-prático, precário, do ponto de vista do exercício profissional, e solitário, do ponto de vista de quem atua, diretamente, nesta dimensão, como é o caso dos assessores pedagógicos (Xavier; Azevedo; Sousa; Wagner, 2023).

Indícios dessa situação podem ser confirmados, por exemplo, na omissão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), ao definir que para atuar na educação superior como professor universitário é suficiente desenvolver pesquisa *stricto sensu* em qualquer área do conhecimento. Tem-se, neste sentido, a prerrogativa legal da desqualificação da formação

profissional para o exercício da docência, fortalecendo, como consequência, a desvalorização do que é próprio do campo pedagógico e da própria profissão docente, não só neste nível de ensino, mas em todos os demais.

Pimenta e Anastasiou (2010) discutem a questão, dando centralidade à contradição que se estabelece entre fragilidade da formação pedagógica e superespecialização da formação na área específica (normalmente a área de pesquisa) do profissional que se torna professor universitário. Elas afirmam que, embora o tripé ensino-pesquisa-extensão sustente a educação superior brasileira (Brasil, 1996), a pesquisa é a atividade mais prestigiada e o ensino considerado como concessão entre muitos professores universitários.

> Na maioria das instituições de ensino superior, incluindo as universidades, embora seus professores possuam experiência significativa e mesmo anos de estudos em suas áreas específicas, predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula (Pimenta; Anastasiou, 2010, p. 37).

Libâneo (2001), na defesa por resgatar o sentido do pedagógico e da Pedagogia como campo próprio dos saberes educativos, trata de fazer distinções necessárias que se apresentam como alertas para a necessidade de compreensão da diversidade de práticas educativas que integram os processos sociais, inerentes à atividade humana:

> Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação − do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana,

> como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas (Libâneo, 2001, p. 7).

Assim, conforme os autores (Libâneo, 2001; Pimenta; Anastasiou, 2010), urge priorizar discussões relacionadas à dimensão pedagógica com a centralidade que o contexto demanda, em todos os espaços em que se concretizam práticas educativas. Isso inclui a educação superior. A falta de prioridade no debate em torno do pedagógico, acaba por contribuir com uma situação de fragilidade teórico-prática e precariedade na atuação profissional de quem atua nesse campo, o que inclui, sobretudo, professores universitários e assessores pedagógicos.

Como essa situação poderia ser transformada? Que base teórico-prática poderia colaborar com o debate em torno do pedagógico na educação superior? Essas questões, entre outras, têm mobilizado a construção do campo da Pedagogia Universitária no Brasil, sobretudo no contexto de expansão universitária verificado a partir dos anos 2000:

> O cenário referido tem provocado reflexões sobre os processos pedagógicos na universidade, de modo que a reconfiguração do papel e dos saberes docentes, bem como das práticas de ensinar e aprender têm feito emergir o campo da Pedagogia Universitária (Xavier, 2019, p. 51).

É possível afirmar que o principal objeto investigativo do campo é a prática educativa que se

desenvolve na educação superior. Em função deste nível de ensino ter complexidade própria na formação de sujeitos adultos, normatização complexa e finalidades que incluem, além da formação humana, formação profissional e interface com a pesquisa e extensão, demanda especialização num campo específico da Pedagogia. Considera-se, ainda, sua natureza interdisciplinar, promovendo diálogos com conhecimentos de naturezas diversas interrelacionados:

> Entender a Pedagogia Universitária pressupõe considerá-la em seus distintos campos científicos, com referenciais epistemológicos e culturais, com diversas naturezas de cunho pedagógico, psicológico, filosófico, político, ético e epistemológico, que permeiam e articulam a prática educativa (Cantano et al., 2024, p. 5).

É do campo da Pedagogia Universitária que a atividade profissional de assessoria pedagógica se desdobra. Portanto, os profissionais que exercem essa função, ou seja, os assessores pedagógicos, assim como os professores universitários, são profissionais que podem ser beneficiados, diretamente, com o fortalecimento deste campo de produção científica, impactando, também, positivamente, a formação e a atuação profissional. É um movimento necessário para que as discussões em torno das diferentes práticas educativas avancem e ultrapassem a falta de intencionalidade e fundamentação teórico-prática, o uso genérico de termos, entre outros problemas verificados nos contextos diversos.

O que acontece, por exemplo, com o emprego do termo "pedagógico" na educação superior reflete bem a necessidade de avanço e fortalecimento da área. O uso,

que tem como qualidade o emprego polissêmico, contraditoriamente, também se revela difuso, impreciso, conveniente a algumas situações em detrimento de outras, impactando o exercício profissional dos assessores pedagógicos em especial. Deste modo, gera uma gama infindável de ações atribuídas a este tipo de assessoramento: desde a redação de um e-mail a uma discussão curricular. Tudo (e nada) acaba se tornando assessoramento pedagógico, contribuindo com a indefinição e esvaziamento de sentido da atuação.

De fato, a atividade profissional denominada "assessoria pedagógica" não tem tradição na experiência do ensino superior brasileiro. De acordo com Cunha e Lucarelli (2014), o assessoramento pedagógico universitário constitui uma área de atuação profissional sem identidade, estatuto ou reconhecimento no Brasil. São países da América Latina, especialmente Argentina e Uruguai, que enfrentam há mais tempo os desafios decorrentes da expansão do acesso ao Ensino Superior, que conquistaram algum avanço no campo da Pedagogia Universitária e, consequentemente, da Assessoria Pedagógica.

Nessas experiências latino-americanas, as Assessorias Pedagógicas Universitárias foram criadas junto às diferentes carreiras para "produzir conhecimentos sobre os processos de ensinar aninhados na cultura e nas condições objetivas de cada área de saber" (Cunha; Lucarelli, 2014, p. 34). Quando criadas, as atividades se desenvolviam com a condução de professores universitários, em tarefas de investigação e apoio pedagógico aos demais professores e gestores acadêmicos, como "recurso possível (...) para empreender

processos de transformação no campo do ensino" (Cunha; Lucarelli, 2014, p. 35).

No Brasil, tem sido produzido conhecimento em torno da atividade de assessoria pedagógica, assim como no caso da produção em Pedagogia Universitária, especialmente, no contexto da expansão universitária verificada a partir dos anos 2000. Trata-se de uma assessoria pedagógica específica, que busca apoiar o docente universitário a exercer sua função na docência, considerando que ele, em geral, não chega à educação superior com tal formação.

> Por isso, hoje o desafio de caminhar para a (re)visão e a (re)construção da docência no ensino superior é o caminho que as assessorias pedagógicas devem percorrer nas universidades. Rever o papel e a ação dos setores pedagógicos ou os projetos e programas que envolvem as preocupações pedagógicas na universidade é fundamental para melhorar os processos institucionais ora em implantação ou mesmo aqueles já criados e implantados, dando, assim, visibilidade ao que tem sido realizado nessa área (Broilo, 2015, p. 49).

Xavier (2019) desenvolveu pesquisa para fortalecer a atividade profissional de assessoria pedagógica universitária no Brasil, indicando que o assessoramento ocorre, sobretudo, aos docentes, para que consigam planejar e desenvolver a prática pedagógica de maneira mais qualificada do ponto de vista didático-pedagógico, aos discentes, colaborando para que permaneçam e tenham sucesso acadêmico, e à instituição, para que fortaleça seu processo de desenvolvimento pedagógico em temas como currículo, avaliação e normatização do ensino.

Corroborando conhecimentos do campo da Pedagogia Universitária, a autora afirma que só é possível assessorar com o domínio de "saberes do campo pedagógico, fundamentando e valorando o próprio percurso profissional do assessor pedagógico" (Xavier, 2019, p. 331), o que justifica a existência de grupos voltados para a autoformação desses profissionais, como é o caso do GEAPU, criado pela autora.

A iniciativa é pioneira e segue integrando assessores pedagógicos de todo o país desde 2020. O Grupo tem uma agenda anual, com encontros síncronos mensais de autoformação, além de um grupo de mensagens de *WhatsApp* com mais de 300 inscritos. Neste grupo de mensagens instantâneas, a comunicação acontece de maneira dinâmica e imediata entre os assessores pedagógicos. Trata-se de um espaço virtual em que acontecem trocas diversas: compartilhamento de documentos, sugestões de pesquisadores para mediar atividades formativas nas instituições, convites para eventos e construções coletivas de pesquisas, entre outras partilhas.

O GEAPU mantém-se como iniciativa importante de autoformação de assessores pedagógicos e também discute os problemas da atuação. Reconhece que, apesar dos avanços no campo da produção científica, a atividade de assessoria pedagógica ainda enfrenta exercício frágil nas instituições, bem como indefinições nas atribuições. Em estudo de Antonello e Oliveira (2022), foi realizada análise de textos prescritivos relacionados às atribuições das assessorias pedagógicas em uma instituição pública de nível superior. Os autores concluíram sobre o caráter genérico, confuso e contraditório das normativas internas:

> Diferentemente das informações generalizantes do documento previamente analisado (Resolução n° 116/2012), os apontamentos do PDI 2013-2017, do Plano Diretor 2017-2026 e do PDI 2019-2023, acerca da assessoria pedagógica, trazem direcionamentos ao agir profissional do assessor que são mais focados ao aperfeiçoamento didático-pedagógico dos professores e ao acompanhamento estudantil (Antonello; Oliveira, 2022, p. 13).

No caso da instituição analisada pelo estudo de Antonello e Oliveira (2022), o apoio ao professor e ao estudante revela atribuições convergentes das assessorias pedagógicas. Neste caso, são apoios que não se dividem como em outras instituições. Ao mesmo tempo e de maneira contraditória, o texto prescritivo, que deveria orientar a atuação dos assessores pedagógicos, "tem caráter predominantemente generalizante, algo que limita a atuação do documento como orientador do agir profissional do assessor" (Antonello; Oliveira, 2022, p. 13).

Se por um lado o contexto de atuação dos assessores pedagógicos tem promovido avanços, como é o caso da produção científica que começa a se organizar no campo da Pedagogia Universitária e da atividade de assessoria pedagógica, de outro lado permanecem indefinições e desprestígio do pedagógico. Todas essas contradições justificaram a construção do Manifesto dos assessores pedagógicos das instituições de ensino superior brasileiras (Azevedo; Xavier; Sousa; Wagner, 2024). Ele indica a necessidade de fortalecimento desta atividade profissional, o que passa pela definição clara de responsabilidades dos assessores no que diz respeito ao assessoramento:

> a docentes, em questões didático-pedagógicas que abarcam à docência e a aula no ensino superior; b) ao projeto institucional de desenvolvimento profissional docente; c) a avaliação institucional, atuando para identificar pontos fortes e lacunas a serem sanadas no campo pedagógico; d) ao planejamento e desenvolvimento curricular; e e) ao apoio à permanência e sucesso acadêmico discente (Azevedo; Xavier; Sousa; Wagner, 2023, p. 6).

O Manifesto é um retrato das dificuldades enfrentadas pelos assessores pedagógicos nas instituições de ensino superior brasileiras. Converge toda a problemática do desprestígio da dimensão pedagógica na educação superior, bem como anuncia caminhos possíveis para a superação desses limites. Ao chegar ao seu formato final, síntese de um ano de trabalho, buscou expressar sentimentos, expectativas e anseios no campo da atuação profissional, conferindo ao documento valor coletivo e individual, representando os assessores pedagógicos na conjuntura analisada.

Enquanto demanda coletiva de um conjunto de profissionais, o documento esclarece a necessidade de melhoria das condições de exercício da Assessoria Pedagógica, sobretudo em relação à necessidade de: a) esclarecimento das atribuições; b) reconhecimento da formação qualificada dos profissionais; c) elaboração de planos de desenvolvimento na carreira para os profissionais; d) apoio ao envolvimento de assessores no combate à evasão; e e) fortalecimento de movimento institucional que valorize a formação pedagógica de professores universitários, enquanto área estratégica de atuação dos assessores.

Esses são os marcos teórico-práticos que justificaram a elaboração do Manifesto dos assessores pedagógicos. Eles situam a problemática da formação e atuação desses profissionais, bem como sinalizam a atividade de assessoria pedagógica no campo da Pedagogia Universitária. Trata-se de área a ser fortalecida, o que passa, necessariamente, pela reflexão crítica do que tem fundamentado, historicamente, a experiência acadêmica na educação superior, sobretudo no que diz respeito às resistências e lacunas relacionadas aos processos de ensinar e aprender.

Manifesto dos Assessores Pedagógicos da Educação Superior: a construção

Conforme já apresentado, a ideia de construir o Manifesto dos assessores surgiu da necessidade de expressar dificuldades enfrentadas por esses profissionais na atuação em instituições de educação superior, bem como indicar caminhos para superar tais dificuldades. Assim, era necessário delinear um caminho para a construção do documento no âmbito do GEAPU.

Como o planejamento desse trabalho poderia acontecer? Qual seria a contribuição dos organizadores e dos próprios assessores nesse processo? Que ferramentas poderiam facilitar a participação? Como as sínteses dos encontros de construção poderiam transformar-se em itens do Manifesto? E a socialização, como seria definida? Eram muitas as indagações iniciais e foi a partir delas que o caminho foi planejado.

> Amanda apresentou a proposta de trabalho para 2023, marcando o início de uma nova etapa para o Grupo. Informou que neste ano o trabalho será coordenado, além dela, por uma equipe que incluirá mais colegas que possuem, também, vivências profissionais relacionadas à Assessoria Pedagógica Universitária, seja no âmbito da atuação, pesquisa ou extensão universitárias.
> O trabalho será desenvolvido em duas frentes, por duas equipes de organização. Uma frente será a construção de um Manifesto do Grupo, a ser socializado, posteriormente, com grupos sensíveis à necessidade de reconhecimento, valorização e profissionalização do trabalho de assessoramento pedagógico universitário. Trata-se de um trabalho que foi iniciado em 2022 pelo Grupo, mas infelizmente não concluído e, portanto, será retomado este ano (Carta GEAPU, 15/02/23).

Este trecho de uma das cartas-síntese dos encontros de autoformação do GEAPU explicita como a proposta de construção do Manifesto foi apresentada. Nela pode ser destacada a ampliação do grupo organizador das ações a partir de 2023, fortalecendo a iniciativa e tornando mais exequível a intenção de produzir um documento vivo, tecido a muitas mãos. Assim o Manifesto foi construído: como um bordado. Artesanal, no sentido de reunir energia manual e mental das pessoas envolvidas; significativo, no sentido de promover um percurso único que culminaria na construção de um documento singular e participativo; potente, no sentido de fortalecer os conceitos de trabalho coletivo, democracia e diálogo (Freire, 2021).

O planejamento do trabalho que seria conduzido ao longo do ano também foi apresentado neste dia. Além disso, foi proposta atividade que instigasse os assessores pedagógicos a pensar nos propósitos coletivos do Manifesto:

> O trabalho de construção do Manifesto foi iniciado neste mesmo encontro, com dinâmica realizada com utilização da ferramenta: *Padlet* em que os presentes responderam à questão: o que queremos com o Manifesto? A síntese das respostas foi:
> Visibilidade da função;
> Formação adequada para desempenhar a função;
> Reconhecimento da função;
> Engajar outros profissionais sobre a importância do trabalho pedagógico na universidade;
> Assumir nossa responsabilidade social;
> Esclarecer/definir o papel do profissional;
> Sensibilizar docentes da educação superior sobre seu papel na qualidade do ensino;
> Traçar diretrizes para se pensar o lugar e a importância da função;
> Destacar a função de outras da mesma carreira;
> Demonstrar que a função tem muito a contribuir com a formação dos professores universitários;
> Melhor definição da função na carreira;
> Avançar na construção da identidade profissional;
> Valorização financeira da função;
> Reconhecimento da atuação do profissional em atividades de pesquisa e extensão. (Carta GEAPU, 15/02/23).

As respostas dos assessores à proposta da atividade foram ricas e explicitaram, claramente, o contexto da atuação. Elas corroboraram os estudos de Cunha e Lucarelli, 2014, e também Xavier, 2019, que destacam a indefinição da função, a falta de reconhecimento institucional, a fragilidade identitária, bem como a "solidão" na atuação dos profissionais. Além disso, as respostas indicaram potencialidades para a atividade, caso ela fosse esclarecida e fortalecida nas instituições.

A cada encontro para construir o Manifesto, planejou-se uma atividade que envolveria os assessores presentes a partilhar percepções, entendimentos, limites,

propostas de fortalecimento da atividade de assessoria pedagógica, entre outros. Todo o planejamento foi orientado por cinco perguntas que desencadearam as atividades previstas em cada um dos cinco encontros iniciais do trabalho de construção do Manifesto:

1 - O que queremos?
2 - Quem somos?
3 - O que fazemos?
4 - Por que não fazemos o que deveríamos fazer?
5 - O que acreditamos que precisa ser o trabalho do assessor?

A síntese do que foi proposto em cada encontro está descrita no quadro a seguir:

Quadro 1 – Síntese do planejamento de construção do Manifesto

1º encontro 15/02: O que queremos?	**2º encontro 29/03:** Quem somos?	**3º encontro 24/05:** O que fazemos?	**4º encontro 28/06:** Por que não fazemos o que deveríamos fazer?	**5º encontro 30/08:** O que acreditamos que precisa ser o trabalho do assessor?
Apresentação do contexto de criação do GEAPU e proposta do Manifesto; - Atividade no *padlet*: pedir que os assessores respondam: o que queremos com o Manifesto?	-Estudo de artigos que retratem a história dos cargos da maioria dos assessores; - Atividade no *GoogleForms*: pedir que os assessores respondam questões relacionadas a trajetória formativa e profissional.	- Retomada de artigos que discutam as indefinições em torno da função dos assessores; - Atividade no *Padlet*: pedir que os assessores indiquem cinco atividades realizadas.	- Contexto do ambiente de indefinição da atuação profissional; - Atividade no *GoogleForms*: pedir que os assessores respondam questões relacionadas a gestão de pessoas da instituição: planejamento do trabalho e carreira.	- Estudo de artigos que retratem políticas que mencionam o trabalho do assessor; - Atividade no *GoogleForms*: pedir que os assessores respondam questões relacionadas às principais atribuições que os assessores deveriam desenvolver.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

O quadro sintetiza o trabalho de planejamento na construção do Manifesto. Em todos os encontros realizados, partiu-se de uma análise de realidade, expressa por meio de pesquisa, estudo ou outro material de base, para, na sequência, fundamentar uma atividade prática que envolvesse os assessores presentes na contribuição com suas percepções singulares. A estratégia foi fundamental para direcionar a construção do documento e "desvendar" o que o Grupo pensava a respeito do contexto da sua atuação profissional.

Todos os encontros produziram contribuições para o início da escrita do Manifesto. Essas contribuições foram organizadas em sínteses e integraram a "carta" de cada encontro. Foi com base nesses registros que a primeira versão do Manifesto foi apresentada durante o quinto encontro de trabalho. Ficou combinado com o grupo que a primeira versão seria disponibilizada em um *GoogleDocs* durante determinado prazo para que todos pudessem incluir, ainda, novas contribuições.

Em um dos encontros, a síntese possibilitou elaborar objetivos, não só do Manifesto, mas de todo o movimento que foi desencadeado a partir dele:

> a) registrar os desafios enfrentados na profissão sobre quem somos e o que fazemos; b) criar proposições para qualificar o plano de carreira, a descrição da função e as atribuições almejadas, para que seja respeitada e reconhecida a atividade em suas dimensões acadêmicas, seja no ensino, pesquisa, estensão e/ou gestão; c) estruturar o Manifesto de forma coletiva; d) publicizar o Manifesto para o grupo do GEAPU, comunidade Universitária - Anped Nacional, comunidade de governança da ANDIFEs, entre outros espaços de diálogo nacionais; e) provocar uma nova visão junto a comunidade universitária sobre o

> profissional que atua na Assessoria Pedagógica das IES (Carta GEAPU, 24/05/23).

Os objetivos reuniram expectativas a serem expressas no Manifesto e também a indicação de caminhos a partir dele: onde precisava chegar, com quem precisava dialogar. Isso denota a riqueza do movimento, que não só direcionou a construção do documento como também sinalizou ações com potencial de ampliação e contribuição para o alcance das finalidades. Nesse sentido, o processo foi a expressão de força de um coletivo integrado em torno de objetivos comuns (Freire, 2021).

Concluído o prazo para que os assessores contribuíssem com a primeira versão do documento, foi iniciado o processo de "refinamento" final do Manifesto. Várias versões se sucederam à primeira e os diálogos com o texto preliminar ficaram mais restritos ao grupo do "GEAPU organização". Foi um momento de intensas costuras textuais, sempre orientadas para representar as falas registradas durante os encontros de escuta junto aos assessores pedagógicos do país.

As costuras, comentários, alterações, sugestões, contribuições, marcaram a fase final de escrita do Manifesto. Foi um momento tenso, que provocou dúvida entre os integrantes do grupo de coordenação (GEAPU organização): seria, realmente, possível chegar a um bom documento final? Parecia faltar unidade ao texto final, de forma a representar com clareza as demandas coletivas que haviam sido, cuidadosamente, reunidas ao longo de quase um ano de trabalho.

O que se sucedeu, então, foi uma ação inusitada. Com base em toda a caminhada de produção coletiva,

sínteses provisórias, comentários e sugestões, entre outros registros que inspiraram a escrita do documento final preliminar, foi proposta a reescrita de um novo texto que contemplasse tudo isso. Não seria uma tarefa fácil, pois exigiria de quem a realizasse profunda compreensão do contexto e conhecimento amplo das contribuições de todos para produzir uma síntese o mais precisa possível, e o mais representativa do coletivo. A reescrita aconteceu e foi submetida, novamente, à análise do grupo de organização. Os retornos foram positivos e produziram o consenso de que, finalmente, tinha-se chegado à versão final do Manifesto. Era o seu nascimento, enfim.

Do processo é possível analisar que, pelo menos, três conceitos foram essenciais e fundamentaram o percurso: trabalho coletivo, democracia e dialogicidade. São conceitos complementares que orientaram a experiência. Eles são tratados por autores diversos, mas, neste texto, foram considerados na perspectiva de Paulo Freire. Em Pedagogia da Autonomia (2021), Freire enumera saberes indispensáveis à prática educativa, entre eles, ensinar exige saber escutar e disponibilidade para o diálogo. Foram saberes basilares na construção do Manifesto dos assessores.

> Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto do seu

> discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (Freire, 2021, p. 111).

Para o autor, a disponibilidade de escuta fundamenta a experiência democrática. Ela aproxima perfis diversos, que pensam de maneira diferente e mesmo assim isso não os afasta. Ao contrário, cria clima de confiança para o compartilhamento de ideias e diferentes percepções sobre a mesma realidade. A construção do Manifesto buscou alicerçar-se sobre esse princípio, gerando conhecimento compartilhado numa fala horizontalizada, entre pares.

A experiência criou situações para que os assessores pedagógicos fossem destituídos de um potencial estado de "auto demissão" de si mesmos (Freire, 2021), de conformismo e acomodação, frutos de uma experiência solitária e alienante, para que pudessem ousar e pensar juntos sobre as suas condições de trabalho. Fazendo isso, produziram impressões coletivas que fortaleceram a todos e a cada um. Isso ficou refletido no documento produzido a muitas mãos.

Com o processo, ficou evidenciado que os assessores pedagógicos têm muito o que dizer, embora nem sempre sejam ouvidos. Não ser ouvido enfraquece, torna solitária a caminhada e chega a desanimar. Assim, no movimento de construção do Manifesto foi criado um contexto de escuta que, posteriormente, foi expresso no documento. Quem participou atuou como guia, incentivador: "quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda." (Freire, 2021, p. 114). Assim, ao

estabelecer diálogos entre os assessores pedagógicos, foram geradas sínteses do que foi incentivado a ser dito.

Os caminhos para que esse trabalho pudesse ser concretizado foram planejados intencionalmente. Mesmo assim, seus desdobramentos não poderiam ser previstos inicialmente, bem como seu resultado final. Então, foi necessário grande disponibilidade para ouvir e produzir registros nos encontros promovidos com os assessores.

> É no respeito às diferenças entre mim e eles e elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da disponibilidade (Freire, 2021, p. 132).

A abertura ao risco, ao que não pode ser totalmente previsto, demanda trabalho intencional complexo. A experiência de organização do Manifesto se debruçou sobre esse propósito e conseguiu reunir condições para que o trabalho pudesse, finalmente, ser concretizado.

> Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer. Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa (Freire, 2021, p. 132-133).

A disponibilidade para o encontro com os assessores, o planejamento desses momentos, bem como os registros e sínteses, foram primordiais. Eles foram a base da

experiência democrática produzida, bem como para o fortalecimento do trabalho coletivo e do diálogo concretizados na experiência de construção do Manifesto.

> O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história (Freire, 2021, p. 133).

Assim, denota-se que o Manifesto dos assessores traduz a síntese de um movimento profissional que precisa ser ouvido. É produto e processo de uma experiência democrática, crítica, dialógica e potente no sentido de ampliar debates sobre a cultura acadêmica que é desenvolvida nas instituições de educação superior do país. Nesse sentido, o fim do processo de construção anunciava outro processo: criar condições para as interlocuções necessárias a partir do documento.

Foi o momento em que toda a riqueza da história de construção do Manifesto se encontrou, diretamente, com a realidade das instituições: muitas vezes refratárias a mudanças, ainda em processo de democratização das relações. Assim, com o nascimento do Manifesto, era necessário pensar no passo seguinte: sua socialização e publicização por todos os meios possíveis. Isso aconteceu, primeiramente, no próprio GEAPU. O Manifesto foi apresentado aos assessores no último encontro de autoformação de 2023. Foi um momento de celebração da construção do documento e também de pensar estratégias para a ampliação do seu alcance.

Mais uma vez, os assessores sugeriram ações diversas que foram realizadas: divulgação do Manifesto entre os contatos das instituições via e-mail, nas redes

sociais particulares, nos grupos de *WhatsApp* com finalidades educacionais. Inicialmente, ele também foi publicado em sites de domínio público e acesso geral. Os novos diálogos a partir do documento já finalizado possibilitaram, também, sua publicação em revista da área de educação. Isso ampliou seu potencial de circulação e engajamento nos meios acadêmicos.

Já publicado, o Manifesto continuou na agenda de trabalho do GEAPU em 2024. Foi constituído um grupo de assessores para o trabalho daquele ano, que teria como finalidade pensar e realizar ações que ampliassem a interlocução do documento no meio acadêmico e político, de forma que a situação dos assessores pedagógicos fosse mais conhecida e debatida. Assim foi feito. O objetivo do grupo foi apresentado em encontro realizado em abril de 2024:

> Organizar ações coletivas que dialoguem com diferentes instituições, pessoas e/ou entidades que possam apoiar a necessidade de reconhecimento e profissionalização da atividade de assessoramento pedagógico em instituições brasileiras de nível superior, conforme publicado no Manifesto do GEAPU (Memória de reunião grupo GEAPU Manifesto, 23/04/24).

Foram planejadas pelo grupo as seguintes ações:

> a) sensibilização junto ao GEAPU para que todos os seus integrantes divulgassem o Manifesto na sua instituição utilizando diversos meios: e-mail, *WhatsApp*, pessoalmente em reuniões, entre outros. Priorizar a divulgação institucional para os pares e os gestores; b) contato com o reitor ou reitora de cada instituição apresentando o trabalho do GEAPU e o conteúdo do Manifesto. Nesta conversa, pedir apoio para articulação do grupo junto à Associação Nacional dos Dirigentes das

> Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) no caso de assessores em atuação nas universidades federais e junto ao Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF) no caso de assessores em atuação nos institutos federais; c) encontro entre a comissão do GEAPU Manifesto e a Comissão Nacional de Supervisão da Carreira dos técnico-administrativos em educação (PCCTAE), em especial do grupo que na ocasião estudava a atualização da descrição de cargos, em especial dos cargos de Pedagogo e Técnico em Assuntos Educacionais; d) apresentação do Manifesto em eventos científicos. (Memória de reunião grupo GEAPU Manifesto, 23/04/24).

O grupo ou comissão GEAPU Manifesto, constituído para esse trabalho em 2024, contou com oito assessores de instituições diversas. As ações planejadas foram realizadas parcialmente, pois o grupo enfrentou muitas dificuldades: a) apesar do GEAPU contar com mais de 300 assessores no grupo de *WhatsApp*, poucos de fato relataram, por meio de formulário organizado para esse fim, que conseguiram divulgar o Manifesto em suas instituições, em especial junto aos gestores; b) o acesso à ANDIFES, em especial, foi tentado e houve, inicialmente, diálogo no sentido de promover um encontro, mas a agenda nunca foi disponibilizada pela associação, mesmo com muita insistência; c) o encontro com a comissão nacional de supervisão da carreira dos técnico-administrativos em educação também foi tentado, mas sem sucesso; d) alguns assessores relataram dificuldade interna de acesso e diálogo com seus próprios reitores e pró-reitores.

Assim, mesmo depois do GEAPU ter experimentado uma construção dialogada e coletiva de organização de um Manifesto, o que veio depois no sentido de contribuir

com a socialização do documento em meios acadêmicos e políticos, bem como com a perspectiva de ampliação do debate em torno da necessidade de reconhecimento da atividade de assessoria pedagógica nas instituições de ensino superior brasileiras, demonstrou um caminho cheio de barreiras e entraves, indicador de que a experiência democrática no país ainda precisa criar alternativas para que iniciativas como essas cheguem, de fato, aos que ocupam espaços de poder e podem decidir em diálogo com as bases.

Pontualmente, o trabalho do grupo GEAPU Manifesto conseguiu potencializar: a) menção de apoio junto ao conselho de ensino de uma universidade pública; b) diálogo com parte dos reitores das instituições dos assessores do grupo, sendo estes solidários à iniciativa; c) divulgação discreta do Manifesto em algumas instituições; d) divulgação do Manifesto em evento científico voltado à discussão de inovações pedagógicas no ensino superior. Foi um resultado tímido, mas que precisa ser registrado.

Nesse sentido, fica a utopia de que é preciso persistir, seja por meio de novas estratégias, outros assessores que vislumbrem novas oportunidades de continuidade, outros recursos e fundamentos. Afinal:

> Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade (Freire, 2021, p. 75).

O Manifesto dos assessores permanece um documento vivo e potente, pois o que ele denuncia é

retrato fiel da realidade nas instituições de educação superior brasileiras: a dificuldade de diálogo qualificado sobre o pedagógico, a desqualificação e, muitas vezes, até o desprezo por essa dimensão. Do mesmo modo, o que o Manifesto anuncia, demanda diálogo, negociação, capacidade de escuta para que sejam produzidos os avanços necessários e o desenvolvimento institucional do ponto de vista do pedagógico. Assim, tanto a denúncia quanto o anúncio presentes em seu conteúdo têm potencial transformador de realidades e de sujeitos que a vivenciam. O tempo de continuar é agora e sempre.

Para a continuidade do processo reflexivo...

Este texto se propôs a analisar a história do Manifesto dos assessores pedagógicos que atuam em instituições de ensino superior brasileiras, com destaque para o processo da sua construção e as possibilidades do documento para orientar novas ações. A narrativa tem o mérito de registrar uma história construída a muitas mãos. Neste sentido, é registro que não permitirá o esquecimento. Ao contrário: passa a integrar a memória de um coletivo de profissionais. Além de se constituir como um registro histórico da experiência vivida, tem potencial para orientar novas histórias e iniciativas, indicando percursos de continuidade da produção humana em toda a sua riqueza e complexidade.

O que virá depois disso? Quem se sentirá instigado a buscar novos caminhos para que as demandas dos assessores pedagógicos sejam ouvidas pelas instituições de ensino superior brasileiras? Quando as associações classistas, sindicais e de gestão estarão abertas a acolher

as necessidades dos assessores para elaborar, conjuntamente, arranjos de trabalho mais adequados às demandas do ensinar e aprender com qualidade na educação superior?

Tantas indagações complexas feitas à realidade social das instituições denotam que o trabalho continuará sendo marcado por disputas em todos os níveis. Assim, configura-se o campo do pedagógico, sobretudo quando há silenciamento acerca de seus processos, naturalizando práticas que precisam, continuamente, ser discutidas. Desnaturalizar implica comprometimento com novas invenções do fazer e pensar pedagógico e isso demanda tempo e trabalho de todos. Implica acessar o campo da criatividade e do diálogo, seja interno, seja com o real, para que seja possível sair do conforto, da tônica do "sempre foi assim" que justifica o medo de pensar e fazer diferente.

Pensando que estamos fadados a aprender todos os dias (Freire, 2021), a transmutar compreensões anteriores para dar lugar ao crescimento, à mudança e ao desenvolvimento, é possível acreditar que o Manifesto dos assessores pedagógicos, em algum tempo e lugar da história, atingirá, finalmente, sua máxima potencialidade e conseguirá chegar ao norte que se propôs a alcançar. Ele indicou o caminho na construção, bem como nos diálogos ainda incipientes que iniciou. Que venham outros. Com novos interlocutores. Será a história de continuidade a ser escrita.

O Manifesto dos assessores pedagógicos permanece aberto e prenhe de possibilidades. Que os novos diálogos a serem orientados por seu clamor coletivo contribuam com a definição, visibilidade e reconhecimento da atividade de assessoramento pedagógico universitário. Pela relevância e urgência de tratar a natureza humana

em seu potencial de aprendizagem infinito, trata-se de uma forma de organização do trabalho capaz de contribuir, enormemente, com a qualidade dos processos educativos na educação superior.

Referências

ANTONELLO, Jaqueline; OLIVEIRA, Siderlene Muniz. Uma análise de um texto prescritivo de uma universidade pública: a assessoria pedagógica universitária. **Horizontes**, *[S. l.]*, v. 40, n. 1, p. e022009, 2022. DOI: 10.24933/horizontes.v40i1.963.

BRASIL. Presidência da república. **LDB 9.394**. Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BROILO, Cecília Luisa. **Assessoria pedagógica na universidade:** (con)formando o trabalho docente. Araraquara, São Paulo: Junqueira e Marin, 2015.

CANTANO, Márcia Mendes Ruiz et al. Pedagogia Universitária no Brasil: O que revela a produção bibliográfica?. **Educ. Teoria Prática**, Rio Claro , v.34, n.67, e33, 2024. DOI: https://doi.org/10.18675/1981-8106.v34.n.67.s17940.

CUNHA, Maria Isabel da; LUCARELLI, Elisa. **Estratégias de qualificação do ensino e o assessoramento pedagógico:** reconhecendo experiências em universidades íbero-americanas. Criciúma-SC: UNESC, 2014.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência, discência, vida, sentidos... Reflexões em torno de uma trajetória. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.17, n.36, p.173-189, set./dez. 2015. DOI: https://doi.org/10.22196/rp.v17i36.3156

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n.17, p.153-176, 2001.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação Em Revista**, *31*(1), 2015, 17–44. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-4698130280

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA, Walêska Dayse Dias de. **Processos de imitação-criação como constituidores da práxis pedagógica:** uma intervenção didático-formativa com o formador de professores. 2016. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

XAVIER, Amanda Rezende Costa. **Contextos Curriculares da Universidade Nova e do Processo de Bolonha**: a Assessoria Pedagógica Universitária em questão. Rio Claro: UNESP, 2019. Tese de Doutorado em Educação.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de; SOUSA, Walêska Dayse Dias de; WAGNER, Flávia. Manifesto - Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária. **Educação: Teoria e Prática**, *[S. l.]*, v. 34, n. 67, p. e48[2024], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v34.n.67.s18246.

CAPÍTULO 3

Projeto GEAPULab: escuta empática, inovação e cuidado na Assessoria Pedagógica Universitária

Maria Angelica do Carmo Zanotto
Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz

Introdução

O Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária – GEAPU, criado em 2020 e registrado como projeto de extensão na Universidade Federal de Alfenas, consolidou-se como espaço pioneiro de profissionalização, pesquisa e troca de experiências entre assessores pedagógicos de instituições de educação superior brasileiras. Conforme destacado por Azevedo, Xavier, Sousa e Wagner (2024), o Grupo ocupa lugar de destaque ao produzir estudos que discutem a problemática do ensino-aprendizagem na educação superior e realizam formação permanente de assessores por meio de encontros mensais de autoformação.

No entanto, passados os primeiros anos de consolidação do GEAPU, emergiu entre seus membros uma percepção compartilhada: apesar da expertise coletiva, das trocas cotidianas no grupo de *WhatsApp* e dos encontros formativos, havia um hiato entre o conhecimento produzido coletivamente e sua efetiva transformação em ações de assessoramento pedagógico

nas instituições em que atuavam os assessores. Essa lacuna revelava um desafio estrutural: como transpor as aprendizagens do Grupo para práticas inovadoras de assessoramento pedagógico capazes de fortalecer a atuação dos assessores e de mobilizar docentes e discentes para a reflexão sistemática, fundamentada e contínua sobre suas práticas?

Foi nesse contexto que, em janeiro de 2023, surgiu o GEAPULab – Laboratório de Inovação do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária. Idealizado por Maria Angélica do C. Zanotto, coordenadora da Coordenadoria de Inovações Pedagógicas e Formativas da SEaD/UFSCar, o projeto foi coordenado por ela em parceria com Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz, à época assessora pedagógica e pesquisadora na área de inovação pedagógica pela UFLA.

O GEAPULab emerge como um subprojeto do GEAPU com propósito específico: incentivar a criação e prototipação de experiências de assessoramento pedagógico inovadoras, a partir de abordagens consolidadas na literatura, de forma a melhorar a qualidade da experiência dos atores envolvidos nos processos de assessoramento.

Este artigo historiciza o percurso do GEAPULab de 2023 a 2026, traçando sua evolução desde as Clínicas de Caso, intercaladas com palestras sobre inovação, até a transição dos "Momentos GEAPULab, com práticas de autocuidado e reflexão". Busca responder à pergunta central: quais são as contribuições do GEAPULab para o fortalecimento do GEAPU e para a profissionalização da assessoria pedagógica universitária? Secundariamente, discute quais ações desenvolvidas pelo laboratório

podem inspirar outras iniciativas nas instituições de educação superior participantes. O artigo ancora-se em um referencial teórico que contempla a Teoria U, a inovação pedagógica deliberada e consciente, e os princípios da interdisciplinaridade, reconhecendo que a transformação das práticas de assessoramento exige não apenas metodologias inovadoras, mas também espaços seguros de experimentação, acolhimento, erro e aprendizagem coletiva.

Referencial Teórico: Fundamentos que ancoram o GEAPULab

A construção do GEAPULab repousa sobre pilares teóricos que articulam inovação pedagógica, interdisciplinaridade, escuta empática e práticas colaborativas. Esta seção apresenta os conceitos fundamentais que sustentam as escolhas metodológicas e as ações desenvolvidas pelo laboratório.

Inovação Pedagógica Deliberada e Consciente

A concepção de inovação que fundamenta o GEAPULab vai além da simples mudança ou da adoção de novas tecnologias. Conforme Bacich e Moran (2018), a inovação pedagógica implica "uma mudança deliberada e conscientemente assumida na organização dos processos de ensino e aprendizagem em relação aos modelos vigentes e que consegue trazer melhores resultados". Esta definição enfatiza três dimensões essenciais para o trabalho do grupo: a consciência, a intencionalidade e a busca por melhoria nos processos educacionais.

Os autores também distinguem entre inovações mais pontuais e inovações mais profundas (disruptivas), que afetam a educação formal em todos os níveis e formas de organização — presencial, híbrida e a distância —, trazendo novas configurações híbridas, dinâmicas e integradoras. Para o GEAPULab, essa perspectiva é fundamental, pois reconhece que a inovação em assessoria pedagógica pode ocorrer em diferentes escalas e contextos, desde ações específicas até transformações mais amplas nas práticas institucionais.

Laboratórios de Inovação no Setor Público: Pessoas como Foco Central

Os laboratórios de inovação no setor público têm crescido intensamente nos últimos anos, acompanhando uma tendência internacional. Conforme Sano (2020, p. 12), os laboratórios de inovação são

> estruturas que fazem parte da administração pública, em geral possuem uma equipe e estrutura própria e estão voltados para fomentar a criatividade e a experimentação com o intuito de desenvolver inovações para melhorar os serviços públicos e lidar com problemas complexos.

Contudo, um ponto crítico destacado pela equipe do Labora-Gov! (2020) é que ainda persiste o entendimento equivocado de que desafios complexos podem ser resolvidos pela digitalização ou pela tecnologia. Entende-se a tecnologia como um vetor importante para a adaptação das organizações ao novo, mas o foco deve estar nas pessoas. Essa perspectiva é particularmente relevante para o GEAPULab, que reconhece que a

inovação em assessoria pedagógica não se reduz a ferramentas digitais, mas deve estar centrada nas experiências, desafios e necessidades reais dos assessores pedagógicos.

Teoria U: escuta empática e cocriação de soluções

A Teoria U, desenvolvida por Otto Scharmer (2010) e praticada por líderes e agentes de mudança em todo o mundo há mais de 20 anos, oferece uma abordagem fundamental para o GEAPULab. A Teoria U propõe metodologias e dinâmicas que podem ser aplicadas a desafios, problemas ou sistemas importantes para indivíduos ou grupos, permitindo "explorar o futuro pelo fazer" (*explore the future by doing*), desenvolvendo protótipos e soluções que conectam as dimensões pessoal, relacional e sistêmica da mudança.

Uma das ferramentas centrais da Teoria U é a Clínica de Caso, um processo de mentoria entre pares projetado para identificar soluções inovadoras e os passos seguintes para lidar com desafios urgentes e imediatos. Na Clínica de Caso, um doador de caso apresenta uma situação problemática concreta, e os pares atuam como conselheiros, praticando a escuta empática e a assertividade. Os conselheiros não oferecem receitas prontas; em vez disso, ouvem profundamente e expressam suas observações ("o que vi"), pensamentos ("o que pensei") e sentimentos ("o que senti") de forma gentil e respeitosa.

Os princípios que orientam a Clínica de Caso incluem: (a) ser específico — o caso deve apresentar um desafio atual e concreto; (b) reforçar relações horizontais

entre pares, sem hierarquias; (c) praticar escuta empática e assertividade, colocando-se "nas sandálias do outro"; e (d) criar um espaço seguro para descobertas e questionamentos compartilhados capaz de gerar novas soluções.

Interdisciplinaridade como princípio articulador das ações

O GEAPU emergiu como um grupo interdisciplinar, composto por profissionais com formações e atuações diversificadas — pedagogos, técnicos em assuntos educacionais, docentes e gestores — unidos pela disposição de estabelecer interações entre seus conhecimentos específicos para solucionar dilemas e problemas da esfera pedagógica. Fazenda (2003) oferece uma fundamentação teórica sólida para essa abordagem interdisciplinar, a partir de seis princípios que orientam a prática interdisciplinar.

O GEAPULab, como um desdobramento das ações do GEAPU, fomenta o exercício desses seis princípios, constituindo-se como um espaço próprio de construção de saberes no qual prevalecem concepções de formação e de docência que valorizam a aprendizagem socializada da docência, como dispositivo de desenvolvimento profissional, como visualizado na figura 1:

Figura 1 – Síntese da proposta do GEAPULab



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2026.

Linha do Tempo: Percurso do GEAPULab (2023–2026)

O GEAPULab, desde sua criação em 2023, tem percorrido uma trajetória marcada por experimentação, aprendizagem e transformação. Sua evolução, para além de mudanças metodológicas, reflete também uma compreensão progressiva das necessidades reais dos assessores pedagógicos e das condições necessárias para que um espaço de inovação funcione de forma sustentável e significativa.

Esta seção organiza essa jornada em dois momentos distintos: o período inicial, de 2023 a 2024, centrado nas

Clínicas de Caso e em estudos sobre inovação; e o período de transformação, de 2025 a 2026, com a consolidação dos "Momentos GEAPU", focados em autocuidado, presença e reflexão.

2023–2024: Início do GEAPULab e primeiras experimentações

O GEAPULab iniciou sua trajetória em 2023 como desdobramento da lacuna identificada no GEAPU, passando a estruturar ações experimentais voltadas ao assessoramento pedagógico inovador. Nesse processo, buscou-se criar um ambiente seguro para testar, aprender e prototipar práticas, com foco na melhoria da experiência dos participantes e no fortalecimento das ações de assessoramento. Conforme explicitado na proposta original, o desafio era claro: "temos tido pouco sucesso em conscientizar e despertar a curiosidade dos nossos assessorados para que, deliberadamente e sistematicamente, utilizem/recorram ao assessoramento pedagógico, como um serviço essencial e importante para o seu desenvolvimento".

Seu propósito era incentivar a criação e a prototipação de experiências de assessoramento pedagógico inovadoras, a partir de abordagens consolidadas na literatura, de forma a melhorar a qualidade da experiência dos atores envolvidos nos processos de assessoramento.

Cronologia de 2023

Tabela 1 – Cronologia das ações do GEAPULab em 2023

Data	Ação	Contribuição / sentido da ação
8 de fevereiro	Disponibilização de formulário para o grupo GEAPU, com duas questões abertas para o levantamento de "dores"	Levantamento inicial das dificuldades, frustrações e desejos dos participantes, que embasaram a apresentação da proposta do GEAPULab
9 de março	Primeira reunião de equipe fixa do GEAPULab	Apresentação dos membros e início formal dos trabalhos
27 de abril	Primeira ação pública do GEAPULab	Dinâmica de grupo focada em Exercício de Escuta Empática, apresentando a ideia do laboratório aos membros do GEAPU
9 de maio	Reunião de equipe e 1ª simulação de Clínica de Caso	Apresentação de caso concreto e início das experimentações com a metodologia de Clínica de Caso
27 de junho	Criação do grupo de *WhatsApp* GEAPULab – Clínica de Caso	Organização da agenda das clínicas e definição dos papéis: doador/a, conselheiro/a e cuidador/a do tempo
27 de julho	Palestra **"CRIATIVE-SE!"**, ministrada por Vinícius Mendes Aranha	Primeira exposição teórica sobre criatividade e inovação nos encontros do GEAPU
26 de outubro	Roda de conversa **"Teoria U e SelfInnovation"**, ministrada por André Coimbra Felix Cardoso	Aprofundamento teórico sobre a Teoria U de Otto Scharmer, fundamento das Clínicas de Caso
28 de novembro	Workshop **"Chat GPT no Trabalho da Assessoria Pedagógica Universitária"**, ministrado por Glauber Lúcio Alves Santiago	O laboratório acompanha a evolução tecnológica, oferecendo formação sobre ferramentas emergentes e sua aplicabilidade na prática de assessoramento

Fonte: Elaborado pelas autoras com arquivos próprios, 2026.

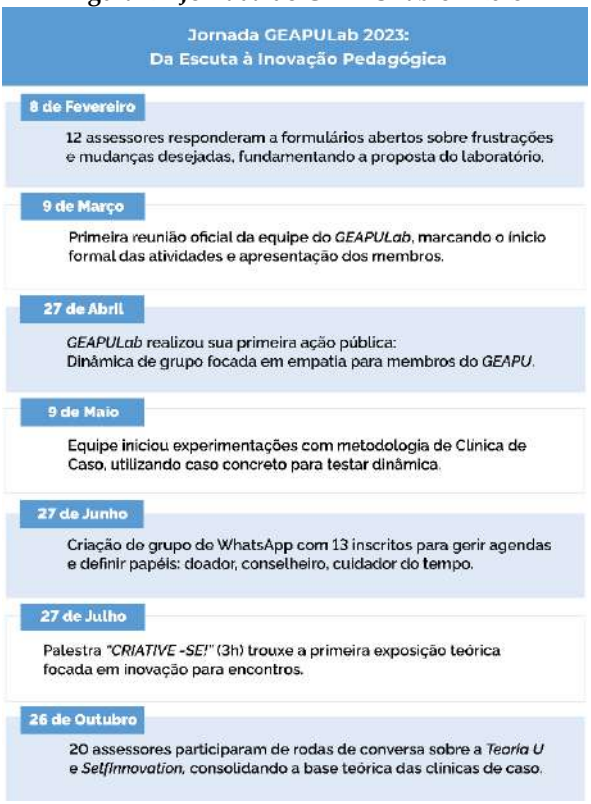
As ações de 2023 evidenciam o caráter experimental do GEAPULab, combinando escuta inicial, socialização da proposta, simulação metodológica e formação teórica.

Evolução das Clínicas de Caso (2023–2024)

Em 2023, o GEAPULab apresentou a metodologia de Clínicas de Caso como ferramenta central de trabalho. As Clínicas de Caso, conforme fundamentado teoricamente, constituem um processo de mentoria entre pares projetado para identificar soluções inovadoras e os próximos passos para enfrentar desafios urgentes e imediatos. Diferentemente de processos tradicionais de consultoria, a Clínica de Caso repousa sobre princípios de horizontalidade, escuta empática e assertividade.

Na Clínica de Caso, um doador de caso apresenta uma situação problemática concreta (algo que "não sabe, mas precisa saber"). Os demais participantes, denominados conselheiros, atuam como ouvintes profundos que praticam a escuta empática. Após ouvir o caso, compartilham suas observações ("o que vi"), pensamentos ("o que pensei") e sentimentos ("o que senti"), de forma assertiva, porém gentil. O doador de caso recebe essas contribuições e reflete sobre novas perspectivas e possibilidades de ação. A jornada do GEAPULab em 2023 pode ser visualizada na figura 2:

Figura 2 – Jornada do GEAPULab em 2023



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2026.

Foi criado um grupo de *WhatsApp* para facilitar a comunicação entre as 13 pessoas que se interessaram em conhecer e participar das clínicas. Entre maio e novembro de 2023, foram realizadas quatro Clínicas de Caso entre as pessoas desse grupo, com muito sucesso, conforme os resultados do questionário aplicado em fevereiro de 2024. A síntese dos resultados do questionário de avaliação da experiência na Clínica de Caso no GEAPULab, de fevereiro de 2024, está apresentada na Tabela 2.

Tabela 2 – Principais resultados da avaliação das Clínicas de Caso

Aspecto avaliado	Resultado
Percepção geral da experiência	Ótima para **80%** dos respondentes e boa para **20%**
Relevância da metodologia	Predominantemente muito relevante; as demais respostas classificaram a experiência como relevante
Aspectos mais valorizados	Escuta empática, assertividade, colaboração, diálogo, insights e reflexões gerados nas discussões
Papéis e responsabilidades	Consenso de que estavam claramente definidos
Interação entre participantes	Avaliada como muito positiva
Efeitos percebidos	Favorecimento da colaboração, do trabalho em equipe e da construção de soluções criativas para desafios educacionais
Interesse futuro	Desejo de continuar participando, ampliar a metodologia e ter mais materiais formativos sobre o tema

Fonte: Elaborado pelas autoras com arquivos próprios, 2026.

Nas respostas abertas, os participantes destacaram que a Clínica de Caso fortalece a assessoria pedagógica ao promover reflexão crítica, inovação nas práticas educacionais, melhoria contínua do processo de ensino-aprendizagem e apoio ao desenvolvimento de estratégias pedagógicas. Os comentários reforçam a importância da experiência como espaço de diálogo, escuta qualificada, empatia e aprendizagem colaborativa. Diversos respondentes manifestaram interesse em continuar participando das clínicas e em aplicar a metodologia em suas próprias instituições, sugerindo a ampliação e continuidade da prática, bem como a disponibilização de mais materiais formativos sobre o tema.

Após o ciclo inicial de experimentações e a avaliação realizada em fevereiro de 2024, o grupo permaneceu

inativo de novembro a fevereiro. Em março de 2024, precisou ser encerrado por segurança digital, pois o link de convite estava aberto e houve acesso de pessoas alheias ao GEAPU. Esse fechamento sinalizou a transição da fase de experimentação para a sistematização e disseminação das experiências.

Publicações e disseminação (2024)

O GEAPULab gerou produtos concretos que contribuíram para a disseminação das experiências e dos aprendizados construídos. Um resumo expandido sobre as Clínicas de Caso aplicadas em 2023 foi publicado nos anais do CIET Horizontes em 2024 (Zanotto; Ribeiro, 2024), sistematizando objetivos, metodologia, resultados preliminares e contribuições das experiências para a formação de assessores pedagógicos universitários. Essa publicação tornou público o trabalho realizado pelo GEAPULab, contribuindo para a disseminação da Teoria U e da metodologia de Clínicas de Caso no contexto brasileiro de educação superior.

Paralelamente, o GEAPULab ofereceu uma oficina no CIET Horizontes 2024, levando a experiência do laboratório para além do círculo interno do GEAPU, permitindo que assessores pedagógicos de outras instituições vivenciassem de forma presencial a metodologia de Clínica de Caso. Essa oficina, de 4 horas de duração, teve 11 inscritos e 7 participantes, e foi possível realizar uma Clínica de Caso com os participantes presentes.

2025–2026: Transformação para os "Momentos GEAPU" — autocuidado, presença e reflexão

Em 2025, o GEAPULab experimentou uma transformação significativa em sua abordagem. As Clínicas de Caso, embora tenham se mostrado metodologicamente potentes, deixaram de ser ofertadas regularmente. Em seu lugar, emergiram os "Momentos GEAPU" — espaços dedicados a práticas de autocuidado, presença e reflexão.

Essa mudança não representa um abandono da proposta original do GEAPULab, mas uma evolução baseada em aprendizados acumulados. Reflete uma compreensão mais profunda de um desafio estrutural identificado e publicado no documento Manifesto do GEAPU (Azevedo; Xavier; Sousa; Wagner, 2024): os assessores pedagógicos trabalham sob condições de sobrecarga, falta de tempo institucional, solidão profissional e impotência diante de demandas que excedem suas capacidades. Nesse contexto, um laboratório de inovação que não reconheça e não cuide das pessoas que o compõem corre o risco de reproduzir as mesmas dinâmicas de precariedade que busca transformar.

Cronologia de 2025–2026: práticas de autocuidado, presença e reflexão

A cronologia apresentada na tabela a seguir evidencia essa inflexão na trajetória do GEAPULab. Sem romper com sua vocação formativa, o laboratório reorienta suas ações, deslocando o foco das Clínicas de

Caso para os "Momentos GEAPU", agora marcados por práticas de autocuidado, presença e reflexão, voltadas à sustentação emocional, relacional e profissional dos participantes.

Tabela 3 – Cronologia das ações do GEAPULab em 2025–2026

Data	Tema / ação	Sentido da prática
27 de março de 2025	Primeira reunião remota síncrona da programação de 2025; atividade de acolhimento focada na importância do autocuidado	Marca a transição do foco em inovação técnica para inovação humanizada, centrada no bem-estar
29 de abril de 2025	Tema: **Manifesto dos Assessores Pedagógicos Universitários**; dinâmica de checagem: **"Como você está se sentindo hoje?"**	Prática de reflexão e presença que reconhece o estado emocional dos participantes como dimensão central do trabalho coletivo
27 de maio de 2025	Tema: **"Neurodiversidade no Ensino Superior: o papel dos assessores pedagógicos no processo de plena inclusão"**; dinâmica **"Abraço da Borboleta"**	Prática que reconhece que o autocuidado emocional é a base para trabalhar a neurodiversidade
24 de junho de 2025	Tema: **"A Ciência da Felicidade: como assessores pedagógicos podem promover espaços de trabalho mais humanos"**; atividade de prática de autocuidado por meio da técnica de respiração	Convida os participantes a pensar sobre a pausa necessária e reconhece a necessidade de sustentabilidade profissional e emocional

Data	Tema / ação	Sentido da prática
Agosto de 2025	Celebração de **5 anos do GEAPU**; palestra de Rodrigo Ruschel, da Gaia+, sobre **Letramento Emocional**	Reconhecimento da importância da sustentabilidade profissional e emocional como fundamento para a continuidade do trabalho
Outubro de 2025	Dinâmica **"Honrando Nossas Próprias Belezas"**; atividade de identificação de qualidades e habilidades	Reconhecimento de potencialidades e valorização das singularidades de cada assessor
31 de março de 2026	Momento GEAPULab de Autocuidado; reflexão sobre metas e propósitos para 2026	Atividade guiada para alinhamento entre planejamento e aquilo que é importante para si; mensagem central: **"está tudo bem revermos a nossa rota e redefinirmos a meta"**
Abril de 2026	Tema: **"Educação para as Relações Étnico-Raciais"**; prática do **"Escalador"**	Ferramenta para lidar com conflitos, dores históricas, desigualdades e possibilidades de reparação; marca a dimensão política e reparadora do cuidado

Fonte: Elaborado pelas autoras com arquivos próprios, 2026.

Continuidade e descontinuidade em relação às Clínicas de Caso

A checagem emergiu como ferramenta central dos "Momentos GEAPU" — prática de verificação do estado emocional e de bem-estar dos participantes que informam continuamente as ações do laboratório. Diferentemente de avaliações formais, a checagem funciona como um processo de

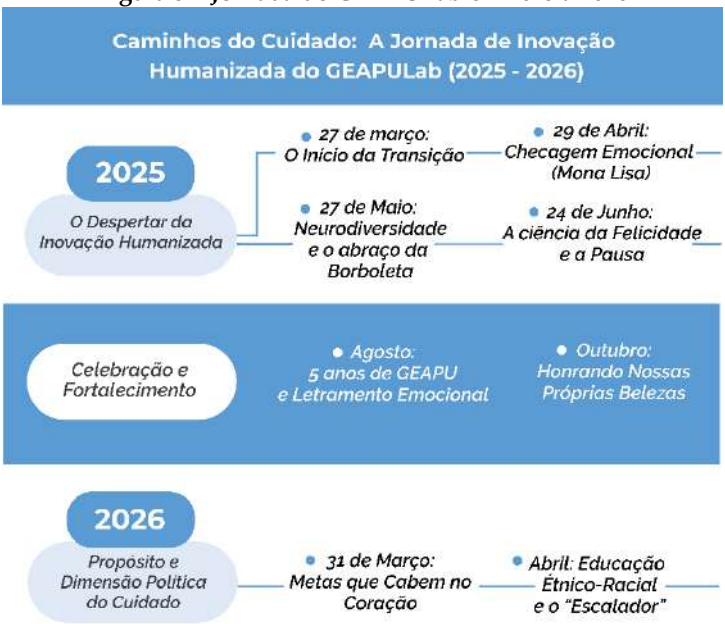
diálogo permanente que reconhece a humanidade dos assessores pedagógicos e sua centralidade no trabalho de inovação.

A transição de 2023–2024 para 2025–2026 não é uma ruptura total, mas uma reconfiguração. O que permanece é o compromisso central do GEAPULab: ser um espaço seguro onde assessores pedagógicos possam refletir sobre suas práticas, compartilhar desafios, aprender coletivamente e experimentar novas formas de estar e agir. O que muda é o entendimento de que esse espaço seguro precisa, fundamentalmente, cuidar das pessoas que o habitam.

Essas práticas reconhecem que a inovação em assessoria pedagógica não é apenas uma questão técnica ou metodológica, mas também uma questão de saúde mental, bem-estar e sustentabilidade profissional. Conforme apontado por Sousa, Ribeiro e Xavier, no capítulo 7 desta obra, é preciso que os assessores compreendam seus limites e que as instituições respeitem a natureza humana, que "demanda tempo de maturação para se apropriar de um conhecimento novo, bem como de descanso para se restabelecer".

Em síntese, a passagem das Clínicas de Caso para os Momentos GEAPU preserva a vocação formativa do laboratório, mas desloca o foco para a sustentação emocional, relacional e profissional das pessoas envolvidas. A figura 3 resume a jornada 2025-2026:

Figura 3 – Jornada do GEAPULab em 2025 a 2026



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2026.

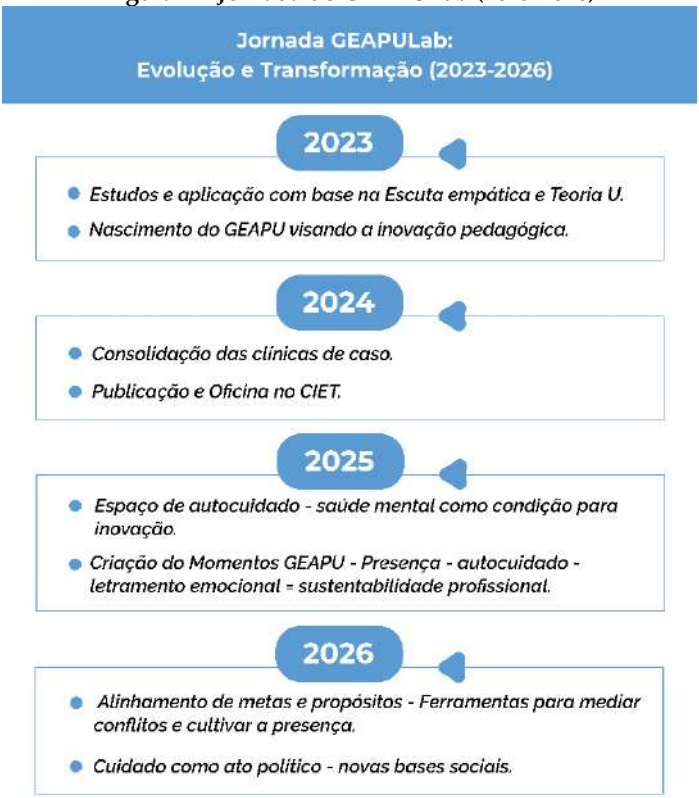
O que permanece é o compromisso central do GEAPULab: ser um espaço seguro onde assessores pedagógicos possam refletir sobre suas práticas, compartilhar desafios, aprender coletivamente e experimentar novas formas de estar e agir. O que muda é o entendimento de que esse espaço seguro precisa, fundamentalmente, cuidar das pessoas que o habitam.

Considerações finais: Perspectivas, dilemas e sonhos possíveis

O GEAPULab emerge, neste momento histórico de crise e questionamento da educação superior brasileira,

como mais que um laboratório de inovação técnica. Ele se constitui como um espaço onde assessores pedagógicos podem, coletivamente, reavivar a capacidade ontológica de sonhar, de projetar para o futuro próximo dias de paz, equidade e solidariedade nas práticas de assessoramento pedagógico. Conforme nos convida Paulo Freire, é preciso acreditar que "do alvoroço da alma faz parte também a dor da ruptura do sonho, da utopia". A jornada completa pode ser visualizada na figura 4:

Figura 4 – Jornada do GEAPULab (2023-2026)



Fonte: Elaborada pelas autoras, 2026.

As dores e desafios diários que afetam os assessores pedagógicos – a solidão profissional, a impotência diante de demandas que excedem suas capacidades, a falta de tempo institucional, o descaso com a dimensão pedagógica – podem ter rasgado muitos dos sonhos que os trouxeram para essa profissão. Podem tê-los deixado, por algum tempo, na inércia e no desencanto. Mas sonhos são rasgados, não desfeitos. Pois sonhar é destino dado. Estamos irremediável e felizmente "condenados" todos e todas a sonhar.

O GEAPULab reconhece essa realidade contraditória. Não nega as dores nem as condições estruturais de precariedade que marcam a assessoria pedagógica nas instituições brasileiras. Mas, ao mesmo tempo, cria um espaço seguro onde essas dores podem ser nomeadas, compartilhadas e transformadas em oportunidades de cocriação. Os "Momentos GEAPU" com práticas de autocuidado, presença e reflexão, são, antes, atos de resistência e de cuidado político. São formas de dizer: nossas vidas, nossas saúdes mentais, nossos corpos importam. A inovação em assessoria pedagógica só é possível se cuidarmos de quem a realiza.

As Clínicas de Caso, as palestras sobre inovação, as práticas de escuta empática e os momentos de reflexão coletiva que marcaram a trajetória do GEAPULab de 2023 a 2026 representam tentativas concretas de sonhar juntos os sonhos humanizadores. Sonhos ético-políticos que reconhecem que a transformação da educação superior não é tarefa individual, mas coletiva.

O GEAPULab não resolve os problemas estruturais da educação superior brasileira. Não elimina as contradições entre sonho e realidade, entre o que desejamos e o que é

possível fazer com os recursos disponíveis. Mas oferece algo igualmente importante: um espaço seguro onde assessores pedagógicos podem se reconhecer como sujeitos políticos capazes de transformação, onde podem experimentar a inovação e a escuta empática como ferramentas de trabalho, onde podem reafirmar que a educação de qualidade é possível e desejável.

Que o GEAPULab continue florescendo no presente e no futuro. Que se renove, amplie suas interlocuções com outras instituições e siga comprometido com o desenvolvimento humano, social e com a qualidade da educação superior. Que inspire outras iniciativas de inovação em assessoria pedagógica nas instituições brasileiras. E que, acima de tudo, mantenha viva a chama do sonho — o sonho possível, o sonho que só será realizado se fizermos isso juntos, colaborando, dialogando, construindo e ressignificando permanentemente a forma como podemos fazer a educação superior chegar aos nossos estudantes com humanidade e esperança.

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. **LA-BORA!Gov**: Laboratório de Gestão Inovadora. Brasília, DF, [s.d.]. Disponível em: LA-BORA!Gov. Acesso em: 19 jun. 2026.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (ENAP). **Laboratórios de inovação no setor público**: mapeamento e diagnóstico de experiências nacionais. Brasília, DF: Enap, 2020. Disponível em: Repositório ENAP. Acesso em: 19 jun. 2026.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 11. ed. Campinas: Papirus, 2003.

SANO, Hironobu. **Laboratórios de inovação no setor público**: mapeamento e diagnóstico. Brasília: Enap, 2020. 120 p. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/5112 . Acesso em: 19 jun. 2026.

SCHARMER, C. Otto. **Teoria U:** como liderar pela percepção e realização do futuro emergente. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de; SOUSA, Walêska Dayse Dias de; WAGNER, Flávia. **Manifesto** - Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária. Educação: Teoria e Prática, [S. l.], v. 34, n. 67, p. e48[2024], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v34.n.67.s18246.

ZANOTTO, Maria Angélica do Carmo; CRUZ, Sayonara Ribeiro Marcelino. Clínica de Caso virtual: estudo exploratório de uma aplicação com assessores pedagógicos universitários de IES brasileiras. In: **Anais CIET**: Horizonte|2024. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2024. ISSN 2316-8722. Disponível em: https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/issue/view/anais2024 Acesso em: 19 jun. 2026.

Capítulo 4

Experiência de viver a comunidade GEAPU

Michelha Vaz Pedrosa

Foi com uma mistura de surpresa e alegria que recebi o convite para escrever este texto. A Amanda[1] sempre diz que eu fui a primeira integrante do GEAPU. Esse fato, por si só, já diz muito sobre o lugar que o Grupo ocupa em minha vida profissional e, também, acerca da ânsia que sentia por algo que me proporcionasse tudo que o GEAPU proporciona desde a sua criação.

Quando pensava sobre o que escreveria neste capítulo de livro, me lembrei do filósofo Santo Agostinho, cuja iconografia o representa com a pena em uma das mãos e o coração na outra. Dentre as várias interpretações possíveis, há uma que remete à importância de termos o coração na mão todas as vezes que escrevemos, significando o compromisso com o amor à verdade. É neste espírito que espero aqui trazer contribuições aos profissionais da educação que, assim como eu, acreditam no valor e no potencial que ela tem de, por meio da verdade, transformar vidas.

Há cerca de 14 anos, exerço o cargo de pedagoga em uma universidade federal. Antes, no mesmo cargo, passei por dois institutos federais de educação. Também atuei

[1] Em referência à Pedagoga Dra. Amanda Rezende Costa Xavier, coordenadora do GEAPU.

como servidora no cargo de pedagoga na esfera estadual, no início de minha trajetória profissional. Experiências bem diferentes, mas que não deixam de possuir nuances em comum. Hoje, com vinte anos de experiência, sinto que tenho bem mais segurança quanto ao que acredito e desejo para a educação, bem como do espaço que ocupo neste contexto. Já não há mais o vigor e a utopia de uma jovem recém-formada que acreditava poder mudar o mundo, mas toma o seu espaço uma maior lucidez quanto aos limites e possibilidades que a realidade educacional brasileira impõe ao nosso trabalho.

Quando cursei a Licenciatura em Pedagogia em uma universidade federal, entre os anos de 2002 e 2006, jamais imaginei um dia desenvolver minhas futuras atividades profissionais no ensino superior ou tecnológico. No meu curso superior - e imagino que no de todos os pedagogos do Brasil - sequer se falava dessa possibilidade. Nada era dito acerca da Pedagogia Universitária ou do trabalho do Pedagogo nessa esfera da educação.

A própria descrição do cargo de Pedagogo no rol dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação (Lei nº 11.091/2005), encontra-se, de certa forma, desatualizada. Ela relaciona a nossa atuação predominantemente ao trabalho com crianças, o qual é realizado, por exemplo, nas escolas de aplicação e nos colégios militares.

Nos Institutos Federais, conforme a minha experiência, o pedagogo possui um espaço bem mais definido e consolidado que nas universidades. Essa realidade também varia de uma universidade para outra,

pelo que percebo nas trocas de experiências proporcionadas pelo GEAPU.

No momento da minha vinda para a universidade, a qual se deu por motivos pessoais e familiares, deparei-me com algo que, por um lado, pareceu desconfortável - a falta de um espaço delimitado e demarcado de atuação profissional -, mas que, por outro, concedeu-me uma grande liberdade para criar e propor ações nessa direção.

Aqui, é de extrema importância ressaltar algo que vivemos a todo momento enquanto seres humanos: o uso da liberdade. Vi-me diante de um desafio: acomodar-me ou incomodar-me. Acomodar-me a uma situação aparentemente "confortável", de não me comprometer com grandes projetos e apenas desempenhar as atividades simples e rotineiras que me eram exigidas, ou incomodar-me por saber que eu poderia "dar mais" de mim; afinal, eu, como a única pedagoga no *campus*, tinha algo para oferecer e que deveria fazê-lo. Foi nessa jornada que iniciei um processo de busca para conhecer as experiências de outras IES em que pudesse me espelhar, a fim de atender uma demanda local visível. Dentre tudo o que pesquisei, li e conheci, muitas ideias surgiram. Conheci pessoas que me ajudaram e me deram pistas de por onde caminhar. E foi em meio a esse processo que conheci o GEAPU.

O GEAPU significa, para mim, um grande divisor de águas. Diante dos desafios que enfrentava no trabalho, eu me perguntava: O que será que os demais Pedagogos fazem nas outras universidades? Será que estou no caminho certo? Trocava informações com colegas de outras instituições, mas sempre ficava a sensação de que

faltava uma diretriz mais clara para orientar meu trabalho.

Quando soube do Grupo por uma rede social, tive certeza de que era o que procurava - tanto que fui a primeira a entrar oficialmente. Desde então, percebi que minhas angústias eram compartilhadas por quase todos: as mesmas incertezas, desafios e frustrações, mas, sobretudo, um desejo imenso de melhorar a educação, de poder contribuir com nossas instituições de ensino. Buscar e oferecer o melhor. Queremos apenas ocupar nosso lugar de direito, sendo respeitados e valorizados.

O GEAPU possui vários pontos fortes a serem destacados. Por esses pontos perpassam, o tempo todo, as esferas da singularidade e da coletividade; há uma constante troca entre o "eu" de cada um de nós e o "todo" do Grupo.

Um dos pontos mais importantes do Grupo foi o desenvolvimento de um senso de comunidade, muito bem explicitado por Xavier (2025). Hoje, não me sinto mais "sozinha", pois tenho ao meu lado muitos colegas assessores pedagógicos com os quais posso contar sempre que necessário. Por meio do Grupo, temos a oportunidade de conhecer as diferentes realidades do país, encontrando profissionais altamente capacitados e disponíveis para auxiliar em nossas dúvidas.

Outro ponto fundamental para mim foi a construção de uma identidade profissional, que me deu segurança para galgar o espaço pertencente à Assessoria Pedagógica Universitária. Hoje, compreendo o que é o meu trabalho e o que compete - ou não - a mim.

Por fim, mas não menos importante, destaca-se o processo autoformativo que o GEAPU desenvolve,

fundamentado na troca de experiências, no acesso a materiais formativos, e nas construções coletivas como esta.

Há um antes e um depois do GEAPU que pode ser notado no trabalho que desenvolvo enquanto profissional na minha instituição. No final de 2024, o trabalho realizado no *campus* universitário onde atuo foi oficializado institucionalmente sob o título de Núcleo de Apoio Acadêmico (NUAC), o qual conta, hoje, com quatro profissionais atuando junto às coordenações de curso, professores e estudantes.

Outra grande lição de todo o processo pelo qual nós do GEAPU passamos é que, mesmo não tendo recebido, em nossa formação inicial na licenciatura, a preparação para trabalhar no ensino superior, isso não nos impediu de fazê-lo - e digo: de forma pioneira e brilhante. A base que recebemos na graduação, somada aos nossos estudos posteriores, bem como toda construção teórica nacional e internacional dos últimos tempos por tantos nomes na área da Pedagogia Universitária, forneceu os alicerces dessa obra iniciada que, hoje, é referência para os jovens assessores que iniciam seu trabalho.

Referências

BRASIL. **Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005**. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2005.

XAVIER, Amanda Rezende Costa. GEAPU: nasce a história. In XAVIER, Amanda Rezende Costa; ANTONELLO, Jaqueline; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de. **Cartas de uma comunidade de aprendizagem em construção:** contando uma história. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. p. 11-26. (Coleção Memórias GEAPU, v. 1). E-book. ISBN 978-65-265-2640-8.

CAPÍTULO 5

Cartas GEAPU: encontros de 2025 e 2026

Adriane Franco Duarte

Os encontros síncronos do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU) constituem-se como espaços de diálogo, escuta e formação coletiva. Neles, pesquisadores compartilham estudos, resultados de pesquisas e experiências profissionais, ao mesmo tempo em que todos os integrantes são convidados a problematizar e refletir sobre questões que estão conectadas aos desafios e possibilidades do trabalho de Assessorias Pedagógicas Universitárias. Mais do que momentos de socialização de conhecimentos, esses encontros reafirmam o respeito às diferentes trajetórias, perspectivas e experiências que cada participante traz consigo, fortalecendo vínculos e constituindo uma comunidade de aprendizagem.

É justamente nesses encontros que se constroem memórias coletivas. Como afirma D'Aléssio (1993, p. 98), "situações vividas só se transformam em memória se aquele que se lembra sentir-se afetivamente ligado ao grupo ao qual pertenceu". Assim, a memória produzida no GEAPU não decorre apenas da participação nos encontros, mas, sobretudo, do sentimento de pertencimento que se fortalece nas relações estabelecidas entre seus integrantes.

Frequentemente, os diálogos não terminam com respostas definitivas. Ao contrário, produzem novas perguntas, inquietações e possibilidades de investigação que precisam considerar os diferentes contextos e suas singularidades. É justamente na convivência com as dúvidas, nas perguntas que permanecem abertas e na reflexão compartilhada que o processo formativo se fortalece. A formação não se constitui pela busca de certezas, mas pelo movimento contínuo de compreender, problematizar e reconstruir a própria prática profissional.

Nesse processo, também nos constituímos como sujeitos em permanente transformação. Nossa identidade está em constante movimento, em construção e reconstrução, pois, conforme Hall (2006), a identidade não é estática, mas negociável, híbrida e continuamente ressignificada, fazendo com que o sujeito assuma diferentes identidades conforme os contextos que vivencia. Assim, cada encontro também pode produzir novos olhares sobre nossa atuação e sobre nós mesmos enquanto assessores pedagógicos universitários.

Toda experiência formativa é singular. Embora os participantes compartilhem o mesmo encontro, cada pessoa constrói sentidos próprios a partir de sua história, de sua trajetória profissional e de suas vivências. Assim como diferentes pessoas podem contemplar uma mesma fotografia e perceber elementos distintos, também cada integrante do GEAPU elabora interpretações particulares das discussões realizadas. É justamente por reconhecer essa pluralidade de olhares que surgem as cartas: registros escritos dos encontros síncronos destinados aos integrantes do Grupo, não com a intenção de reproduzir

fielmente tudo o que foi vivido, mas de preservar mais um capítulo dessa história.

Essas cartas constituem uma forma de registrar a memória coletiva do GEAPU e, ao mesmo tempo, de historicizar sua trajetória. Como destaca Le Goff (1984, p. 102), "o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder". Nessa perspectiva, as cartas não são documentos neutros. Elas expressam escolhas, interpretações, afetos e experiências produzidas por uma comunidade que reconhece a importância de registrar sua caminhada formativa e fortalecer o espaço de diálogo dos, para os e com os assessores pedagógicos universitários.

Os encontros do GEAPU configuram-se como espaços seguros de acolhimento, diálogo e formação entre pares. São momentos em que desafios, conquistas, dúvidas e experiências podem ser compartilhados com liberdade, fortalecendo uma comunidade comprometida com a construção coletiva do conhecimento. Há, nesses encontros, algo que lembra uma conversa entre colegas durante um café: um tempo reservado para escutar, aprender, questionar e fortalecer vínculos. As cartas podem ser compreendidas como a continuidade dessa conversa, uma forma de prolongar o encontro e registrar, ainda que brevemente, a memória da experiência vivida.

Registrar essas experiências significa também construir a história do próprio GEAPU. Cada carta representa um fragmento dessa trajetória coletiva, preservando memórias que, embora parciais e marcadas pelo olhar de quem as escreve, revelam a riqueza do percurso vivido pelo Grupo. São registros que

testemunham não apenas os temas discutidos, mas também a constituição de uma comunidade de assessores pedagógicos universitários que aprende conjuntamente, apoia-se mutuamente e encontra, na partilha, possibilidades de crescimento profissional e humano.

Cada carta conta uma história; cada encontro inaugura novas possibilidades; cada registro amplia a memória do Grupo e contribui para preservar a história de uma comunidade que se fortalece no diálogo, na reflexão compartilhada e na convicção de que aprender também é construir, coletivamente, novos modos de ser e de atuar.

Assim, registrando cada encontro *online* síncrono realizado entre 2025 e junho de 2026, apresentamos as doze cartas que vêm contar um pouco dessa história em construção.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

Apresentação de proposta de trabalho para o grupo e organização em 2025

No dia 27 de março foi realizada a primeira reunião remota síncrona da programação do ano de 2025 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU). Para iniciar as atividades foi apresentada a equipe de apoio.

Na sequência, houve a abertura do GEAPULab, que realizou uma atividade de acolhimento dos participantes focalizando a importância do autocuidado. Sugeriu-se um *link* no qual estão disponíveis alguns exercícios de autocuidado: https://www.fiquebem.org.br/seelearning materiais/pr%C3%A1ticas-de-autocuidado.

O próximo momento foi a apresentação do panorama do GEAPU, juntamente com a agenda das atividades para 2025, destacando-se o ano de criação do GEAPU, o objetivo do GEAPU, número de integrantes, instituições filiadas e as funções que ocupam.

Além disso, foi realizado um convite para publicação no dossiê temático "Ensino Superior: políticas, teorias e práticas", organizado por integrantes do GEAPU, a ser publicado na Revista Poiésis, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Houve, como sempre, espaço para as falas e sugestões dos participantes, pois o GEAPU é um espaço de acolhimento aos assessores pedagógicos e de troca experiências para fortalecer a prática profissional.

Outro ponto em destaque foi a proposta da atividade que acontecerá em setembro, em que interessados em compartilhar suas experiências de produção poderiam ser selecionados para apresentarem, em até 15 minutos, os seus trabalhos, objetivando partilhar com os colegas a produção que vem sendo feita.

Após agradecimentos aos presentes, a reunião foi encerrada.

Dia 27 de março de 2025,
Membros do GEAPU.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

Encontro Manifesto dos Assessores Pedagógicos

GEAPUnianos,

Chega nosso encontro de abril de 2025. Começamos pelo Momento GEAPULab... um laboratório, uma experimentação para a atenção sobre si. Checagem... Como estamos dentro? Como sentimos nossas emoções? Um convite para olhar para si. Olhem-se!

Conhecer-se ajuda a ação profissional, porque altera as relações que estabelecemos ou precisamos estabelecer. E, a partir desse exercício de olhar para si e para como sentimos nossos sentimentos, de identificar-se com uma escala de pinturas que pode revelar múltiplas possibilidades, chegamos ao Encontro do Manifesto dos Assessores Pedagógicos do Ensino Superior.

Manifesto... Trabalhá-lo é um acerto de contas com o que se foi, mas, também, com o que ainda virá. É um momento de consciência. Manifesto é compartilhar sementes porque os que virão depois de nós, assessores hoje, terão que regá-las.

Lembremos do Manifesto dos Pioneiros da Educação. 1932. O que mudou? Pautas e lutas ainda mantidas, ainda que sejamos atores em tempo-lugares diferentes. Historicamente, compreendemos que nem sempre o que nós plantamos será colhido por nós, mas

por outros, que virão depois de nós e manterão nossas lutas.

Mas, no hoje, é preciso tomar uma decisão: queremos fortalecer nossa atuação profissional de assessoramento pedagógico, por meio da negociação nas Instituições de Ensino Superior, em torno do Manifesto dos Assessores? Que sentido colocamos no que fazemos? Conscientemente escolhemos? Podemos com isso? Podemos com a hegemonia das IES? Queremos uma proposta contra-hegemônica? Porque isso é o GEAPU, ele provoca rupturas, estranhamente estranhadas na universidade.

E que contexto vivenciamos? A indefinição do pedagógico.

Vivemos o desafio de construir conceitos sobre o que fazemos. Que ação pedagógica é a nossa? Que ações a enfrentar no pedagógico? Precisamos encontrar no GEAPU cor, fundamentos, parceria, propósito. GEAPU é caminhada. É preciso tomar consciência do sentido, com referência teórica, com sustentação. É necessária tomada de decisão e posição sobre nossa prática. Estar no GEAPU é trabalhar para a delimitação de um território: do referencial teórico que sustenta a prática à subjetividade do ser – estar – realizar na função de assessor.

A proposição da socialização do Manifesto foca em fazer chegar seu conteúdo nas IES, mas esse processo ainda é tímido. Face à timidez de socializar o Manifesto, voltamos à questão sobre o que queremos ocupando essa função. Até quando manteremos a incompreensão desse lugar? Incompreensão que não se limita à gestão, acima de nós, mas dos pares, ocupantes ou não da função.

É preciso se posicionar... Queremos ou não fortalecer nossa atuação na função?

Pelas telas de norte a sul deste Brasil,

Dia 29 de abril de 2025,
Amanda Xavier
Waleska Sousa
Maria Angélica Zanotto
Sayonara Ribeiro
em nome dos GEAPUnianos presentes.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

Neurodiversidade no Ensino Superior: o papel dos assessores pedagógicos no processo de plena inclusão

No dia 27 de maio foi realizada a terceira reunião remota síncrona da programação do ano de 2025 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

O primeiro momento foi o GEAPULab com a atividade abraço da borboleta, prática para autocuidado, pois o autocuidado emocional é a base para trabalhar a neurodiversidade.

O segundo momento foi a aula "Neurodiversidade no Ensino Superior o papel dos assessores pedagógicos no processo de plena inclusão", ministrada pela Profª. Dra. Maria Elena Infante Malaquias (USP).

Para a contextualização foi dialogado sobre o conceito de neurodiversidade e neurodivergência, focalizando o olhar sobre a compreensão dos sistemas sensoriais e aprendizagem.

Na sequência, houve apontamentos sobre o contexto atual da Universidade, refletindo os impactos na prática pedagógica em relação a dificuldades cognitivas, motoras, sociais e emocionais.

E duas questões nortearam o diálogo sobre o papel dos assessores. A primeira questão foi: Como criar estratégias de acolhimento para os estudantes? A outra indagação foi: Como criar espaços de formação

pedagógica e atendimento docente? Buscou-se com as questões definir a intencionalidade que deve permear a intervenção pedagógica na educação superior, juntamente com o acolhimento e a compreensão da vulnerabilidade de todo ser humano e das possibilidades de construções com os docentes e discentes.

Assim, por meio de relatos de experiências de integrantes do GEAPU, aliados às reflexões mediatizadas pela Profª. Dra. Maria Elena Infante Malaquias (USP), esse encontro também possibilitou pensar a realidade cotidiana sobre a neurodiversidade no Ensino Superior, evidenciando o papel dos assessores pedagógicos no processo de plena humanização!

Dia 27 de maio de 2025,
Membros do GEAPU.

Carta do encontro GEAPU

A Ciência da Felicidade: como assessores pedagógicos podem promover espaços de trabalho mais humanos

No dia 24 de junho foi realizada a quarta reunião remota síncrona da programação do ano de 2025, do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

O primeiro momento foi o GEAPULab, com a atividade de autocuidado por meio da técnica de respiração, convidando-nos a pensar sobre a pausa necessária.

O segundo momento foi a aula "A Ciência da Felicidade: como assessores pedagógicos podem promover espaços de trabalho mais humanos", ministrada pelo Prof. Dr. Wander Pereira (UnB). Ele iniciou trazendo a sua trajetória acadêmico-profissional e como criou a disciplina Felicidade na UnB, com seus desafios e visibilidade.

Ele abordou o tema da felicidade por meio de algumas distintas perspectivas, conforme as áreas do conhecimento. Mas o seu lugar de fala baseou-se principalmente em William von Hippel, autor do livro "A evolução improvável: a nova ciência evolutiva sobre quem somos, o que nos faz felizes e por que isso é importante". Ele enfatizou a importância da felicidade no dia-a-dia e no ambiente de trabalho, fazendo-nos refletir também sobre o uso das tecnologias com suas possibilidades e desafios, que também podem nos influenciar e impactar emocionalmente.

Outro destaque de reflexão foi o de que não é apenas a questão financeira que impacta a felicidade no trabalho: o reconhecimento é algo fundamental.

Já trabalhando sobre a importância do olhar em relação aos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, o professor compartilhou como exemplo um caso nos EUA, no qual os "piores" alunos de uma escola foram levados para a melhor escola. Esses alunos foram apresentados como os melhores alunos. Assim, quando eles erravam na nova escola, os docentes dialogavam sobre outras estratégias necessárias para que houvesse a aprendizagem dos "melhores alunos". Destacou como faz diferença o olhar sobre cada estudante enquanto sujeito que tem direito à educação. É preciso que se crie a concepção de que todos podem aprender e que isso seja institucionalizado por meio de ações que considerem realmente todo e qualquer estudante como um estudante capaz de aprender. Como sintetizado durante o próprio encontro por Amanda Xavier: "Podemos traduzir para nosso trabalho (de assessores pedagógicos) com os professores: o papel do assessor é criar condições de sensibilizar para as mudanças necessárias."

Foram discutidas questões relacionadas à prevenção de fatores que afetam a saúde mental e bem-estar no trabalho, além de dicas práticas facilitadoras de uma vida feliz. Destacou-se que devemos fazer do ambiente educativo um ambiente sagrado, cuidando dele para que o trabalho nunca seja adoecedor. Dialogando ainda sobre o espaço sagrado, Amanda Xavier apontou que "o assessoramento pedagógico que nós realizamos é único. Depende da nossa construção. Nós criamos o SER ASSESSOR. Nosso ambiente sagrado."

Por fim, o Prof. Dr. Wander Pereira (UnB) destacou o importante papel do docente, no qual um dos caminhos necessários a ser trilhados é criar o processo no qual a felicidade é educar!!!!!

Dia 24 de junho de 2025,
Membros do GEAPU.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

Letramento Emocional

No dia 05 de agosto foi realizada a quinta reunião remota síncrona da programação do ano de 2025 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

Foi mais do que especial, pois foi o Encontro comemorativo ao aniversário de 5 anos de criação do GEAPU. Nessa comemoração especial, a fundadora e coordenadora do GEAPU, Pedagoga Dra. Amanda Rezende Costa Xavier (Unifal-MG), fez a acolhida a todos os presentes. Foi apresentado um vídeo[1] emocionante para comemorar esses 5 anos de caminhada e reiterar que o objetivo do GEAPU é concretizar um espaço de autoformação profissional para assessores pedagógicos que atuam no ensino superior.

Maria Angélica Zanotto e Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz organizam o momento GEAPULab, pensando no autocuidado em cada encontro. Elas convidaram o Rodrigo Ruschel (GAIA+) que veio ministrar sobre letramento emocional.

A ideia do encontro foi trazer ideias para pensar formas de os próprios assessores pedagógicos universitários cuidarem de si mesmos e também levarem

[1] Acesse o vídeo comemorativo aos 5 anos do GEAPU em: https://www.researchgate.net/publication/395005548_Feliz_5_anos_de_historia

essa ideia para as instituições de ensino superior, pois em todos os lugares é importante o cuidado, o respeito e o acolhimento.

Rodrigo explicou que a ideia da GAIA+ é olhar ambientes de aprendizagem focados na compaixão, no sentido de aprender a cuidar de si e aprender a cuidar também das outras pessoas. Evidenciou como se pode fazer isso de maneira estruturada, utilizando as habilidades socioemocionais.

A primeira atividade realizada foi a checagem, que é o momento para se acolher, perceber-se como se está internamente. E a partir desse lugar de presença, escolher continuar do jeito que está ou fazer alguma coisa por si próprio.

Na próxima atividade, Eureca, foi solicitado a pensar em uma pessoa que foi uma referência positiva em nossa educação. A segunda indagação foi pensar o que fez essa pessoa ser uma referência positiva para nós. E, aí, entra a compaixão, pois afirma Rodrigo que é a "conexão amorosa que surge quando nos deparamos com a adversidade, sentimos a motivação de aliviá-la e fazemos algo a respeito".

Como criar ambientes de aprendizagem orientados pela compaixão? Se queremos que as pessoas aprendam, precisamos fazer as pessoas se sentirem seguras e bem, assim gera-se mais conexão e a aprendizagem acontece mais facilmente. Isso acontece em todos os níveis de ensino, da educação infantil ao ensino superior.

Outra reflexão provocada foi pensar por que olhar para o bem-estar de professores e professoras favorece a aprendizagem. Bem-estar gera bem-estar! Bem-estar no

aspecto do cuidado. O bem-estar do docente influencia e impacta diretamente o aluno.

Foi destacado a importância do autocuidado, pois esse é momento em que paramos, intencionalmente, para acolher e compreender como respondemos às emoções e à mente. E cultivar qualidades como tranquilidade, resiliência e compaixão.

Rodrigo enfatizou que criar ambientes de aprendizagem orientados pela compaixão requer coletivo, pois precisamos pensar na qualidade das relações e mudar o nosso ambiente, tornando-o mais acolhedor. Assim, é um conjunto de ações que vai nos ajudar a criar ambientes mais compassivos e a universidade pode ser um ambiente em que podemos fazer isso. Citando o livro "Tudo sobre o amor: novas perspectivas", de Bell Hooks, afirmou que "nós não nascemos sabendo como amar alguém, quer se trate de nós mesmos ou de outra pessoa. Contudo, nascemos capazes de reagir ao carinho. Conforme crescemos, podemos dar e receber atenção, afeição e alegria. Aprender como nos amar e como amar os outros dependerá da existência de um ambiente amoroso". E Rodrigo finaliza questionando por que não criar esse ambiente amoroso na universidade?

Dia 05 de agosto de 2025,
Membros do GEAPU.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

O trabalho na perspectiva da intersetorialidade: o assessoramento pedagógico "fora da caixa"

No dia 26 de agosto foi realizada a sexta reunião remota síncrona da programação do ano de 2025 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

A Pedagoga Dra. Amanda Rezende Costa Xavier apresentou o ministrante, Prof. Dr. Marco Akerman (USP), que veio trabalhar conosco sobre o trabalho de assessoramento pedagógico "fora da caixa" na perspectiva da intersetorialidade.

O que é intersetorialidade? Conforme apresentado pelo Prof. Dr. Marco Akerman, há várias formas de apresentar a intersetorialidade, pois vai depender do contexto, do território, do sujeito, da subjetividade, dos recursos, da política, dos interesses, por isso utiliza o termo intersetorialidades, no plural. Ele falou que não há receita, mas é possível dar orientações para a intersetorialidade, a exemplo do presente no documento "Recomendações de práticas intersetoriais para a promoção da saúde" (Akerman et al, 2014). A partir desse documento foi construído um guia para apoiar a implementação da intersetorialidade, denominado "Promoção da saúde em ação: guia para implementar a intersetorialidade" (Ministério da Saúde, 2024).

Podemos compreender a intersetorialidade na ação de dois setores ou mais que se unem para resolver um problema comum. Assim, poderia também substituir a palavra intersetorialidade por interdisciplinaridade. A indicação é compreender diante de qual problema se está, para saber se buscar a desfragmentação. Tanto a intersetorialidade como a interdisciplinaridade não anulam a responsabilidade e competência das partes.

Assim, é importante isso não ser visto como paliativo, como uma moda. Isso quer dizer que, cada vez mais, devemos buscar as articulações necessárias para conseguir as melhores políticas públicas e nossas melhores ações.

Há cinco questões que podem ser nossas lentes para analisar como aquele arranjo intersetorial está acontecendo: o quê, como, com quem, para que e por quê? A pergunta inquietante que ficou ao encerramento do encontro para pensar a intersetorialidade foi: "qual o problema comum a todos nós?".

Dia 26 de agosto de 2025,
Membros do GEAPU.

Carta do encontro GEAPU

Ainda sobre a Ciência da Felicidade: transformando o serviço de assessoramento pedagógico em um instrumento de humanização

No dia 30 de setembro foi realizada a sétima reunião remota síncrona da programação do ano de 2025 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

O primeiro momento foi o GEAPULab, com Sayonara Ribeiro, pensando em acolhida e autocuidado.

A Profa. Dra. Flávia Wagner (Unisul) se apresentou, compartilhando brevemente quem ela é, nos lembrando que temos nossa história pessoal e profissional. Na sequência, Flávia reiterou que o tema do encontro é a felicidade, lembrando que ela é uma jornada pessoal e única para cada pessoa. Assim dialogou sobre propósito de vida, aliando saúde mental e bem-estar. Ela trouxe o vídeo "Um futuro mais humano" para pensarmos o que carregamos na nossa mala da vida.

A fala foi organizada em torno do tema ciência da felicidade, pensando as políticas públicas e a vida pessoal. Ela reiterou sobre a influência da cultura na percepção da felicidade, tendo em vista que a cultura molda valores e crenças.

O segundo ponto foi pensar o espaço educacional e as questões de adoecimento em contraponto às questões

de bem-estar nesse espaço. A técnica *Mindfulness* foi apresentada como valiosa para esse cenário.

O terceiro ponto do caminho escolhido por Flávia para encerrar o encontro foi o diálogo sobre o trabalho multisetorial, que pode produzir saúde mental e bem-estar.

Dia 30 de setembro de 2025,
Membros do GEAPU.

Carta do encontro GEAPU

Dossiê Temático Ensino Superior: políticas, teorias e práticas

No dia 28 de outubro foi realizada a oitava reunião remota síncrona da programação do ano de 2025 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

Sayonara Ribeiro fez a acolhida desse encontro que traz a organização da produção acadêmica de membros do Grupo. Sayonara apontou que, quando falamos em produzir e partilhar resultados de nossos trabalhos e pesquisas, pensamos em como nós reunimos habilidades e competências para isso. Assim, ela organizou o momento GEAPULab solicitando gentilmente para pensarmos duas características nossas que realmente cada um de nós gosta em nós mesmos, qualidades que admiramos em nós mesmos. Foi um exercício difícil, pois é mais fácil admirar as qualidades dos outros do que perceber nossas próprias qualidades. É um convite para olhar para dentro e fora de nós mesmos com um olhar de autenticidade, carinho, respeito e reconhecimento.

A Profa. Dra. Flávia Wagner (Unisul), como uma das organizadoras, foi a ministrante do dia, com a apresentação da produção construída por trabalhos de integrantes do GEAPU, denominada Dossiê Temático Ensino Superior: políticas, teorias e práticas, que será publicado em dezembro/2025, na Revista Poiésis, da

Unisul. Esse dossiê teve como objetivo fomentar o diálogo acadêmico em torno das teorias, práticas e perspectivas que fortalecem as reflexões sobre a Pedagogia Universitária. Ele foi organizado em quatro temáticas: Educação inclusiva, aula universitária, formação continuada, e currículo e práticas pedagógicas.

Dentre todos os artigos, foram apresentadas seis produções de integrantes do GEAPU:

- Camila Araújo, apresentou o artigo "Quando a inclusão pode ser uma forma de exclusão: a permanência de estudantes negros, indígenas e quilombolas num curso de Pedagogia";
- Waleska Sousa apresentou o artigo "Aproximações e distanciamentos com a didática crítica em cursos de licenciatura de exatas e naturais";
- Elaine Maldonado apresentou o artigo "O impacto da gestão universitária na atuação dos assessores pedagógicos frente à profissionalização docente na educação superior";
- Caroline Côrtes apresentou o artigo "Desenvolvimento profissional docente na UFSM: políticas, programas e práticas de valorização";
- Michelle Toti apresentou o artigo "Apoio pedagógico aos discentes nas universidades federais: visão institucional";
- Zamara Oliveira apresentou o artigo "Assimetrias e desafios na formação docente: um panorama das políticas de formação continuada nas universidades federais brasileiras".

Flávia finalizou afirmando que o trabalho do GEAPU não esgota por aqui, ou seja, há mais produções além das citadas nesse dossiê. Poderemos acessar todos os trabalhos publicados no dossiê que será publicado em

breve. Esse momento foi para divulgar a produção de nossos pares, tratando o nosso trabalho como um trabalho intelectual no campo pedagógico. E que possamos aproveitar mais vezes espaços como esse para divulgar nossas produções acadêmicas.

Dia 28 de outubro de 2025,
Membros do GEAPU.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

Planejamento GEAPU: refletindo sobre 2025 e construindo 2026

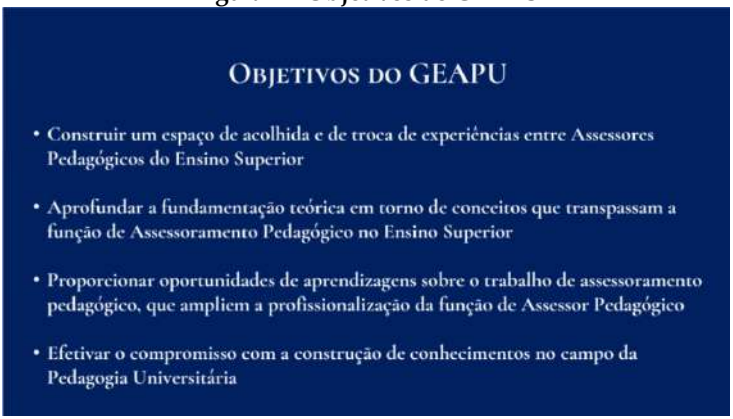
No dia 31 de março foi realizada a primeira reunião remota síncrona da programação do ano de 2026 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

O primeiro acolhimento e aconchego foi o Momento GEAPULab, que é nosso momento de autocuidado. A reflexão foi pensarmos no que é importante para cada um de nós e um olhar sobre nossas metas, propósitos e intenções para 2026. Foi um momento guiado para cada um olhar seu planejamento para 2026 e pensar se essas metas estão alinhadas com o que é importante para cada um. É um olhar cuidadoso para pensar que há coisas que se mantêm, outras não, umas ressignificadas e outras transformadas, pois está tudo bem revermos a nossa rota e redefinirmos a meta. Foi apresentado o vídeo "Metas que cabem no coração".

Houve a apresentação da equipe de coordenação GEAPU, com coordenação geral da Pedagoga Dra. Amanda Rezende Costa Xavier. Foi reafirmado que o GEAPU é feito por e para todos/as!!!

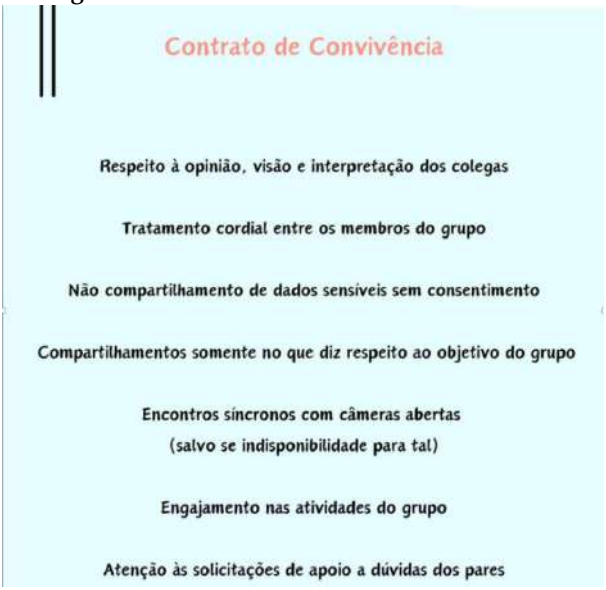
Foram apresentados os objetivos do GEAPU e o Contrato de Convivência, que são os acordos pedagógicos firmados entre todos os participantes do GEAPU.

Figura 1 – Objetivos do GEAPU



Fonte: Arquivos Drive GEAPU (2026).

Figura 2 – Contrato de Convivência do GEAPU



Fonte: Arquivos Drive GEAPU (2026).

Foi apresentado e dialogado sobre o *feedback* do último instrumento avaliativo 2025, que possibilitou

reflexão, fortalecimento, tomada de decisões e combinados para 2026. Sobre os resultados, também foram apresentados desafios, potencialidades e condições possíveis ou não de encaminhamentos considerando as especificidades do Grupo.

E na caminhada do planejamento do que desejamos para o GEAPU em 2026, houve a apresentação da agenda de formação, com atividades mensais trazendo diversas temáticas que permeiam os desafios do trabalho dos assessores pedagógicos universitários, reiterando que essa proposta foi construída a partir do formulário de avaliação do GEAPU 2025.

Figura 3 – Agenda GEAPU 2026



Fonte: Arquivos Drive GEAPU (2026).

Também foram apresentadas as frentes de trabalho, na qual podemos destacar:

1) Participação em evento: houve a divulgação de alguns eventos nos quais retomou-se a proposta do grupo Painéis ENDIPE. O objetivo é propor painéis compostos por integrantes do GEAPU.

2) Grupo de Trabalho (GT) de discussões sobre questões emergentes: GT DCNs das Licenciaturas, GT Carreiras Técnico em Assuntos Educacionais e o GT Formação por Competências. A ideia é centralizar e organizar espaços para potencializar as discussões sobre as temáticas. Poderão ser abertos novos GTs.

O encontro também contou com a apresentação da nuvem de palavras para definir o GEAPU em 2025 e que elas signifiquem também o GEAPU em 2026.

Figura 4 – Nuvem de palavras GEAPU 2025



Fonte: Arquivos Drive GEAPU (2026).

Dia 31 de março de 2026,
Membros do GEAPU.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

Educação para as relações étnico-raciais e o papel do assessor pedagógico

No dia 28 de abril foi realizada a segunda reunião remota síncrona da programação do ano de 2026 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

O espaço para nosso autocuidado é o Momento GEAPULab. E foi desenvolvida a prática denominada escalador, que pode ser usada em diferentes contextos, como antes de uma reunião difícil, antes de uma conversa sensível ou até mesmo antes de recentrar depois de um relatório mais complexo. Uma mão aberta será a montanha e o dedo indicador da outra mão será o escalador. O escalador vai subir e descer calmamente a montanha, acompanhando a respiração. O importante é trazer a atenção para o corpo e a respiração. Quando a pessoa inspirar, o escalador sobe a montanha, quando expirar, ele desce a montanha. O objetivo é trazer consciência e reconexão consigo mesmo.

O segundo momento foi o espaço de uma integrante do GEAPU vir compartilhar sua experiência enquanto assessora pedagógica universitária, trazendo importantes reflexões. O diálogo foi sobre "Educação para as relações étnico-raciais e o papel do assessor pedagógico", ministrado pela TAE Dra. Juliana Marcondes de Morais (Unifesp).

O primeiro ponto trabalhado foi pensar as bases legais e desafios da Educação para as relações étnico-raciais. Começando pelo Parecer CNE/CP nº 3/2004, aprovado em 10 de março de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana . Apresentou também a Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, e a Lei nº 12.711/2012, Lei de Cotas.

Pensar sobre as implicações que a educação para as relações étnico-raciais tem para algumas áreas de formação, pensar o quê, por quê e como construir efetivamente uma educação para as relações étnico-raciais, além das cotas, se torna essencial. É preciso pensar currículo e políticas institucionais nesse sentido, porque estamos falando também de uma educação equitativa e plural, e para garantir isso, Juliana afirmou que "a graduação deve incorporar estudos afrocentrados que desconstruam a hegemonia colonial e combata o racismo estrutural".

As possibilidades de atuação do assessor pedagógico nessa questão dialogam com o documento Manifesto dos assessores pedagógicos da educação superior. E podemos pensar as possibilidades de atuação do assessor pedagógico universitário em três eixos: permanência estudantil, formação docente e apoio à política institucional.

A ministrante trouxe valiosas reflexões e convite para a ação, apontando que a educação para as relações étnico-

raciais também é mostrar toda a diversidade. Juliana nos fez refletir sobre o racismo estrutural em diferentes espaços da sociedade. E nesse convite à ação temos como exemplo a importância da formação e palestras nas escolas públicas, além da universidade, bem como a imprescindibilidade de criar espaços de escuta e validação de trajetórias (letramento racial).

Concluímos que temos que continuar a procurar caminhos nessa construção. Não basta não ser racista, precisamos ser antirracistas.

Dia 28 de abril de 2026,
Membros do GEAPU.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

Experiência de propor e coordenar projetos de ensino, pesquisa e extensão

No dia 26 de maio foi realizada a terceira reunião remota síncrona da programação do ano de 2026 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU). Amanda Xavier fez a acolhida dos integrantes e também nos apresentou a ministrante, Dra. Waleska Dayse Dias de Sousa (UFTM).

A Dra. Waleska Sousa contou brevemente que conheceu o GEAPU e participa dele desde 2020, um espaço de autoformação, de diálogo e fortalecimento dos assessores pedagógicos universitários.

Ela nos fez refletir sobre os motivos, inspirações e porquês que perpassam a nossa jornada profissional e ela buscou nesse momento contribuir com os colegas, pois estamos em um momento de diálogo entre pares. O momento de vida de cada um é único e importante para pensarmos nossas trajetórias. Hoje ela compartilhou sua trajetória de vida profissional no ensino superior e também compartilhou que logo estará encerrando esse ciclo com sua merecida aposentadoria.

"O que tem sustentado sua experiência pessoal manifesta na atuação profissional?" é a indagação que Waleska nos fez para refletirmos juntamente com três obras de Vincent Van Gogh. Depois da partilha das respostas de integrantes do GEAPU, ela continuou o

momento formativo, organizando sua fala em cinco momentos.

1) Identidade na chegada à educação superior

Ela já era mãe de três filhos e já tinha 19 anos de experiência na educação básica quando ingressou, em 2007, como Técnica em Assuntos Educacionais (TAE) na UFTM.

2) Contexto da chegada à educação superior

Há um contexto quando ela ingressou como TAE na educação superior. Falou sobre a indefinição do cargo de TAE e sua trajetória em buscar espaços de atuação pedagógica.

3) Centralidade da experiência

A centralidade da sua experiência é em autores críticos da Educação, como Paulo Freire, Dermeval Saviani, Henry Giroux e Antonio Gramsci. Baseia-se na união de teoria e prática (práxis), objetivando a transformação da realidade social e superação das desigualdades. Waleska também trouxe uma citação de Maria Isabel da Cunha, na qual sinaliza que

> o vivido por uma geração tem sentido quando serve para as que a sucederam. Mesmo assumindo que experiência não se transfere, reconhecemos que ela inspira e favorece novas perspectivas" (Cunha, 2015, p. 174).

4) Individualidade da experiência

Waleska refletiu e nos levou à reflexão sobre as experiências, tendo em vista o atual momento de organização social e do desenvolvimento do conhecimento, com desafios e impasses de muita informação e pouco saber. Aqui também destacou a importância das parcerias, das trocas, da luta política, da produção científica individual e coletiva para estabelecer o lugar da assessoria pedagógica universitária.

Waleska sintetizou que sua experiência tem três pilares: estudo, planejamento (planejar e escolher quais batalhas) e avaliação (processo contínuo de avaliar e gestar os processos de luta, frustações, limites e seguir na construção de maturidade, alteridade e resiliência).

E como podemos propor projetos de um dos eixos do tripé da Universidade (ensino, pesquisa e extensão)? Waleska reiterou que precisamos conhecer as normas institucionais para proposição de projetos. É preciso conhecer as regras, leis, políticas institucionais, e editais internos e externos. Caso haja muitas barreiras, ela ainda apontou que uma boa forma de começar é participar em colaboração nos projetos, nos quais hajam a valorização à nossa formação e experiência.

Na construção de autonomia no âmbito de gestão de projetos, Waleska enfatizou que é imprescindível acreditar que a iniciativa faça sentido pessoal e profissional, e que o trabalho deve ser registrado e realizado no horário próprio, e não no terceiro turno de atividades. Isso é condição necessária à realização dos projetos para não gerar sobrecarga de trabalho.

Waleska também compartilhou os desafios e possibilidades vividos na sua trajetória em projetos de ensino, pesquisa e extensão.

5) Despedidas

Na despedida, Waleska retoma o motivo, inspiração e porquê, trazendo questões e respostas:

> "O que tenho a dizer? Experimentem. É uma forma de viver no presente.
> O que vi e vivi? Muitas contradições, opções éticas que discordo, potência de vida.
> O que acredito que vai demorar para ser modificado? A cultura universitária. E só se modificará na correlação de forças diversas.
> O que desejo? Que vocês não esperem pelo ideal.
> Com o que me manterei comprometida? Com a ideia de educação transformadora.
> Com quem quero estar junto? Com aqueles dispostos a agir".

Foi um encontro emocionante repleto de experiência, aprendizado e amor.

Dia 26 de maio de 2026,
Membros do GEAPU.

CARTA DO ENCONTRO GEAPU

A atuação do assessor pedagógico na promoção da acessibilidade no ensino superior

No dia 30 de junho foi realizada a quarta reunião remota síncrona da programação do ano de 2026 do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).

O primeiro momento foi o GEAPULab, com a Sayonara Ribeiro, com a acolhida e autocuidado. O momento foi pensar uma situação de acesso a um espaço, como um sistema da universidade, e a gente não conseguir entrar. Fez-nos refletir sobre as barreiras de acessibilidade e o que isso provoca em nós.

Adriane Franco Duarte apresentou a ministrante Me. Priscila Alves de Vasconcelos (UFMG), que veio dialogar conosco sobre sua pesquisa e experiência como assessora pedagógica na promoção da acessibilidade no ensino superior.

Priscila iniciou dizendo que a inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior é um tema de crescente importância, que reflete mudanças significativas nas políticas educacionais e sociais. Ela trouxe a questão legal que ampara a inclusão de pessoas com deficiência, em especial para refletir sobre os estudantes com deficiência no ensino superior brasileiro.

Assim, para dialogar sobre a acessibilidade no ensino superior, Priscila pontuou que temos que pensar:

1) acesso e adaptações razoáveis;
2) permanência;
3) sentido amplo da acessibilidade.

Para embasar a argumentação, Priscila trouxe uma revisão de literatura sobre a acessibilidade e aprendizagem no ensino superior e uma pesquisa empírica com gestores e técnicos das universidades federais. Essa revisão de literatura e pesquisa está disponível em sua dissertação de mestrado (Vasconcelos, 2024).

Priscila também apresentou ações voltadas a estudantes com Transtornos do Espectro Autista (TEA) e deficiência intelectual na UFMG, instituição na qual ela atua, assim falando sobre o Regime Acadêmico Especial para a Permanência – RAEP, o Plano Pedagógico Acessível Individualizado – PPAI, e metodologias de ensino inclusivas.

Ela reiterou a importância do trabalho dos assessores pedagógicos na mediação e assessoramento ao processo de promoção da acessibilidade no ensino superior. A inclusão precisa ser construída por todos os sujeitos.

Dia 30 de junho de 2026,
Membros do GEAPU.

Referências

AKERMAN, Marco et al. Inter-setorialidade? IntersetorialidadeS! **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(11), 2014, p. 4291–4300. DOI: 10.1590/1413-812320141911.10692014.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência, discência, vida, sentidos... Reflexões em torno de uma trajetória. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 17, n. 36, p. 173-189, set./dez. 2015. DOI: https://doi.org/10.22196/rp.v17i36.3156.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, nº 25/26, p. 97-103, set. 92/ago. 93.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi, Memória - História** (trad.). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, vol.1, p. 11-50.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Promoção da Saúde em Ação**: Guia para implementar a intersetorialidade. 1. ed. São Paulo: CEPEDOC FSP-USP; Brasília: OPAS, 2024.

UNIFAL-MG. **Projeto de Extensão GEAPU**- Grupo de Estudos em Assessoria Pedagógica Universitária : 5 anos de história. Poços de Caldas: *campus* UNIFAL-MG, 2025, vídeo 11 min. Publicado em : Plataforma GoogleDrive GEAPU, 05 de ago. 2025. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/395005548_Feliz_5_anos_de_historia.

VASCONCELOS, Priscila Alves de. **Institucionalização dos núcleos de acessibilidade nas universidades federais do Brasil**: a acessibilidade pedagógica é atendida? 216 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração). Belo Horizonte: Centro Universitário Unihorizontes, 2024.

CAPÍTULO 6

Tributo a Mabel: sua herança permanece

Amanda Rezende Costa Xavier
Flávia Wagner

Existem pessoas cuja obra pode ser descrita. Há outras cuja presença transforma aqueles que com elas convivem. Sobre estas, toda escrita parece insuficiente, porque nenhuma biografia consegue abarcar aquilo que permanece inscrito na memória, na forma de pensar, de ensinar e de viver daqueles que foram por elas tocados. Mabel. Cientificidade e Humanidade. O que dizer de quem nos marcou profunda e integralmente, seja na dimensão profissional, acadêmica, científica, seja na dimensão humana, relacional, da experiência...

Ao longo de sua trajetória acadêmica, de mais de cinco décadas de dedicação à Educação, Maria Isabel da Cunha não apenas produziu conhecimento; ajudou a constituir um campo de conhecimento. Sua obra consolidou a Pedagogia Universitária como espaço legítimo de investigação e produção científica no Brasil. Sua produção ajudou a deslocar o foco da universidade, da centralidade exclusiva da pesquisa disciplinar para o reconhecimento da pedagogia, da formação docente e da qualidade dos processos de ensinar e aprender como dimensões essenciais da vida universitária.

Pesquisadora 1A nível sênior do CNPq, integrante de importantes comissões nacionais de formulação e avaliação das políticas de educação superior, como a CAPES, o CNPq, a comissão responsável pela proposição do SINAES e a CONAES, Mabel articulou, de forma singular, produção científica, formação de pesquisadores, gestão acadêmica e compromisso com as políticas públicas de educação. Sua obra não apenas interpretou a universidade contemporânea, como contribuiu para transformá-la. Publicou mais de uma centena de artigos em periódicos nacionais e internacionais de reconhecida qualidade, estabeleceu grandes parcerias científicas, escreveu e organizou dezenas de livros e contribuiu com tantos outros capítulos em obras coletivas, consolidando um patrimônio intelectual perene, que continuará a sustentar estudos sobre desenvolvimento profissional docente, inovação pedagógica e formação de professores. Criou e integrou grupos de pesquisa e redes de colaboração que permanecem produzindo conhecimento. Ela não apenas produzia pesquisa; ela ajudou a criar uma comunidade de pesquisadores, consolidando uma agenda de investigação que influenciou políticas institucionais. Teorizou alicerces para conhecermos e pensarmos a Assessoria Pedagógica Universitária, lançando luz sobre muitas experiências desenvolvidas em distintas instituições, sobre muitas possibilidades epistemológicas e práticas para o desenvolvimento desse serviço.

Mais do que tornar-se referência, Mabel modificou o modo como passamos a compreender a docência universitária. Deslocou o olhar da universidade centrada apenas na produção científica para a universidade como

espaço de formação humana, recolocando a pedagogia no centro da vida acadêmica. Sua produção revelou um compromisso permanente com a qualidade da educação superior e, sobretudo, com a compreensão da docência como prática humana, prática histórica, prática socialmente situada. Sua obra evidenciou que conhecimento, sujeito, cultura e contexto histórico são dimensões indissociáveis do ato educativo. E esse foi um dos marcos dos seus estudos: defender a docência como profissão intelectual, comprometida com a transformação da universidade e da sociedade.

Ao longo de sua trajetória de vida, Mabel ensinou muitos a serem profissionais críticos e atuantes, inscrevendo em cada um as marcas de sua singular sensibilidade e compromisso ético. Mabel formou profissionais, produziu categorias, orientou pesquisas, estabeleceu conceitos, formou pessoas [melhores]. Conduziu a interpretações sobre os processos de ensinar e aprender na universidade, sobre desenvolver-se profissionalmente na docência. Mas o fez pautada numa lógica humanizada, que defendia que "*Para ensinar Geografia a João, preciso saber Geografia, preciso saber Ensinar Geografia, mas também preciso saber de João*". Quem teve o privilégio de ouvir essas exatas palavras jamais as esquecerá. Jamais esquecerá o aprendizado de que ensinar é sempre um encontro entre conhecimento e humanidade. Uma beleza de ensinamento que nos impacta e nos faz pensar em que profissionais somos ou queremos ser.

Assim, a humanidade para Mabel vai além do afeto. Ela constituiu um princípio epistemológico nos seus estudos, um atributo primordial para o exercício da

docência. Ensinar exige reconhecer que o conhecimento só adquire sentido quando encontra sujeitos concretos, histórias, culturas e experiências singulares. Porque Mabel ensinava cultura para além dos conceitos. Ensinava vida antes da teoria. Encorajava. Fazia-nos acreditar em nós mesmos, porque ela acreditava, muitas vezes, antes mesmo que fôssemos capazes de acreditar. Por isso, nenhuma bibliografia será capaz de traduzir, por inteiro, a grandeza de Mabel. Para além das páginas publicadas, sua história, inscrita nas pessoas que com ela tiveram o prazer de conviver, acolheu e inspirou. Sua escuta generosa, sua firmeza intelectual, sua delicadeza na provocação de indagações serão sempre lembranças potencializadoras de ações mais humanas por parte daqueles que seguem seus passos. Sua herança vai muito além da sua produção científica.

É por isso que este tributo não poderia limitar-se à celebração de sua obra. As páginas que seguem não procuram explicar Mabel. Procuram reencontrá-la. O que segue são cartas escritas por pessoas que tiveram o privilégio de compartilhar a presença de Mabel, agora lembranças da academia, da aprendizagem, da vida. O que segue são registros de afeto, de gratidão e de memória. Porque algumas pessoas permanecem onde nunca poderão ser substituídas: na maneira como pensamos, sentimos, vivemos, ensinamos e seguimos formando outras pessoas.

Porque, Mabel vive.

Carta 1

Carta para minha orientadora, Maria Isabel da Cunha



Querida Mabel, como você gostava de ser chamada, nunca se deixou contagiar pela vaidade acadêmica. Agora, que se encontra no plano sideral, tenho certeza de que a ausência das formalidades da vida terrena jamais lhe trouxe conforto. Que lhe baste, então, a sensação do dever cumprido, o impacto profundo de seus ensinamentos sobre todos que com você conviveram e o legado que deixou para a educação, especialmente para a Pedagogia Universitária, campo pelo qual sempre lutou com paixão, defendendo a profissionalização dos professores da educação superior.

Recebi com grande alegria o convite para contribuir com um capítulo neste livro, refletindo sobre a influência que você teve na minha formação. É com satisfação que o faço, pois você foi uma das minhas maiores inspirações na trajetória acadêmica: uma mulher à frente do seu tempo, reconhecida profissionalmente, com independência econômica, exemplo de ética acadêmica,

equilíbrio emocional e uma habilidade ímpar de unir e agregar pessoas. Como você sempre dizia: "Conhecimento e afeto, quanto mais se reparte, mais se ganha." Escrevo esta carta com o coração pulsando de alegria por participar desta homenagem tão especial dedicada à você por alguns membros do GEAPU – Grupo de Estudo da Assessoria Pedagógica Universitária, fundado com seu apoio e o da nossa querida Amanda Rezende Costa Xavier.

Mabel, escrever esta carta para você é a realização de uma promessa cumprida do que conversamos no ano passado (2025): eu dizia para você que ainda faria uma *live* com convidados para debater sobre seu legado, pois você merecia uma devolutiva sobre a sua importância e os significativos contributos que trouxe à formação das pesquisadoras e professoras que tiveram a oportunidade de aprender com você.

Neste momento, estou vasculhando meu baú de memórias para reconstruir cenários e reviver experiências. Voltei a folhear seus livros, trabalhos, artigos, e-mails, fotos e currículo, relembrando cada aprendizado que vivi ao seu lado. Este é o verdadeiro sentido desta carta: relatar eventos memoráveis do nosso convívio, registrar o que considero essencial para mim mesma e compartilhar com os leitores a influência profunda você exerceu em minha trajetória.

Meu primeiro contato com seus escritos ocorreu em 2002, durante o mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, ministrada pela professora Diana Carvalho de Carvalho. Naquele momento, lemos O bom professor e sua prática (Papirus

Editora, 1989), obra que discute o cotidiano, a identidade e as metodologias do professor, propondo caminhos inovadores para a formação e atuação docente no Brasil. Esta produção, resultado de sua tese de doutorado na Unicamp, é considerada um marco nos estudos sobre o "bom professor" e o significado de sua prática educacional. Ali, despertou em mim a curiosidade de conhecê-la pessoalmente e aprofundar muitas ideias inspiradoras.

Nosso encontro presencial aconteceu apenas mais adiante, em 2006, e permanece em minha memória como uma lembrança vívida e colorida. Naquele período, eu exercia o cargo de Assistente Pedagógica do Ensino Superior na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, e convidei você para ministrar uma palestra aos nossos professores. Ao entrar na sala, estava impecavelmente alinhada, transmitindo simultaneamente simpatia e seriedade. Suas palavras eram firmes e sua escuta atenta, refletindo o comprometimento extremo com o trabalho crítico sobre a docência no Ensino Superior. Trazia consigo pesquisas atualizadas e demonstrava maestria no planejamento das atividades, conduzindo perguntas complexas que nos levavam a refletir filosoficamente, sociologicamente e politicamente sobre a educação.

Após esse encontro, você continuou presente em diversas formações continuadas junto aos nossos professores: em 2008, abordando a importância da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão; em 2010, discutindo estratégias de internacionalização no Ensino Superior; e em 2014, debatendo a avaliação regulatória com os docentes.

Um episódio que nos aproximou aconteceu em 2011, quando fui iniciar meu doutorado no exterior no Instituto

de Educação da Universidade de Lisboa/PT. Sob recomendação do Professor Lucídio Bianchetti, era essencial contar com uma coorientação no Brasil para futura convalidação do diploma e para alinhamento dos estudos com o cenário brasileiro.

Assim, enviei um e-mail cuidadoso convidando a senhora para me coorientar na tese, garantindo que pudesse posteriormente convalidar o diploma junto à FE-USP. A senhora prontamente aceitou, preenchendo a documentação necessária, e oficializamos sua participação nessa etapa da minha formação. Jamais poderia imaginar que essa parceria se tornaria um eixo fundamental para minha produção acadêmica, e que a senhora se tornaria minha principal orientadora.

A partir desse momento, nossos contatos se tornaram constantes: trocávamos e-mails, telefonemas e materiais, o que resultou em valiosas publicações conjuntas. Suas orientações sempre vinham acompanhadas de uma organização clara de metas e entregas, que estabeleciam o ritmo do nosso trabalho. Mantivemos um diálogo franco e honesto, e a você se mostrava sempre incentivadora e flexível, mesmo diante das minhas limitações, como o fato de não ter bolsa e trabalhar quarenta horas semanais como Assessora Pedagógica na UNISUL. Seus e-mails com devolutivas sobre meus escritos eram assertivos e profundos, evidenciando seu comprometimento sério e cuidadoso com o ato de orientar. Cada encontro de orientação foi um momento privilegiado. A senhora iluminava ideias, encorajava-me a aprofundá-las e sempre dizia para não colocar bloquei, permitindo que as ideias fluíssem naturalmente. Levo esse aprendizado comigo até hoje. Compreendemos o quanto a autoria é um

processo delicado e doloroso, e quão complexa é a triangulação de dados. Embora fizesse cortes no texto, a senhora sempre acrescentava contribuições que ampliavam meu olhar sobre o objeto de estudo, sem comprometer a coerência da linha de pesquisa. Com sua orientação, avancei na escrita, superei inseguranças e aprendi a ter coragem para ousar, criar, narrar e socializar minhas descobertas. A senhora mergulhou comigo na pesquisa, comemorava cada novo capítulo e indicava novas leituras, demonstrando que produzir um bom texto exige tempo, revisões, leituras contínuas e criatividade para alcançar análises significativas.

Trabalhar e cursar o doutorado não foi tarefa fácil, especialmente quando se somaram momentos de luto pela perda do meu pai e a experiência de uma gravidez. Foram períodos de isolamento, introspecção e silêncio, mas também de dedicação a uma nova vida, exigindo novos aprendizados, tempo e amor. Precisei interromper tudo para lidar com minha dor e abraçar a nova missão de ser mãe. E, durante essa travessia, a senhora esteve presente, oferecendo força e entusiasmo, lembrando-me que cada ciclo tem seu tempo e passa, tal como expressa a música de Almir Sater e Renato Teixeira: "Tudo passa, tudo sempre passará."

A defesa do doutorado ocorreu apenas em 2018, sob o título Competências Pedagógicas e o Sentido da Formação Continuada para os Professores da Educação Superior. Ah, como eu desejei a sua presença conosco! Porém, antes da pandemia, realizar defesas de forma online era inviável, e também não tínhamos recursos para financiar seu deslocamento até Lisboa/PT. Ainda assim, a senhora se fez presente por meio de um e-mail afetuoso,

desejando-me boa sorte e enviando um abraço cheio de boas vibrações. Na plateia estavam quatro amigos e um júri de peso: Doutor José Augusto Pacheco, Doutora Patrícia Maria Freire de Andrade de Carvalho Rosário Pinto, Doutor António Manuel Seixa Sampaio da Nóvoa, Doutora Ana Paula Viana Caetano, Doutora Maria João Mogarro e Luís Alexandre da Fonseca Tinoco. Lembro-me que foi um momento intenso, e ao final corri para o computador para compartilhar a notícia com a senhora e minha família: fui aprovada sem necessidade de ajustes no texto. Que alegria imensa! Concluir essa etapa exigiu determinação e firmeza; sem o seu apoio, tudo teria sido ainda mais difícil.

Com o resultado dessa produção significativa, outras imagens vieram à minha memória: os encontros em eventos de educação e os trabalhos que realizamos juntas. O primeiro deles foi o XXV Colóquio da AFIRSE, em Lisboa, 2018. Embora eu tenha apresentado sozinha, a senhora me auxiliou em todas as etapas. Outro evento marcante foi o XIX ENDIPE, em Salvador, também em 2018, quando idealizamos um importante dossiê para a Revista Em Aberto do INEP. Aproveitamos a ocasião do evento por estar presente com vários pesquisadores para convidar autores e fortalecer nossa proposta, incluindo o Professor Marcos Masetto e Maria Auxiliadora Soares Padilha. Mais uma vez, a senhora me ensinou que o que se faz no coletivo, com solidariedade e humildade, ganha força e valor incomparável.

Concretizamos o idealizado, o dossiê foi lançado em 2019, sob o título Inovação Pedagógica no Ensino Superior, e elaboramos juntas dois textos que nos deram enorme prazer e reconhecimento científico: Qual a

importância de inovar no Ensino Superior? Oito assertivas de inovação pedagógica na educação superior. Tenho muito orgulho desse trabalho! Recordo também a festa de encerramento deste evento, você com seu fiel escudeiro, seu marido Ênio, confraternizando em meio aos amigos, alegre e feliz por estar ali, fazendo o que mais lhe dava prazer.

No mesmo ano, você me convidou para contribuir com o livro Docência no Ensino Superior: experiências no Brasil, Portugal e Espanha. Escrevemos um capítulo baseado em parte da minha tese, intitulado Formação Continuada no Ensino Superior: teorias e práticas. Tenho satisfação em afirmar que esse capítulo se tornou referência bibliográfica na disciplina Fundamentos da Docência no Ensino Superior, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISUL.

Em 2021, iniciei minha carreira no stricto sensu e lembro-me de ter enviado uma mensagem para você compartilhando minha conquista. Sua resposta foi inspiradora: enfatizou a importância de fortalecer produções em rede para nos mantermos e nos fortalecermos na pós-graduação. E assim fizemos. No ano seguinte, em 2022, fomos convidadas pela Revista Em Aberto do INEP para elaborar um artigo em comemoração ao aniversário da revista. Trabalhar nesse projeto foi uma experiência extremamente prazerosa e culminou na produção do artigo Universidade e Educação Superior em Retrospectiva. Mais adiante, em 2024, nos reencontramos em João Pessoa, na Paraíba, durante o ENDIPE. Sentei ao seu lado no auditório durante a palestra de abertura e aproveitei cada instante para matar a saudade. Conversamos sobre inúmeros assuntos, embora houvesse

sempre pessoas querendo sua atenção, tirar fotos ou fazer convites. Ainda assim, nos demais dias consegui interagir e acompanhar de perto suas pesquisas atuais. Aproveitei a oportunidade para convidá-la a participar de uma mesa-redonda no SIMFOP - Simpósio Internacional sobre Formação de Professores, promovido pelo programa que atuo PPGE/UNISUL sobre formação de professores no ensino superior, e lá estávamos nós, novamente em parceria debatendo temas que nos motivam e inspiram outras profissionais a refletir sobre a educação.

Também em 2024, nos encontramos na ANPED Sul, em Pelotas. Estávamos na plateia ouvindo atentamente as cartas lidas por Marta Nörnberg e Valeska Maria Fortes de Oliveira, suas pupilas. Foi nesse momento que a senhora me conectou com essas pesquisadoras, e juntas criamos um projeto cheio de afeto e memória: a produção da coletânea de cartas intitulada Cartas com fios que tecem a formação de professores e pesquisadores na educação, da qual será publicada esse ano de 2026. Mais uma vez, a senhora me ensinou que as ações realizadas em conjunto, com espírito de cooperação ganham muito mais significado.

O ano de 2025 trouxe desafios inesperados e, ao mesmo tempo, a oportunidade de continuar nossa colaboração. Fui fazer meu pós-doutorado em Portugal e levei comigo um plano de trabalho que você fazia parte, dentro de uma ação de nucleação entre grupos de pesquisa. Desenvolvemos um dossiê sobre o Ensino Superior: políticas, teorias e práticas, publicado na revista Poiésis. Este dossiê resultou do esforço conjunto de pesquisadores de diversas universidades: Universidade de Lisboa, Universidade do Sul de Santa Catarina,

Universidade Federal de Alfenas, Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Universidade Comunitária da Região de Chapecó, unindo esforços para fomentar reflexões sobre a pedagogia universitária entre Brasil e Portugal. Em janeiro de 2026, você me pediu para dar apoio a Diana no planejamento de um dossiê para a Revista Em Aberto do INEP. Essa foi nossa última conversa. Infelizmente, recebi a notícia de seu falecimento em fevereiro de 2026, e senti uma tristeza profunda, um vazio que ainda persiste. Seguimos, entretanto, com a rede de pesquisadores, cumprindo sua vontade de realizar esse dossiê, sentindo sua presença vibrante em cada passo do trabalho que realizamos.

Hoje, mais do que nunca, procuro perpetuar seu legado em minhas orientações, nas minhas aulas e no meu grupo de pesquisa, debatendo com afinco no campo da Formação de Professores no Ensino Superior e transmitindo seus ensinamentos. Continuo sua luta: estudar e refletir sobre a complexidade de ser docente, compreender as relações de poder que envolvem a educação, não temer os erros ou os recomeços, denunciar injustiças e somar forças para construirmos práticas de resistência e do bem comum.

Despeço-me com um daqueles abraços afetuosos de nossos encontros. Sou eternamente grata por sua presença em minha vida e pela diferença que fez. Parte do que sou hoje é reflexo do seu exemplo de pessoa e de profissional.

Deixo aqui minha profunda admiração e saudade!

Flávia Wagner
Inverno de 2026

CARTA 2

Uma prosa com Mabel

Antessala da Conversa



Escrito afetivo-teórico-literário, com objetivo de prestar homenagem a vida e obra de Maria Isabel da Cunha: mulher, mãe, avó, estudiosa, pesquisadora, professora, pessoa encantada que marcou, profundamente, gerações identificadas com seus escritos, reflexões, pesquisas, engajamento, comprometimento, disponibilidade, afeto e firmeza; rigor e luz. Os encontros que a vida nos proporcionou, breves e passageiros, foram suficientes para reconhecer a afinidade das nossas lutas em comum, sobretudo em relação a necessidade de profissionalização da formação de professores universitários no Brasil, uma tarefa que permanece como desafio e trabalho para as atuais e próximas gerações. Obrigada pela prosa, Mabel. Você é mais presente do que

nunca. Continuará iluminando e sendo farol para todos nós que seguimos seu caminho.

Oi, Mabel!

Tudo bem? Um prazer falar com você. Que oportunidade a vida nos concedeu! Eu sigo aqui, atuando pelo propósito de uma universidade forte, que aceite reconhecer em si a necessidade de rever processos, repensar culturas, de forma a acompanhar melhor o ritmo da história no que diz respeito às relações. De todos os tipos, em especial às relações humanas que se desdobram dos processos de ensino-aprendizagem, este objeto da Pedagogia tão necessário, por vezes, pouco valorizado.

Sabe, Mabel, o professor universitário, de maneira geral, ainda chega na universidade sem a compreensão da docência como profissão. O sustento principal ainda é a pesquisa da área específica que o forjou, sendo a formação para a docência coisa que vai se construindo aos poucos pra ele. Na prática, especialmente. Também nos momentos formativos que, sobretudo, nós, assessores pedagógicos universitários, promovemos. Vamos tentando isso...pensar os nós, para quem sabe, ajudar a desatá-los...Você sabe: sua obra nos convoca a realizar este trabalho! Seu jeito firme e sereno também.

Vira e mexe nós voltamos para seus escritos, para as suas pistas e luzes, em pesquisas que indicam caminhos que vamos trilhando no nosso dia a dia de assessores pedagógicos universitários. A interlocução às vezes é tímida, porque os professores universitários estão ocupados demais. Tão ocupados que parecem esvaziados de sentido para a humana docência, essa que a gente

utopicamente persegue, que tem potencial para humanizar professores e estudantes reais, concretos, sínteses do tempo mega tecnológico ao mesmo tempo carente de humanidade.

Mabel, Mabel! Sua pesquisa do "Bom professor e sua prática" (Cunha, 1995) segue com frescor, revelando muito sobre a cultura acadêmica, sobre o quanto ainda permanecem frágeis os caminhos de profissionalização da docência universitária. Somos gratos por essa beleza investigativa e sensível que você produziu. "O vivido por uma geração tem sentido quando serve para as que a sucederam. Mesmo assumindo que experiência não se transfere, reconhecemos que ela inspira e favorece novas perspectivas" (Cunha, 2015, p. 174).

Concordamos, Mabel. E de novo afirmamos que você e sua produção nos mantém firmes no caminho. Na sua pesquisa, o bom professor sabe bem um conteúdo, pensa uma didática específica para promover aprendizagem e, principalmente, compreende que a relação com o estudante é antes de tudo afetiva. Há envolvimento subjetivo nesta relação. Eu diria que o lugar do subjetivo na produção científica ainda é marginal, sabe? Até entre pesquisadores das ciências humanas! Mas você enfrentou esta problemática desde sempre, em suas produções! Com rigor! Dialogando em profundidade com diversos autores!

> Lembro que a escola é filha da modernidade, a escola no sentido geral que envolve, também a universidade. Toda a sua construção foi feita a partir da concepção epistemológica da modernidade, concepção e conhecimento da modernidade. Hoje, enfim, temos de avançar em outro paradigma, muito mais holístico, muito mais transversal, complexo mesmo. A gente tem

> dificuldade, porque nós formos formados a partir desta lógica da ciência moderna; é um processo lento, mas necessário (Cunha, 2021 *apud* Cartaxo, 2024, p. 70).[1]

Aos poucos vamos aprendendo, Mabel. No caótico da vida, no conflito permanente. Seguindo suas marcas para reinventar outros possíveis de ser.

Quanta coragem, Mabel!

É raro, mas acontece muito, como revela essa expressão da contradição humana, que nos dedicamos a pensar os currículos dos cursos universitários, tendo, em muitas situações, suas reflexões a nos guiar, Mabel. Desafio cada vez mais demandado para nós que atuamos na assessoria pedagógica universitária, a discussão curricular mobiliza sempre, mesmo que seja para modificar e permanecer fazendo o mesmo. Sim, por vezes, mudam as cargas horárias, outros rótulos e arranjos de conteúdo são organizados, mas não se altera, muitas vezes, o essencial. Ou a ele a discussão não consegue chegar.

É que temos essa dificuldade de chegar ao essencial. Falta mergulho quando as urgências cotidianas só dão conta das bordas. Das margens. E assim vamos seguindo com medo de ousar, experimentar, aceitar a criatividade que habita em nós. Você sempre chamou atenção pra isso,

[1] Os trechos de Mabel citados em "*apud*" ao longo do texto, fazem referência a mesma entrevista realizada por Cartaxo em 2021, que foi objeto de análise para o seu artigo publicado em 2024. A entrevista completa não foi acessada, apenas os fragmentos citados no texto, por isso optou-se pelas citações neste formato.

não é Mabel? Com a coragem necessária para nos mobilizar o pensamento.

> [...] os currículos vigentes para o ensino são a antítese da ideia que preside a pesquisa, porque a pesquisa pressupõe a problematização da prática, do campo empírico, para depois ir à teoria. E nos currículos tradicionais, o conceito de prática é de que ela é a aplicação da teoria; portanto está no final das propostas curriculares dos cursos e, em geral, na forma de estágios. Como então compatibilizar ensino e pesquisa? (Cunha, 2015, p. 181).

Sua pergunta permanece aberta para respostas, Mabel. E sabemos que elas podem ser variadas. Envoltas no sustento de diversas epistemes. Na resposta que você produziu na citação anterior, é possível reconhecer um flerte com a ideia de práxis, ainda pouco compreendida, pois o que domina, ainda hoje, é o que você chamou atenção: falta problematização da realidade para construir as bases da teoria. Consciente do conflito que esta relação provoca. As coisas estão de ponta cabeça nesse campo, como se as teorias surgissem do nada, como verdades a serem assimiladas, aplicadas e ponto.

Esquece-se que seres humanos são ritualísticos, simbólicos. Aprendem o que se conecta a um sentido prévio, inicialmente, do campo do senso comum. Assim como a teoria se constrói. A urgência de negar esses processos psicológicos da aprendizagem, quer simplificar. Reduzir. Negando o processo de produção de sentidos do ser humano. Corajosamente, você nos faz esses alertas, Mabel. Dizendo que incentivar a pergunta pode ser um caminho. "Não se valorizava a dúvida como referente da aprendizagem. Ao contrário, a certeza era o

prumo da qualidade do ensino e da aprendizagem e a dúvida, sistematicamente, punida pela liturgia escolarizada" (Cunha, 2018, p. 7).

A tarefa de pensar o currículo universitário é urgente. O descompasso entre o estudante que voa pelas telas e o professor que chega com *script* pronto, muitas vezes moldado pela fórmula tradicional e hegemônica: exposição de conteúdo + realização de exercícios + "medição" do que foi memorizado = aprendizagem, sem abrir-se para o improvável desse encontro que leva em conta pessoas reais com seus contextos, necessidades e possibilidades de aprender, há muito demonstra sinais de cansaço. A curiosidade e o desejo de aprender está em algum canto e é preciso procurar. A pergunta, a dúvida que desestabiliza e tira do conforto, pode indicar um caminho, uma chave e um motivo. Como você ponderou.

Por onde seguir, Mabel?

Por que ensino-aprendizagem se repete tanto na forma e no conteúdo? Por que a pedagogia parece ter sumido da pesquisa até nos programas de investigação em educação? Por que a discussão sobre o ensino parece estagnada? Por que Mabel?

> [...] eles têm abandonado a dimensão do ensino. Pesquisa-se muitos outros e importantes temas, mas o ensino parece que perdeu o glamour. Não sei se foi junto a uma crítica da didática tecnicista ou devido exatamente a esse desdobramento de temáticas que hoje afetam o campo da educação e que às vezes têm mais apelo; o fato é que são poucas as investigações sobre o ensino, inclusive nos programas da área de educação. Creio que isso pode estar tendo repercussão na formação dos nossos

> alunos, não no sentido de um praticismo, mas numa perspectiva profissional mais ampla [...] é difícil achar textos sobre a prática pedagógica, a gênese, o que é prática pedagógica, como é que se organiza, quais são seus fundamentos, quer dizer, parecem ser temas de pouco prestígio no nosso campo. Vejo que os programas de ensino de física, ensino de matemática, de geografia, especialmente, os mestrados profissionais estão mais ativos na discussão do ensino do que realmente nós das Faculdades de Educação. E é claro que nós não nos resumimos ao ensino, mas o que faz o professor? O professor ensina! Então nós precisamos voltar um pouco para as questões contemporâneas, que precisariam de uma reflexão da nossa condição como docentes. As demandas com essa questão da pandemia deixaram muito claro o quanto, a toque de caixa, nós, especialmente os professores da rede pública, fomos instigados a novos saberes (Cunha, 2021, *apud* Cartaxo, 2024, p. 66).

Então, de novo, o caminho passa pelo resgate do essencial, do estrutural, Mabel, o que parece ser mais uma convocação sua. Urge destaque a produção em pedagogia, urge trabalho pra prosseguir. Urge que pesquisadores se disponham a acolher e investigar a partir do objeto da pedagogia: o processo educativo e seus binômios dialéticos: ensino-aprendizagem, professor-estudante, conteúdo-forma, dando uma guinada para a estagnação presente. A realização de pesquisas que observam o que tem acontecido nas salas de aula são muito necessárias. Em todos os níveis de ensino. Para compreender regularidades, assimetrias, problemas concretos, saídas, alternativas. Ocupando-se do ensino de fato. Sem tangenciá-lo ou colocá-lo como objeto secundário.

Pesquisas deste tipo estão raras e não espanta ainda termos as pedagogias tradicionais e ativas como as opções teórico-práticas, mais evidentes. O que dizer sobre outras pedagogias a fundamentar as escolhas didáticas dos

nossos professores universitários? Muitos pedem por isso há algum tempo, nos espaços formativos que nós ajudamos a fomentar, incentivados por você. Que este potencial investigativo do campo pedagógico avance. Pedimos juntos, Mabel.

Continuamos nossas histórias com você, Mabel!

Você nos disse:

> [...] eu não sei se é em função da própria idade que eu digo que a gente vive para contar histórias e acho que a memória é uma coisa que nos torna sujeitos; pessoa que não tem memória pode ter vida biológica, mas não tem mais vida humana, com sentidos (Cunha, 2021, *apud* Cartaxo, 2024, p. 65).

Nossas histórias seguirão sendo tecidas em sintonia, Mabel! Estamos juntos num imenso espelho histórico: nós e você, nós com você. Assim como acontecia em cada evento acadêmico-científico, estes momentos breves e fugazes compartilhados: juntos no barzinho, nas sessões de autógrafos dos seus livros, nas dedicatórias, nos cerimoniais, mesas e lives. Principalmente nos sentimentos e pensamentos convergentes...divergentes também, esses que têm o poder de nos tirar do conforto...

Pessoas encantadas estão sempre presentes, Mabel, como você se tornou para todos nós. Estão além dos limites físicos ou biológicos. Transformam-se em contadores de histórias de vidas permanentes, imanentes, mesmo que as marcas denunciem tempos específicos. Os diálogos que nos inspiram, inspiraram e continuarão a inspirar caminhada afora, terão sempre potencial

provocativo, a indicar rupturas, permanências, novas criações, a partir de e com você.

Isso é lindo, Mabel! Tem potencial infinito! Quantas gerações, certamente, ainda trabalharão, duro ou leve, para produzir outros possíveis da docência universitária, ainda refratária, em tantos desafios. O que chamamos hoje de necessidade de profissionalização da docência, quem sabe no futuro seja, finalmente, o reconhecimento de humanidade das relações educativas de todos os níveis de ensino, o ensino-pesquisa simultâneos, a valorização enfim. Esta utopia que nos põe a caminhar. Luta que você nos convocou a participar e continua.

Nosso muito obrigada de hoje é só um aceno de carinho, Mabel. Os braços continuarão dispostos e os abraços.... eles continuarão vigorosos também, transmutados, transformados pela memória e encantamento. Assim como nossa gratidão por sua vida de dedicação, que escorre materializada em cada palavra e ação. É rio retroalimentado pelo mar. É nascente, corredeira e foz. Em ordens diversas e integradas, reinventando começo, meio e fim. Compomos com você, Mabel e amalgamados reinventamos o tempo. Nosso tributo a você vem do coração e de todos os sentidos juntos. É prosa gauchomineira com pão de queijo e chimarrão. Seguimos!

Walêska Dayse Dias de Sousa
Outono de 2026

Referências

CARTAXO, Simone Regina Manosso. Formação de professores e docência no ensino superior: contribuições de Maria Isabel Cunha. **Revista Diálogo Educacional**, v.24, n.80, p. 59-73, 2024. DOI: https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.080.DS04

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência, discência, vida, sentidos... Reflexões em torno de uma trajetória. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.17, n.36, p.173-189, set./dez. 2015. DOI: https://doi.org/10.22196/rp.v17i36.3156

CUNHA, Maria Isabel da. Docência na Educação Superior: a professoralidade em construção. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n.1, p. 6-11, jan./abr. 2018. DOI: https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29725

Carta 3

Carta escrita para a minha querida Mabel!

Um local, muitos dias, num determinado ano...



Durante esses meses todos após o seu falecimento tenho tido imensa dificuldade em expressar meus sentimentos quanto a sua partida. É como se eu estivesse (e acredito que ainda esteja) negando sua morte.

E às vezes, Mabel, me pego brigando com você... brigo por você pensar nos outros sem pensar primeiro na sua vida, saúde... brigo por você nos deixar com um vazio no peito que não há nada e nem ninguém que consiga preencher isso...

Pode ficar brava comigo, também, eu entendo... nas nossas inúmeras conversar acadêmicas e não acadêmicas trocávamos confidências, sonhos, angústias e preocupações e sempre e, apesar de tudo, sua gana de contribuir e fazer a diferença dava o tom e o sentido aquilo que discutíamos.

Lembro do seu carinho ao me acolher na sua casa muitas vezes... no quarto arrumado para que eu me sentisse em casa, a mesa farta do café da manhã que você fazia questão de preparar para nós... café coado, mamão cortado, pão quentinho, conversas na mesa da cozinha que se estendiam por horas. Lembro dos puxões de orelha tão pontuais e necessários que me ajudaram a enxergar a vida e o quanto me ajudou a amadurecer frente aos meus dilemas e desafios pessoais e profissionais.

Sabe, Mabel, ter o privilégio de ter você na minha vida durante 30 anos contribuiu para que eu aprendesse a me tornar pessoa, professora, pesquisadora, orientadora, aprendiz, mãe, filha e amiga melhor, porque você ensinava tudo isso sendo e não apenas dizendo, e essa atitude diz muito de quem você é e o legado que nos presenteia todos os dias. Tratar a importância do humano nas inúmeras relações que temos todos os dias, numa atitude freiriana de essência e valor junto ao outro, faz toda a diferença se quisermos, de fato, contribuir com cada pessoa que estiver conosco.

Estar aberta para o novo, abraçando as diferenças e aprendendo com elas, com escuta atenta, olhar caleidoscópio e fala pontual contribuíram com inúmeras pessoas e diferentes campos epistemológicos e didático pedagógicos. Como professora de Didática que sou, assim como você foi durante tantos anos, vejo que, mais uma vez, você tinha razão, pois conteúdo e forma ao se mesclarem contribuem muitíssimo para uma formação que provoca mudanças significativas nas pessoas, jamais colocando em formas ou as deformando.

Outra característica brilhante sua é a vasta competência científica, acadêmica, humana, histórica,

social, antropológica e literária permeadas de rigorosidade e precisão sociológica. Na produção de seus textos, livros, palestras, aulas, conversas, ensinava-nos a sempre contextualizarmos para depois problematizarmos os achados, dúvidas, avanços e retrocessos históricos vividos pela humanidade. E nessa mesma toada, em todas as viagens que pude lhe acompanhar, outra faceta de sua personalidade aparecia: alguém absolutamente apaixonada pela história, geografia e cultura dos lugares, pois sempre dizia que ao adentramos diferentes espaços tínhamos que conhecer, entender e respeitar as pessoas que faziam morada e vida nesses lugares. Às vezes parecia uma guia turística nos contando histórias e fazendo referências culturais acerca desses locais... e aí a gente vai entendendo que não dá para sermos professores decentes sem entendermos a realidade que nos cercam dia após dia.

Junto aos seus familiares, eu adorava enxergar e acompanhar esses amores incondicionais e quando os encontrava sempre era uma festa, e nessa festa me sentia parte deles e acolhida como tal. Sempre que a gente se despedia, pessoalmente, por e-mail, por telefone e por *WhatsApp*, eu dizia: "te amo Mabel e não se esqueça que você vive no meu coração!", e você me respondia: "também te amo Tunica!".

Como você está percebendo, Mabel, eu não defino e nem quero definir o tempo verbal ao me dirigir a você... Talvez muitos não saibam, mas você, Mabel, várias vezes na minha vida acadêmica segurou na minha mão e dizia: "vai, você consegue... confia... eu estou aqui!", e você estava mesmo. E, mesmo na distância física que vivíamos, te sentia perto e isso fez toda a diferença...

Peço desculpas aos leitores pois tomo a liberdade de através desta carta conversar com Mabel... lágrimas caem, saudade fica e na ausência doída sinto sua presença... não tive coragem de ir ao teu velório e enterro, pois não concebia tua partida e ao negar tua partida negava sua ida para longe de mim. Desculpe meu ato egoísta, mas não tinha forças de lhe dizer adeus e agora, nesse momento, talvez eu consiga. E sabe por quê??? Porque, com certeza, lá vem você de novo me ensinar que no luto eu tenho que aprender outras formas de te encontrar...

É assim... Não seja te esquecendo. Não seja te apagando. Não seja seguir em frente sem você como se nada tivesse acontecido... Mas, Mabel, estou aqui tentando aprender novas formas de construir essa nova relação. Relação essa cheia de vida e de lembranças!

Te amo e se cuida, por favor, onde você estiver... e eu consigo te ouvir também me respondendo: "te amo Tunica, cuida de você , do Antônio e dos seus meninos".

Até breve, Mabel, você vive e sempre viverá na minha vida, no meu coração e na minha alma!

Maria Antonia Ramos de Azevedo
Sempre Tunica para Mabel!!!
Outono de 2026

Carta 4

Carta para Mabel[2]



No quiero hacer de esta carta un mensaje melancólico, aunque es la tristeza por no tener a Mabel frente a frente en una mesa de café porteño o en un salón de clase de la UNISINOS o de la UFPel o en los sillones de su casa en Porto Alegre, la que se filtra en mí…

Hay varias facetas de Mabel que quisiera transmitir y que se fueron develando en las casi cuatro décadas de amistad y compañerismo académico.

[2] Incluyo en estas palabras el sentir de los colegas y amigos de Mabel en Argentina: Claudia Finkelstein, Gladys Calvo, Patricia Del Regno, Walter Viñas, Mercedes Lavalletto, Mariana Blardoni, del Programa Estudios sobre el aula universitaria (UBA); Ana María Malet y Andrea Montano (UNS), Alicia Villagra de Burgos (UNT); María E. Donato (UBA), Lidia Fernández (UBA), María Teresa Sirvent (UBA).

El encuentro

Nos conocimos en los comienzos de los 90, en Porto Alegre en el tiempo en que Mabel y Denise Leite desarrollaban en la Región Sur la investigación "Para a revitalização do ensino e do aprender na universidade", publicada como "Decisões pedagógicas e estruturas de poder na universidade", y nosotros en la Universidad de Buenos Aires, investigábamos las prácticas innovadoras de docentes universitarios daban a conocer a sus colegas en las Expocátedras. Un encuentro en Rosario y después el viaje de Mabel a Buenos Aires con cerca de 20 investigadores en formación para conocer cómo eran las Expocátedras, nos impulsó a pensar que podíamos transitar en común en el campo de la Pedagogía y la Didáctica Universitarias.

Los primeros trabajos en común

Primero fue la participación en los eventos nacionales e internacionales que organizaban nuestras universidades; ellos me permitieron conocer Sao Leopoldo y el Programa de Pós-graduação de la Unisinos, y a Mabel el Programa Estudios sobre el aula universitaria del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación en la Universidad de Buenos Aires.

En esas ocasiones dimos a conocer nuestras ideas acerca de por qué era necesario investigar acerca de la enseñanza y el currículum en la universidad, armando un entramado conceptual y afectivo en común. Nos propusimos encontrarnos en los eventos académicos de nuestros países, en el ámbito latinoamericano y también más allá, p. ej., en los Congresos de LASA, en EEUU y

otros eventos en Francia, España, Portugal. En estas ocasiones, intercambiamos aportes bibliográficos y produjimos *papers* y artículos a dúo.

Este entramado se fue transmitiendo a nuestros equipos de investigación y comenzamos a generar proyectos conjuntos sin financiamiento específico para ellos… como decía Mabel, nos anticipamos informalmente a las acciones del Mercosur educativo… Ya entonces éramos parceras… compañeras de rutas pedagógicas, siempre en pos de fortalecer los procesos democráticos con participación de las mayorías.

Los proyectos financiados

Luego ya en la primera década del siglo XXI pudimos gestar los proyectos en común, en el marco de la Secretaría de Ciencia y Técnica de la UBA y de CAPES de Brasil, proyectos que incluían no sólo investigación sino intercambios de profesores y estudiantes de posgrado. Así yo di aulas en UNISINOS, UFPel, UFSM, UNEB, y Mabel en la UBA, la Universidad Nacional del Nordeste, UNTucumán, UNCórdoba, UNSLuis, UNSur.

Mabel insistía mucho en las estadías de los estudiantes en otras universidades, insistía en la necesidad de salir de la formación endogámica forjada en la propia institución, y conocer no sólo otras modalidades de enseñanza, sino sobre todo otra gente, otras formas de vida, otras manifestaciones artísticas, otras culturas que enriquecieran el propio acervo para ir construyendo una mirada amplia y más universal sobre la educación. Estas formas espontáneas, artesanales diría yo, de internacionalización de la educación superior, era una de

las inquietudes que preocupaban intensamente a Mabel y la movían a su concreción.

En el marco del MERCOSUR Educativo

Luego, a partir del 2011, vinieron los Proyectos del Mercosur , primero sobre el asesoramiento pedagógico en la universidad, luego sobre desarrollo de profesional docente y sobre formación de los docentes del nivel, ampliándose nuestros equipos originales con la participación de otras universidades: en Argentina, la Universidad Nacional de Tucumán y la Universidad Nacional del Sur, en Brasil, además de la UFPel, UNISINOS, UESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense –, UNEB – Universidade Estadual da Bahia; en estos Proyectos se asocia también la Universidad de la República de Uruguay, y participa como invitada más allá de la Región Sur de nuestra América, la Universidad de Costa Rica.

El último proyecto en común, en el marco del Núcleo de Estudios e Investigaciones en Educación Superior (NEIES) del MERCOSUR, se inició en el año 2023; estuvo orientado a indagar acerca de las políticas y encuadres de la formación en prácticas profesionales en el campo de la salud, problema de interés histórico en nuestras investigaciones en el Programa de Estudios sobre el aula universitaria y al que Mabel se incorporó entusiasta y creativamente con su equipo de la UFPel, al que sumó los investigadores de la Fundação Universidade Federal de Ciências Da Saúde de Porto Alegre. Junto a ellos, coordinados por la Universidad Nacional de Tres de Febrero, participamos por Argentina, investigadores de esta Universidad y de la Universidad Nacional del Sur;

por Uruguay los colegas de la Universidad de la República, y también los de la Universidad de Costa Rica por el país centroamericano.

La última reunión presencial que mantuvimos los equipos fue en la Ciudad de Buenos Aires en la Sede de Posgrado de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, en mayo de 2025… y fue la última vez que compartimos bellos momentos con Mabel, que como siempre había venido acompañada por dos de sus investigadoras.

Estos trabajos implicaron debates interesantísimos, tanto sobre los problemas de la enseñanza en el nivel superior en los diferentes contextos institucionales, nacionales y regionales, como sobre los aspectos metodológicos propios de la investigación socioeducativa. Los núcleos temáticos de nuestro trabajo fueron muchos, y en todos ellos los aportes de Mabel fueron esclarecedores. Menciono sólo algunos de estos aportes como ejemplo: la transferencia de la epistemología del sur, de Boaventura de Sousa Santos, a la dinámica de la institución y del aula universitaria; la espacialidad en cuanto a la relación del poder y los sujetos educativos universitarios; la articulación entre docencia e investigación en función de las prácticas iniciales en la formación. Y siempre la inclusión de lo afectivo en la relación pedagógica.

De lo construido por nuestros equipos, Mabel supo captar con lucidez las ideas sobre la importancia del protagonismo de los sujetos del aula en las innovaciones universitarias y la centralidad que en ellas tiene la articulación teoría-práctica; también analizó con interés el lugar significativo que puede asumir el asesor pedagógico en la transformación de las prácticas institucionales, en la medida que trascienda un rol

meramente técnico, y se lo comprenda como profesional académico, posibilitándosele la realización de acciones de investigación y formación.

El tejido producido: lo académico y lo afectivo

La trama teórica así construida y las prácticas desarrolladas por nuestros equipos y compartidas en los intercambios presenciales y también virtuales tuvieron resultados significativos en distintos planos: el del fortalecimiento de los equipos que se vieron desafiados por la tarea con otros fuera de su contexto institucional; el de la producción científica en el campo siempre en construcción de la Pedagogía y la Didáctica Universitarias. Estas labores se hicieron manifiestas en la producción de un número alto de *papers* y artículos, publicadas en Revistas, de dentro y fuera de los países involucrados, así como de varios libros de autoría en común publicados en Brasil y Argentina.

Estos productos y los procesos que llevaron a ellos (siempre valorábamos con Mabel) trascendían el plano académico y se entrelazaban con vínculos en los que predominaba el afecto, la solidaridad, el respeto por el otro y la comprensión de la importancia de la diversidad en las posturas personales. Lo personal y lo afectivo como entramado con lo académico lo hacía realidad Mabel propiciando que compartiéramos momentos hermosos con sus amigos y su familia. Así conocimos y quisimos a su gente, a su compañero de vida, Enio, a su hijo, sus nietos y sus hermanos.

Así conocimos a Mabel y quisimos a Mabel, valorando su talento, pero muy especialmente su calidad

humana. Creo que para mí este escrito puede ser reparador de la ausencia, algo sanador diría yo, que me lleva a agradecer a la vida haberme encontrado en el camino con nuestra querida Mabel.

Dra. Elisa Lucarelli
junio 2026

CAPÍTULO 7

Presente e futuro do GEAPU: algumas reflexões

Walêska Dayse Dias de Sousa
Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz
Amanda Rezende Costa Xavier

O Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária – GEAPU, criado em 2020, coordenado pela Pedagoga Dra. Amanda Rezende Costa Xavier, da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, e registrado como projeto de extensão na mesma instituição, tem como objetivo geral constituir um espaço de estudo, profissionalização e troca de experiências para assessores pedagógicos de instituições de educação superior.

É uma proposta que se sustenta na afirmação do serviço de assessoramento pedagógico como atividade profissional (Xavier, 2019), desempenhada por profissionais diversos, com formações e experiências também diversas, em geral, ligadas à formação inicial em alguma licenciatura e pós-graduada na área de Educação. Trata-se de atividade que convoca para si um estatuto profissional específico, no assessoramento:

> a) a docentes, em questões didático-pedagógicas que abarcam docência e a aula no ensino superior;

> b) ao projeto institucional de desenvolvimento profissional docente;
> c) a avaliação institucional, atuando para identificar pontos fortes e lacunas a serem sanadas no campo pedagógico;
> d) ao planejamento e desenvolvimento curricular e
> e) ao apoio à permanência e sucesso acadêmico discente. (Xavier; Azevedo; Sousa; Wagner, 2023, p. 6).

Mesmo com a produção científica em torno do seu conceito, a atividade ainda enfrenta limites para ser concretizada nas instituições, em geral refratárias do desenvolvimento institucional relativo à dimensão pedagógica, que vive o desprestígio do pedagógico e da Pedagogia enquanto ciência, cujo objeto principal de investigação é o processo ensino-aprendizagem. Infelizmente, no campo do pedagógico das instituições de educação superior, ainda é predominante a atuação empírica desprovida de teoria do ensino, atuação pautada no "ensino porque sei", com pouca profissionalização da docência e práxis empobrecida, visto que as escolhas pedagógicas dos profissionais envolvidos nem sempre se sustentam em pressupostos teóricos, o que contribui para precarização das práticas. Boa parte delas ainda se fundamenta na tradição e na repetição de modelos anteriormente vividos (Dias de Sousa, 2016), como se o campo do pedagógico não se constituísse como ciência de saberes próprios, epistemologias e métodos específicos que, assim como em outras áreas, também estão em constante produção. "Faço porque sempre foi assim" ou "repito porque os autores dizem, embora eu não consiga analisar a coerência disto com a prática" são interpretações livres da realidade do ensino-aprendizagem na educação superior, falas hipotéticas

referendadas por este contexto, que sinalizam o que sustenta muitas atuações profissionais no campo do pedagógico implementado nesse nível de ensino.

Considerando este contexto, o GEAPU ocupa lugar de destaque como iniciativa pioneira, seja para produzir estudos que continuem a discutir a problemática do ensino-aprendizagem na educação superior, incluindo o próprio conceito de "Assessoria Pedagógica", seja para realizar formação permanente de assessores. O Grupo cumpre seu objetivo, realizando, anualmente, agenda de formação com encontros mensais em que se destaca o compromisso com a autoformação dos assessores pedagógicos, a partir de temas relacionados à rotina da atuação profissional.

E quais são as perspectivas de futuro para o GEAPU? Algumas análises podem indicar caminhos potentes, a começar pela compreensão da sua própria dinâmica de grupo, em especial à dinâmica dos encontros de autoformação e à dinâmica das interações no grupo de *WhatsApp*. A participação mensal nos encontros de autoformação de assessores pedagógicos, de diversas instituições espalhadas pelo país, tem ficado em torno de 30 a 40 presentes nos encontros síncronos realizados por meio da ferramenta digital GoogleMeet. O número pode ser avaliado como reduzido, considerando a presença de quase 400 integrantes no grupo de *WhatsApp*.

Algumas reflexões relativas a estes números são possíveis: 30 a 40 presentes nos encontros formativos mensais e quase 400 no *WhatsApp*: seria uma contradição? Ou uma realidade do mundo digital? Talvez as duas respostas. Por um lado, pode ser considerada contradição quando confrontamos a queixa dos próprios assessores,

em relação à participação docente nas atividades de formação sob sua responsabilidade. Ora, a condição de participação possibilitada é a mesma, e quando os assessores têm sua oportunidade de qualificação, dela se furtam. Mas, por outro lado, a realidade do mundo digital permite analisar o momento histórico presente, desdobramento de uma era de produção e circulação de conhecimento veloz, hiperestimulada em todos os cenários da vida em sociedade. Isso inclui a vida acadêmica concretizada no interior das instituições brasileiras de educação superior, lócus de atuação dos assessores pedagógicos. Como, às vezes, eles estão imersos em frentes de trabalho simultâneas, isso pode impossibilitar a escolha da sua autoformação como prioridade.

Considerando as duas possibilidades de análise do contexto dos assessores como viáveis, importa reforçar que a observação da prática do grupo, seja no *WhatsApp* ou nos encontros formativos síncronos, evidencia que, mesmo com os limites da realidade, os assessores pedagógicos compreendem que a autoformação permanente assume lugar de eixo estruturante da sua atuação profissional e, neste sentido, o GEAPU se destaca como iniciativa importante. Assim, o grupo de *WhatsApp* capilariza, diariamente, as mais diversas opções de atividades de estudo, discussões de temas, que acontecem por todo o país. As trocas produzem no Grupo um resultado prático e imediato, pois indicam caminhos e propostas para que cada um, em sua instituição, se mantenha em constante possibilidade de estudo e atividade.

Essa característica tem consolidado a importância do GEAPU no cenário da educação superior brasileira e talvez seja mesmo um caminho sem volta: as relações pessoais e profissionais por meio do uso das ferramentas digitais de comunicação. As trocas de temas e experiências das atividades em curso nas instituições, bem como as discussões mais atuais, vão indicando para os assessores pedagógicos regularidades a serem consideradas nos seus próprios estudos. Apresentam-se como caminhos para a produção de processos de imitação-criação (Vigotski, 2007; Dias de Sousa, 2016) dos assessores em diálogo com as necessidades das instituições, em que as experiências compartilhadas impulsionam novas iniciativas construídas com peculiaridades próprias, em que se aprende imitando e criando outros possíveis de ser.

Esses processos de imitação-criação têm conseguido "furar a bolha da superfície" para aprofundar-se em estudos de temas e organização de atividades que vão além das bordas e superficialidades? Talvez essa seja uma boa pergunta para a autoavaliação permanente do Grupo, além de uma boa indicação de futuro. Porque é preciso ponderar sobre os limites da inteligência humana no que diz respeito ao acúmulo e apropriação de tanto conhecimento diverso de forma simultânea, sob risco de que a alta estimulação provocada represente risco à saúde de todos.

Assim, as ferramentas digitais embora eficientes para promover encontros e encurtar distâncias, precisam ser utilizadas sem perder de vista os limites da natureza humana. É uma natureza que demanda tempo de maturação para se apropriar de um conhecimento novo,

bem como de descanso para se reestabelecer. Neste sentido, é um cuidado importante que todo o Grupo não pode perder de vista, além de um limite de respeito e saúde. Ter claro que os assessores não precisam e não têm condições de dominar todos os assuntos para os quais são demandados em suas instituições, é uma conquista de consciência que pode apoiar o desenvolvimento da autonomia coletiva e individual, no sentido de possibilitar a indicação de limites para si e para a instituição, combatendo de forma clara a sociedade da performance, da produtividade em escala desmedida, e consequentemente do cansaço (Han, 2015).

Destacada a consciência para limites necessários no uso das ferramentas digitais de comunicação no grupo de *WhatsApp* do GEAPU, é preciso reconhecer que, de fato, estas relações parecem mesmo estar se organizando e se reconfigurando. É o que indica sugestão em curso em 2026, de criar subgrupos internos com objetivo de angariar interessados para estudos específicos de temas diversos demandados pelas instituições de origem dos assessores. Pode mesmo ser um caminho de futuro promissor para o GEAPU, embora não seja possível mensurar, momentaneamente, se os interesses específicos se desdobrarão em estudos mais aprofundados ou em produções mais elaboradas dos próprios assessores para nortear sua atuação profissional, o que também pode se constituir, no futuro do Grupo, uma potente perspectiva de continuidade.

Enquanto as trocas no grupo de *WhatsApp* do GEAPU se consolidam, as presenças nos encontros síncronos de autoformação mantêm-se como desafio. É como se a cada mês existisse um grupo novo, visto que a

regularidade das participações é relativa e os números absolutos, em relação ao número total dos participantes no grupo de *WhatsApp*, pode ser considerada, proporcionalmente, pequena. Os retornos destes momentos são sempre positivos, com excelente avaliação dos participantes. Mas a presença ainda é reduzida. Seria indício da sobrecarga de trabalho dos assessores em suas instituições? Dificuldade de estabelecer limites? Falta de interesse mesmo nos temas definidos em cada mês? Autonomia que não possibilita fazer escolhas no campo da autoformação? Definição de prioridades que secundariza sua autoformação? Talvez todas essas hipóteses tenham seu lastro de realidade e demandem a atitude investigativa permanente do GEAPU. Este também é um caminho potente de futuro para o Grupo.

Neste sentido, observa-se movimento interessante: inicialmente (sobretudo nos dois primeiros anos), as produções científicas de integrantes do Grupo foram socializadas e na medida que os vínculos foram se estabelecendo, as produções científicas coletivas começaram a angariar espaço. O Manifesto dos Assessores Pedagógicos de Instituições de Educação Superior brasileiras (Xavier; Azevedo; Sousa; Wagner, 2023) talvez seja um marco importante na produção científica coletiva do Grupo. Sua significação teórica, política e científica permanece válida e atual, e, sobretudo como produção científica coletiva, sinaliza um caminho potente de futuro para o GEAPU.

Além de marca da produção coletiva do Grupo, o Manifesto dos Assessores constitui uma agenda política, técnica e científica que permanece aberta, visto que os desafios apresentados no documento ainda estão

distantes de serem superados. Neste sentido, a compreensão de que político, técnico e científico são unidades indissociáveis, denotam que a atuação profissional dos assessores também o é, o que propõe fortalecimento de todas essas dimensões em unidade, seja no coletivo ou no individual.

No que diz respeito, especialmente, às produções científicas coletivas, elas demandam amadurecimento de relações, disponibilidade individual para o trabalho metódico, tempo individual e coletivo, paciência na coprodução, além dos rigores epistemológicos. Observa-se que o Grupo tem construído bases para estas relações, indicando potências a serem desenvolvidas e, portanto, boas perspectivas de futuro. Qual o perfil nacional dos assessores? Quantos são? Onde estão? O que impede o desenvolvimento de sua atuação? E o que potencializa? Alguns estudos pontuais e institucionais já sinalizam respostas para essas perguntas, mas permanece como lacuna uma abordagem nacional. Em produções anteriores, Xavier e Cunha (2024) apresentaram uma análise inicial do perfil dos membros do GEAPU, assim como, a partir da configuração da atuação presente no Grupo, também apresentaram uma proposta de teorização em torno do ciclo de vida profissional dos assessores (Xavier; Cunha, 2025). Mas, é evidente que essas produções denotam um iniciar desses estudos, que demandam aprofundamento para que a própria função se concretize nas diferentes culturas institucionais.

Quem sabe não seja o momento de o GEAPU encabeçar estudos mais amplos neste sentido, inclusive com apoio financeiro de entidades de fomento à pesquisa, para formular respostas que consolidem ainda mais a

perspectiva da atividade profissional da Assessoria Pedagógica na educação superior? É uma possibilidade de futuro desafiadora para o Grupo, num contexto político de ameaça permanente para a educação pública de todos os níveis. Neste sentido, a afirmação da Assessoria Pedagógica Universitária assume papel relevante. Afinal, ela só se justifica para apoiar o desenvolvimento da docência universitária, a elaboração de currículos que consigam dialogar com necessidades sociais, enfim, o desenvolvimento pedagógico institucional como um todo.

Em síntese, observa-se que o momento presente do GEAPU pode ser berço a germinar belas e vigorosas sementes de futuro. Elas só são possíveis hoje porque há um caminho prévio já percorrido, construído de maneira sedimentada, responsável e comprometida. É um aceno e um alerta para todos os assessores pedagógicos de instituições de educação superior do país: os contextos ideais de atuação profissional, simplesmente, não existem e qualquer proposta de reformulação de uma dada realidade tende a provocar resistência, incômodo, desconforto. Assim, quebrar resistências e barreiras implica gestar o novo, como o GEAPU tem se proposto a ser, dizer e fazer: de variadas formas, utilizando meios diversos. Sem melindres, quando, por exemplo, a opção é trilhar pelos caminhos da produção humana crítica que exige posicionamento político intencional para afirmar qualquer opção científica e/ou técnica.

São as dores e delícias da natureza humana numa perspectiva crítica: só se desenvolver na relação; perceber como permanente a sua impermanência, buscando entender como pode ser seu alinhamento ao movimento,

a ruptura e à transformação. Que o GEAPU floresça no presente e no futuro. Que se renove, amplie interlocuções e siga comprometido com o desenvolvimento humano, social e com a qualidade da educação superior.

Referências

DIAS DE SOUSA, Walêska Dayse. **Processos de imitação-criação como constituidores da práxis pedagógica**: uma intervenção didático-formativa com o formador de professores. 2016. 343 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue, 2007.

XAVIER, Amanda Rezende Costa. **Contextos Curriculares da Universidade Nova e do Processo de Bolonha**: a Assessoria Pedagógica Universitária em questão. Rio Claro: UNESP, 2019. Tese de Doutorado em Educação.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de; SOUSA, Walêska Dayse Dias de; WAGNER, Flávia. Manifesto - Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária. **Educação: Teoria e Prática**, *[S. l.]*, v. 34, n. 67, p. e48[2024], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v34.n.67.s18246.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; CUNHA, Maria Isabel da. Assessores pedagógicos do ensino superior: uma

análise do perfil profissional de membros de uma comunidade de aprendizagem. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 68, 3 jul. 2024. DOI: https://doi.org/10.15210/caduc.vi68.27170.

XAVIER, Amanda Rezende Costa; CUNHA, Maria Isabel da. Ciclo de vida profissional de Assessores Pedagógicos do ensino superior: uma análise a partir da configuração de um grupo de autoformação para a função. **Perspectiva**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 1–16, 2025. DOI: 10.5007/2175-795X.2025.e100364.

Sobre as Autoras

Adriane Franco Duarte



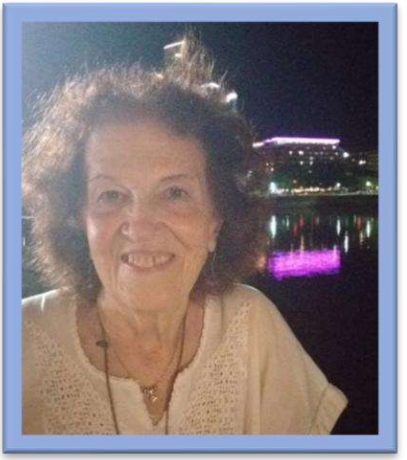
Doutoranda em Educação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *campus* Cascavel. Mestra em Educação e graduada em Pedagogia também pela UNIOESTE. É Pedagoga na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), atuando como Assessora Pedagógica Universitária. Foi Pedagoga do Núcleo de Ensino (NUENS) do Departamento de Educação (DEPED) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) *campus* Francisco Beltrão. É integrante do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/INT): INTerculturalidade, INTernacionalização e INTegração de saberes, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional e Social (GEPPES), e do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU).
Contato: adriane.duarte@unila.edu.br

Amanda Rezende Costa Xavier



Pós-doutora em Pedagogia Universitária, no programa de pós-graduação em Educação da UFPel. Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - UNESP/Rio Claro, com período sanduíche (Bolsista PDSE/CAPES) na Universidade do Porto, Portugal – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Mestre em Educação pela UNESP, na linha de pesquisa de Formação de Professores. Pedagoga pelo Centro Universitário do Sul de Minas. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária - GEAPU. Pedagoga da UNIFAL-MG, *campus* Poços de Caldas.
Contato: amanda.xavier@unifal-mg.edu.br

Elisa Lucarelli



Profesora, Licenciada y Doctora en Ciencias de la Educación por la Universidad de Buenos Aires (UBA). Investigadora Categoría 1 (máxima) en el Sistema Nacional de Investigación de Argentina. Fue profesora titular regular por concurso (hoy jubilada) de Didáctica de Nivel Superior, Dto. de Ciencias de la Educación, Facultad de Filosofía y Letras de la UBA. En el IICE creó el Programa Estudios sobre el aula universitaria, que hoy sigue enmarcando los Proyectos UBACYT. Fue asesora, docente e investigadora en proyectos educativos en los países latinoamericanos, incluyendo a Brasil. Es profesora de posgrado en la Universidad Nacional de Tres de Febrero. Profesora de la Maestría en Enseñanza Universitaria de la Universidad de la República, Uruguay y de otros posgrados en Universidades Nacionales argentinas y del contexto latinoamericano. Investigadora asesora del Proyecto de Investigación UBACYT con sede en el IICE, FFyL, UBA, Directora de dos Proyectos de investigación en el NIFEDE, SID, Universidad Nacional de Tres de Febrero e Investigadora del Proyecto de Investigación NEIES MERCOSUR.
Contacto: elucarel@gmail.com

Flávia Wagner



Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa, Portugal, com diploma revalidado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pós-doutora pela Universidade de Lisboa. Professora e Pesquisadora no Curso de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Orienta projeto de Iniciação Científica junto aos editais do UNIEDU (Governo do Estado de SC) e do ProCiência (Ânima Educação). Realiza Projeto de Extensão Internacional em parceira com a Argentina na criação de formação continuada para debater os temas emergentes da educação básica no início do século XXI. Líder do Grupo Estudos sobre Gestão e Práticas Educacionais, certificado pelo CNPq. Associada da ANPED, da ANDIPE e da Associação Brasileira de Currículo. Bolsista de Pesquisa do Instituto Ânima sobre o Plano Nacional de Educação. Bolsista pela FAPESC sobre o tema da educação inclusiva e ensino superior.
Contato: flv.wagner@gmail.com

Maria Angelica do Carmo Zanotto



Engenheira Florestal pela USP, redirecionou sua carreira para a Educação, área na qual obteve os títulos de graduada em Pedagogia, mestra e doutora em Educação pela UFSCar. Realizou pós-doutorado no Departamento de Engenharia de Materiais (DEMa/UFSCar), com foco no Ensino de Engenharia. Atuou como professora de disciplinas básicas de Psicologia para licenciaturas no Departamento de Psicologia da UFSCar. Integra a Secretaria Geral de Educação a Distância (SEaD) da UFSCar. Coordenadora da Coordenadoria de Inovações Pedagógicas e Formativas. Suas principais frentes de atuação e pesquisa incluem planejamento pedagógico em EaD, ensino híbrido, tecnologias de informação e comunicação, metodologias problematizadoras, autorregulação da aprendizagem e inovações educacionais.
Contato: angelicazanotto@ufscar.br

Maria Antonia Ramos de Azevedo



Pedagoga pela PUC São Paulo, Mestre em Educação pela UFSM, Doutora em Educação pela USP, Pós Doutorado em Pedagogia Universitária na Unisinos. Livre Docente em Pedagogia Universitária pela UNESP. Foi vice-diretora do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista UNESP, *campus* de Rio Claro, onde é professora na área de Didática. Tem experiência na área de Educação com ênfase em Pedagogia Universitária; Formação de Professores; Processos de Gestão Escolar e Universitária; Inovação curricular e pedagógica; e Interdisciplinaridade. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia Universitária (GEPPU/UNESP) certificado no CNPq.
Contato: maria.antonia@unesp.br

Michelha Vaz Pedrosa



Pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa, especialista (*lato sensu*) em Psicopedagogia Institucional, mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa. Coordenadora do GEDES (Grupo de Estudos sobre Docência no Ensino Superior). Membro do Grupo de Estudos sobre Depressão e Ansiedade (GEDA) e do Grupo de Estudos Introdução ao pensamento de Edith Stein. Pedagoga na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES-ES) no *campus* de Alegre atuando no Núcleo de Apoio Acadêmico.
Contato: michelha.pedrosa@ufes.br

Sayonara Ribeiro Marcelino Cruz



Doutora em Educação pela UFMG e Mestre pela UFLA. Com mais de 20 anos de experiência na Educação Básica, atuou também como Técnica em Assuntos Educacionais na UFLA (2013-2023) no assessoramento pedagógico. É Professora Adjunta na UFLA. Coordenadora do Pibid Alfabetização e do Setor de Formação da Diretoria de Educação Aberta e a Distância (DIRED/UFLA). Integra, desde 2020, o Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU) e o Núcleo de Estudos em Inteligência Artificial em Educação (NIAE). Sua trajetória é marcada por uma intensa dedicação ao ensino, pesquisa e extensão, com foco em educação mediada por tecnologias, formação docente, metodologias ativas, e curricularização da extensão.
Contato: sayonaracruz@ufla.br

Walêska Dayse Dias de Sousa



Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Realizou Doutorado sanduíche em Havana – Cuba para estudar psicologia do desenvolvimento e psicologia histórico-cultural. Atuou por 18 anos na Educação Básica como professora dos anos iniciais, supervisora, gestora escolar e formadora de professores. Está há 19 anos na Educação Superior como Assessora Pedagógica Universitária na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), desenvolvendo atividades no ensino, pesquisa e extensão. Integra o Grupo de Estudos sobre Assessoria Pedagógica Universitária (GEAPU) desde 2020.
Contato: waleska.sousa@uftm.edu.br

Este livro narra a trajetória formativa e afetiva do GEAPU, projeto de extensão da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, campus Poços de Caldas, ao longo de seus seis anos de existência. Mais do que registrar uma história, revela a construção de uma Comunidade de Aprendizagem que vem se consolidando como um território de autoformação de assessores pedagógicos da educação superior. Por meio de projetos e atividades formativas, o GEAPU tem ampliado o horizonte profissional de seus integrantes, fortalecendo a identidade do assessor pedagógico e contribuindo para construção da legitimidade institucional dessa função. Neste sentido, tem buscado a superação de uma condição que, por muito tempo, manteve dispersos os profissionais que atuam nessa função, muitas vezes invisibilizados em seu trabalho com a dimensão pedagógica na educação superior. As cartas reunidas nesta obra registram os encontros que marcaram parte desse percurso, preservando memórias, inquietações, aprendizagens e compromissos compartilhados. As narrativas contidas nos capítulos que compõem esse volume, por sua vez, permitem ao leitor conhecer esse território em permanente construção, onde formação, pertencimento e produção de conhecimento caminham juntos, no diálogo entre diferentes experiências, instituições e trajetórias.

GEAPU

Grupo de Estudos em Assessoria Pedagógica Universitária

Pedro & João Editores
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-3277-5